

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA
AMAZÔNIA**

**AS NARRATIVAS COSMOLÓGICAS DO POVO WAIKHANA DO RIO
NEGRO E AS APROXIMAÇÕES POSSÍVEIS COM OS AYMARA DO
ALTIPLANO ANDINO**

WILSON BERGUE VIEIRA FONSECA

**SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM
2026**

WILSON BERGUE VIEIRA FONSECA

**AS NARRATIVAS COSMOLÓGICAS DO POVO WAIKHANA DO RIO
NEGRO E AS APROXIMAÇÕES POSSÍVEIS COM OS AYMARA DO
ALTIPLANO ANDINO**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia, Linha de Pesquisa: Sistemas Simbólicos e Manifestações Socioculturais, sob a orientação do professor doutor Michel Justamand e coorientador Professor doutor Harald Sá Peixoto.

Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

-
- F676n Fonseca, Wilson Bergue Vieira
As narrativas cosmológicas do povo Waikhana do rio negro e as aproximações possíveis com os Aymara do altiplano andino / Wilson Bergue Vieira Fonseca. - 2026.
137 f. : il., color. ; 31 cm.
- Orientador(a): Michel Justamand.
Coorientador(a): Harald Sá Peixoto.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Amazonas, Programa de Pós-Graduação em Soc. e Cultura na Amazônia, São Gabriel da Cachoeira (AM), 2026.
1. Waikhana. 2. Aymara. 3. Cosmologia. 4. Brasil/Bolívia. I. Justamand, Michel. II. Peixoto, Harald Sá. III. Universidade Federal do Amazonas. Programa de Pós-Graduação em Soc. e Cultura na Amazônia. IV. Título
-

WILSON BERGUE VIEIRA FONSECA

**AS NARRATIVAS COSMOLÓGICAS DO POVO WAIKHANA DO RIO
NEGRO E AS APROXIMAÇÕES POSSÍVEIS COM OS AYMARA DO
ALTIPLANO ANDINO**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia, Linha de Pesquisa: Sistemas Simbólicos e Manifestações Socioculturais, sob a orientação do professor doutor Michel Justamand e coorientador Professor doutor Harald Sá Peixoto.

Aprovado em: 11 de setembro de 2025

Banca Examinadora

Prof. Dr. Bruno de Oliveira Rodrigues
Presidente
Universidade Federal do Amazonas

Prof. Dr. Silvio Sanches Barreto
Membro
Universidade de Princeton/Estados Unidos

Profa. Dra. Iraildes Caldas Torres
Membro
Universidade Federal do Amazonas

*Dedico este trabalho
à memória de
Ajuricaba e Tupac Katari*

*“Enquanto existir uma erva,
uma árvore ou um rio no
planeta, nós povos indígenas
existiremos.”*

Edilene Batista Kiriri

AGRADECIMENTOS

A elaboração de um trabalho acadêmico é um processo que, embora seja individual, comporta a contribuição e colaboração de várias pessoas que vieram ao meu encontro e seguraram a minha mão.

A Deus em primeiro lugar, por fazer eu renascer das cinzas várias vezes no decorrer da minha vida, renovando a minha saúde, através do tratamento, proteção e cura.

Aos meus pais que incansavelmente me criaram e educaram com precisão. A meu pai Benedito, que já se encontra no mundo espiritual, sempre foi um amigo e mostrou o valor de um trabalho realizado com honestidade. A minha mãe por ser a minha fortaleza nos momentos difíceis da minha vida. A minha irmã, aos meus irmãos, que sempre me deram apoio nos momentos em que precisei, seja na saúde, doença, trabalho e estudo.

Ao meu orientador Michel Justamand, pelo apoio incondicional realizado no decorrer da pesquisa e por me dar a liberdade de expressar as minhas ideias. Ao meu co-orientador Harald Sá Peixoto, que foi o meu primeiro orientador e mostrou a arte de escrever uma dissertação.

A Universidade Federal do Amazonas, na pessoa do Magnífico Reitor Silvio Puga, pelo apoio dado para a interiorização do curso de Mestrado no município de São Gabriel da Cachoeira.

A Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, que cedeu espaço para realização da cerimônia da minha qualificação.

A professora Kamila Freire de Oliviera, do Instituto Federal do Amazonas, que me preparou para a minha aprovação na Proficiência em Língua Espanhola.

Aos professores da Universidade do Estado do Amazonas - UEA, pela recepção, para a realização das aulas das disciplinas obrigatórias, estágio, reuniões e pesquisas.

A professora Iraildes Caldas Torres, que foi uma das personagens principais na luta para a interiorização do curso de Mestrado na região da Cabeça do Cachorro.

A CAPES, através do Programa Abdias Nascimento, que deu apoio para a realização de Bolsa Sanduiche e intercambio de conhecimento na cidade de El Alto, na Bolívia.

A professora Socorro Arantes, da Universidade Federal do Piauí, coordenadora do intercambio de conhecimento na Bolívia.

A Universidade Pública de El Alto, na pessoa do professor Edwin Campos Ugarte, Diretor das Relações Internacionais, pela recepção e apoio durante a estada na Bolívia.

Aos professores da Bolívia, especialmente a professor Roger Adam, Quisper, Marcelo Fernandez, Wilbert Lopes, Froilan Laime, Leonardo Pilco e Lucila Huaru, que colaboraram com a estadia e pesquisa durante o período do intercâmbio de conhecimento na Bolívia.

A colega Lorena Marinho Araújo, líder indígena, que lutou incansavelmente para que esse sonho se tornasse realidade.

Aos colegas do curso de Mestrado, que sempre estiveram a minha disposição nos momentos em que precisei.

A tio Gabriel que foi o responsável das narrativas do tema central da minha pesquisa, que foi a respeito das narrativas cosmológicas dos Waikhana.

Enfim, aos líderes, familiares da comunidade Tapajós, pela recepção, hospitalidade e que desde o primeiro momento da pesquisa mostraram interesse em colaborar com a minha pesquisa.

Muito obrigado.

RESUMO

Esta dissertação é fruto de um estudo interdisciplinar sobre a cosmologia dos povos indígena *Waikhana* da comunidade Tapajós. Boucou-se analisar a visão que os indígenas *Waikhana* tem do cosmos, da natureza, sobre si mesmo, seu modo de ser e estar no mundo. As narrativas são o solo sobre o qual deitamos nossa análise à luz dos conhecimentos dos *Waikhana* e de suas experiências ancestrais. Trata-se de uma pesquisa interdisciplinar que dialoga com a Antropologia, Etnologia e História, sob a inspiração da etnografia e oralidade. A metodologia utilizada nesta pesquisa, esta alicerçada nas narrativas geradas pelos pesquisados, com destaque dos povos indígenas da etnia Baré, *Waikhana* e *Aymara*. A abordagem qualitativa, a técnica etnográfica, a etnografia em casa e a pesquisa bibliográfica são outras técnicas utilizadas na metodologia. O intercâmbio de conhecimentos na Bolívia com o povo *Aymara* permitiu-nos realizar um estudo aproximado que muito enriqueceu este trabalho. Dentre os resultados constatados ficou claro que os *Waikhana* surgiram no Lago de Leite, através do criador Deus do Trovão e assim como os *Aymara* surgiram no Lago Titicaca, sendo o criador, o Deus *Wiracocha*. Ambos surgiram das águas. Os *Aymara* creem na *Pachamama* e os *Waikhana* à mãe natureza. Disto se conclui que há uma certa aproximação entre os *Waikhana* e os *Aymara*.

Palavras-chave: *Waikhana*. *Aymara*. Cosmologia. Brasil/Bolívia.

SUMMARY

This dissertation is the product of an interdisciplinary study on the cosmology of the Waikhana indigenous people of the Tapajós community. It seeks to analyze the vision that the Waikhana indigenous people have of the cosmos, nature, themselves, and their way of being and existing in the world. The narratives are the soil upon which we ground our analysis in light of the knowledge of the Waikhana and their ancestral experiences. This is an interdisciplinary research that engages with Anthropology, Ethnology, and History, inspired by ethnography and orality. The methodology used in this research is based on the narratives generated by the respondents, particularly from the indigenous peoples of the Baré, Waikhana, and Aymara ethnicities. The qualitative approach, ethnographic technique, ethnography at home, and bibliographic research are other methods utilized in the methodology. The exchange of knowledge in Bolivia with the Aymara people allowed us to conduct a comparative study that greatly enriched this work. Among the results found, it was clear that the Waikhana emerged in Lake Leite, through the creator God of Thunder, just as the Aymara emerged in Lake Titicaca, with the creator being God Wiracocha. Both arose from the waters. The Aymara believe in Pachamama and the Waikhana in Mother Nature. This leads to the conclusion that there is a certain closeness between the Waikhana and the Aymara.

Keywords: *Waikhana. Aymara. Cosmology. Brazil/Bolivia.*

RESUMEN

Esta disertación es el resultado de un estudio interdisciplinario sobre la cosmología de los pueblos indígenas Waikhana de la comunidad Tapajós. Se busca analizar la visión que los indígenas Waikhana tienen del cosmos, de la naturaleza, sobre sí mismos, su forma de ser y estar en el mundo. Las narrativas son el suelo sobre el cual fundamentamos nuestro análisis a la luz de los conocimientos de los Waikhana y de sus experiencias ancestrales. Se trata de una investigación interdisciplinaria que dialoga con la Antropología, Etnología e Historia, bajo la inspiración de la etnografía y la oralidad. La metodología utilizada en esta investigación está basada en las narrativas generadas por los investigados, destacando los pueblos indígenas de la etnia Baré, Waikhana y Aymara. El enfoque cualitativo, la técnica etnográfica, la etnografía del hoga y la investigación bibliográfica son otras técnicas utilizadas en la metodología. El intercambio de conocimientos en Bolivia con el pueblo Aymara nos permitió realizar un estudio aproximado que enriqueció mucho este trabajo. Entre los resultados constatados quedó claro que los Waikhana surgieron en el Lago de Leite, a través del creador Dios del Trueno y así como los Aymara surgieron en el Lago Titicaca, siendo el creador el Dios Wiracocha. Ambos surgieron de las aguas. Los Aymara creen en la Pachamama y los Waikhana en la madre naturaleza. De esto se concluye que hay una cierta aproximación entre los Waikhana y los Aymara.

Palabras clave: *Waikhana. Aymara. Cosmología. Brasil/Bolivia.*

LISTA DE ILUSTRAÇÃO, FIGURAS E MAPAS

Figura 01 – Ilha do Acará, vista do porto da comunidade Tapajós na época da estiagem	34
Figura 02 – Pedra ovo de minhoca	38
Figura 03 – Entrada principal do 5º Batalhão de Infantaria de Selva	47
Figura 04 – Um pedaço da praia do Balneário São José	48
Figura 05 – Escola Municipal Indígena São José	49
Figura 06 – Capela São José	54
Figura 07 – Distrito de Taracá	83
Figura 08 – <i>Kahsaweró (matapi)</i> , um apetrecho de pesca dos povos indígenas	85
Figura 09 – <i>Wairó (cacuri)</i> , um apetrecho de pesca dos povos indígenas	87
Figura 10 – Igapó tomando conta das terras baixas na beira do rio	88
Figura 11 – Lindas praias aparecendo no percurso do rio na vazante	89
Figura 12 – Roça oriunda da mata virgem recém queimada	93
Figura 13 – <i>Dɛhkɛ</i> (<i>manivas</i>) na época da colheita	95
Figura 14 – Cidade de Santa Cruz de La Sierra	109
Figura 15 – Cidade de El Alto	113
Figura 16 – <i>Cholitas</i> em ação	115
Figura 17 – Universidade Pública de El Alto	119
Figura 18 – Sítio Arqueológico do <i>Tiwanaku</i>	121

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACEBEV – Associação Casa de Ervas Barranco de Esperança e Vida
AIS – Agente Indígena de Saúde
AM – Amazonas
BEC – Batalhão de Engenharia de Construção
BR – Rodovia Federal
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CETAM – Centro de Educação Tecnológico do Amazonas
DSEI – Distrito Sanitário Especial Indígena
FAB – Força Aérea Brasileira
FEB – Força Expedicionária Brasileira
FOIRN – Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro
FUNAI – Fundação Nacional do Índio
FVS – Fundação de Vigilância Sanitária
IFAM – Instituto Federal do Amazonas
MEC – Ministério da Educação e Cultura
PPP – Projeto Político Pedagógico
PSS – Processo Seletivo Simplificado
SEDUC – Secretaria de Estado da Educação
SEMED – Secretaria Municipal de Educação
SUS – Sistema Único de Saúde
TCC – Trabalho de Conclusão do Curso
UEA – Universidade do Estado do Amazonas
UFAM – Universidade Federal do Amazonas
UNIASSELVI – Centro Universitário Leonardo da Vinci
UNIP – Universidade Paulista
UMSA – Universidade Mayor de San Andrés
UPEA – Universidade Pública de El Alto

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPITULO I – FORMAÇÃO SOCIAL DA COMUNIDADE TAPAJÓS	20
1.1- O encontro do pesquisador consigo mesmo e com o seu povo	20
1.2- Processo sociohistórico da comunidade Tapajós	29
1.3- Para uma etnografia da comunidade Tapajós	46
CAPITULO II – AS NARRATIVAS COSMOLÓGICAS DOS WAIKHANA DA COMUNIDADE TAPAJÓS	62
2.1- A origem dos ancestrais <i>Waikhana</i>	62
2.2- Ciclo anual dos <i>Waikhana</i> da comunidade Tapajós	84
2.3- A construção da roça, dos apetrechos de pesca e de caça dos <i>Waikhana</i>	90
CAPITULO III – O VOO INDÍGENA WAIKHANA NA INTERNACIONALIZAÇÃO DA PESQUISA: APRENDENDO A VIAJAR ENTRE OS MUNDOS AMAZÔNICO E ANDINO	102
3.1- O voo indígena <i>Waikhana</i> nas águas amazônicas	102
3.2- O voo indígena <i>Waikhana</i> na cultura <i>Aymara</i> e no território da cidade de El Alto (Bolívia)	110
3.3- O mundo andino como resistência à colonialidade sob a proteção da <i>Pachamama</i>	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS	133
REFERÊNCIAS	135

INTRODUÇÃO

Este estudo tem a intenção de realizar uma análise acerca da cosmologia do povo *Waikhana* no sentido de compreendermos quais são os elementos constitutivos da sua cultura, incluindo a pesca, a caça, roça e crenças, estabelecendo um paralelo com a cultura do povo *Aymara* da Bolívia.

Os *Waikhana* ou povo *Piratapuya* são da família tukano oriental, originários do rio Papuri entre Brasil e Colômbia. Circulam geralmente entre os dois países, sendo o Distrito de *Yauaretê*, o que mais tem famílias *Piratapuya*, além de São Gabriel da Cachoeira e Santa Isabel do Rio Negro. Apesar de parecer bem distribuída demograficamente no rio Negro, a língua desse povo apresenta-se altamente ameaçada. No último censo, realizado em 2010, apenas 81 pessoas se identificaram como sendo dessa etnia e menos de 6% da população *Waikhana* no Brasil, falavam a língua indígena em casa (Balykova, 2021).

Há uma preocupação grande pelas áreas da linguística em relação ao nosso idioma, pois são poucos os falantes, podendo acontecer o que ocorreu com o idioma Baré na região que está quase extinto. Há de se considerar que a língua está ameaçada, por mudanças sócio-históricas na região. Dois dos principais fatores que ajudaram na diminuição do uso da língua *Waikhana* nas últimas três décadas são: a intensa migração de famílias *Waikhana* das suas aldeias originárias para lugares como a comunidade indígena de *Iauaretê*, outras comunidades ao longo do Uaupés e também nas cidades de São Gabriel da Cachoeira e Santa Isabel (ambas fora da Terra Indígena do Alto Rio Negro); e o crescente uso da língua Tukano como língua franca na região (Cezario, 2019).

A preocupação é grande entre os últimos falantes, os anciãos, de modo latente aqueles que moram no meio mais urbanizado, por que eles não tem com quem conversar em sua língua nativa. Os que podiam conversar, de maneira abrupta já faleceram. Na Comunidade Tapajós apenas três irmãos falantes ainda restam. E com a partida de seus entes queridos, se foram as sabedorias partilhadas há milênios por essa etnia. Apesar disso, ficaram ainda os que restam de suas sabedorias, e eles ainda tem muito a contribuir para as demais sociedades e culturas amazônicas. Não muito diferente das demais sociedades amazônicas, os povos do Alto Rio Negro, conhecem bem o seu meio ambiente e possuem relação de simbiose. O homem indígena precisa de tudo que o rodeia, ele e sua aldeia, para sobreviver e para aprender desde pequeno a respeitar o tempo do seu meio ambiente. Como ser pensante o homem indígena, busca por milênios as respostas sobre a criação de tudo, na aldeia, no sitio, na roça, na terra, no céu e nas

plantas. Ele percebeu que a observação de todos os seres vivos e inanimados é o melhor caminho para poder entender o mundo.

Observe-se que o homem como ser pensante, independe da cultura e sempre buscou respostas sobre o universo circundante. Com os indígenas de maneira geral, também não foi diferente. Para isso criaram suas narrativas, na maioria das vezes relacionadas a eventos cíclicos, como o dia, a noite e as fases lunares. Olhavam o céu, a época e refletiam sobre as mudanças e acontecimentos nas aldeias. Conforme Afonso (2013), há provas concretas com pinturas rupestres em rochas, retratando diversos eventos cósmicos, pinturas estas, que podem ser encontradas hoje em diversas partes do Continente Sul-Americano (Afonso, 2006; 2013). Como os povos indígenas, que dependem da floresta, rios, roças, plantas e animais, é impossível ignorar as mudanças no céu no dia a dia. Todo o comportamento da natureza é influenciado pelo homem. Isso os indígenas sabem e percebem como ninguém, porque são a própria natureza, a Mãe Terra. A dinâmica da natureza tem sofrido com as mudanças climáticas provocadas pelo homem branco, visto que não precisa da natureza para sobreviver como nós.

Esta pesquisa tem como objetivo geral, analisar por meio das narrativas a cosmogênese *Waikhana*¹, suas interpretações sobre os fenômenos das constelações, como serviam de guia para o manejo do mundo, a sobrevivência deste povo e quais são as aproximações possíveis com os Aymara do altiplano andino.

A comunidade Tapajós, localizada na estrada de Camanaus, a 15 km do município de São Gabriel da Cachoeira, foi o campo de pesquisa das narrativas cosmológicas do povo *Waikhana*, que concentra uma pequena população de 174 pessoas, as quais pertencem a diversas etnias que ali residem. No local, os moradores praticam a agricultura, a pesca e o extrativismo. É ponto turístico, por possuir praias em época de seca. Possui duas igrejas, campo de futebol e uma escola indígena. A chegada do povo *Waikhana* na comunidade, ocorreu nesse contexto histórico apresentado por mim a partir de 1970, no alto Rio Negro a forte migração de famílias do interior aos núcleos urbanos. Isso foi impulsionado, pela queda no preço dos produtos extrativistas, gerando a busca por trabalho assalariado e pelo fechamento dos internatos salesianos, ocorrido em meados dos anos 1980. Para viabilizar a continuidade da escolarização dos filhos, muitos migraram para as áreas urbanas dos municípios de São Gabriel da Cachoeira e Santa Isabel do Rio Negro, as duas maiores cidades indígenas no Brasil.

Como membro de um clã Tukano, mas descendente também da etnia *Waikhana*, nasci e fui criado pelos meus pais, que estudaram no regime de internato, na Missão Salesiana de

¹ Nome original dos *Piratapuya* que significa peixe gente.

Taracua. Nessa época eles testemunharam a proibição da língua indígena, sentiram na pele a dificuldade em aprender a falar o português, de se comunicar com as freiras e padres. Por isso, quando fui crescendo, me ensinaram a falar português, para eu ter facilidade em me comunicar com os salesianos ao ingressar na escola. Consequentemente, o meu pai não transmitiu os conhecimentos da etnia *Waikhana*. Atualmente percebo, que sou fruto da política da integração dos povos indígenas ao estado brasileiro, mas, ao me identificar que sou indígena, sinto a necessidade de conhecer a minha cultura, especificamente da etnia *Waikhana*.

No intuito de conhecer, tenho visitado meus parentes em suas comunidades indígenas e distantes do centro do município de São Gabriel da Cachoeira. Durante as visitas, percebi no primeiro momento a ausência do meu pai e dos meus tios que já faleceram. Com eles foram os conhecimentos *Waikhana*, seus costumes, rituais, contos, lendas e sua cosmologia. Entre as perdas de grande impacto, está a língua *Waikhana*, que nas comunidades indígenas, principalmente na região do Triângulo Tukano, acabou sendo substituída pelo português e pela língua Tukano. Entre idas e vindas, conheci a comunidade Tapajós. Descobri que nessa comunidade, moram os meus tios, parentes do meu finado pai, pertencentes à etnia *Waikhana*. No primeiro momento nos anos noventa, conheci o tio Getúlio. Recentemente, mais três irmãos, os tios Gabriel, Cândido e Pedro.

Na Comunidade Tapajós, importante núcleo cultural do município de São Gabriel, há apenas 3 falantes, o tio Gabriel e seus dois irmãos, que ainda estão vivos, sendo todo o restante de seus parentes *Waikhana*, falantes de outras línguas como Tukano, Nheengatu e Português. Hoje eles são testemunhas da expansão da língua Tukano na região e da utilização da Língua Portuguesa como língua oficial da nação brasileira. O Nheengatú é considerado a língua oficial do local, cujos falantes pertencem à etnia Baré. A chegada das outras etnias na comunidade Tapajós também contribuiu para a desvalorização da língua *Waikhana*. Diante dessa realidade, quando tive acesso ao edital da seleção para o ingressar no curso de mestrado, do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas, fiquei pensativo sobre qual tema eu iria desenvolver no meu projeto de pesquisa.

No primeiro momento pensei em vários temas como: o surgimento da etnia *Waikhana* através da cobra canoa, língua escrita da etnia *Waikhana*, danças e cantos da etnia *Waikhana*, os apetrechos de pesca da etnia *Waikhana* e utilização das constelações como calendário anual dos *Waikhana*. No segundo momento, fiquei preocupado com o local da pesquisa. Pensei na comunidade Tancredo Neves, que fica localizada na região de Camanaus, onde também vivem os parentes *Waikhana*. Só de pensar que os meus tios já faleceram, desisti da ideia. Fiquei pensativo por vários dias, mas, percebi que o tempo nesses momentos passa rápido. Numa

manhã, lembrei do tio Getúlio, do passeio dos anos noventa, pois sabia que ele pertencia a etnia *Waikhana* e morava na comunidade Tapajós. Em seguida fiz uma viagem para encontrar com o tio Getúlio em Tapajós.

Quando cheguei lá, ele me informou que infelizmente não sabia de nada sobre a cultura dos *Waikhana*. Ele lembrou que saiu da comunidade de origem ainda quando era criança. Felizmente o tio Getúlio indicou outras pessoas também da etnia *Waikhana* que moravam na comunidade. Por um momento fiquei triste, pois o tio Getúlio era minha única esperança da comunidade para transmitir os conhecimentos da etnia *Waikhana*. Teve momento que também lembrei do meu pai finado, porque se ele estivesse ainda vivo, eu não estaria precisando de informante. Sai da casa do tio Getúlio e fui caminhando em direção a casa indicada. Ao chegar lá, fui atendido por dois senhores. No decorrer da conversa, eles me informaram que também não sabiam sobre a cultura *Waikhana*, mas, que o irmão mais velho, tinha o conhecimento das histórias da etnia *Waikhana* e que no momento ele estava ausente. Fui informado também que no retorno ele iria permanecer na comunidade e garantiram que eu iria encontrar com ele. Em seguida fiz umas anotações a respeito do espaço físico da comunidade e retornei para a cidade.

Depois de algum tempo, quando retornei para Tapajós, conheci o senhor que os dois irmãos tinham informado, anteriormente. Quando esse senhor falou que era parente do meu pai, fiquei muito contente e acabei conhecendo mais um tio. A partir daquele dia conheci o tio Gabriel. Durante a conversa, ele falou que realmente conhecia as histórias dos *Waikhana* e que ele iria me ajudar. Naquele dia voltei muito contente para a casa. No terceiro momento, tive que escolher um dos temas para iniciar a escrita do meu projeto de pesquisa. Inspirado pela minha formação acadêmica, em Licenciatura em Física, pela UFAM, decidi que o tema do meu projeto de pesquisa seria a utilização das constelações como calendário anual dos *Waikhana*, narrado pelo tio Gabriel, morador da Comunidade Tapajós.

Outro apoio importante que encontrei na escolha do tema foi a história contada pela minha mãe. Quando casou com o meu pai, ela morou vários anos na casa do sogro, na comunidade Aracú, onde viviam só pessoas da etnia *Waikhana* no médio Rio *Waupés*. Ela não sabia da história, mais, ouvia do sogro quando ele dizia que tal constelação estava para surgir e que estava aproximando a época da cheia do rio. Através desses conhecimentos, ele preparava o *cacurí* para pegar o peixe do rio, preparava o *matapí* para pegar o peixe do igarapé, sabia em que época era necessário colocar o pau oco no igarapé para pegar peixe, em que período era necessário pescar tucunaré com caniço ou arco e flecha, inclusive sabia o período de caça e piracema. Por meio das constelações, ele sabia o período exato para roçar, derrubar as árvores, queimar a roça, plantar e colher. Através do calendário estelar, o meu avô, também sabia a

época do amadurecimento das diversas frutas, como pupunha, açai, *inajá*, *vacú*, *umari*, buriti e *cucura*. Além disso, o meu avô paterno, através da mudança das constelações ele sabia o período da enchente do rio, da seca do rio, do verão, do inverno, do surgimento das diversas doenças, dos perigos e que era necessário benzer para se proteger. Por meio desses conhecimentos, o meu avô utilizava estratégias que consequentemente geravam o bem-estar da sua família.

Atualmente, todos esses conhecimentos são desconhecidos pela maioria dos *Waikhana* da nova geração. Tentam levar a vida sem obedecer a essas regras. Constroem a roça na época errada e consequentemente não realizam uma boa colheita. Não sabem o período exato do amadurecimento das frutas do mato e quando vão procurar já não existe mais. Não sabem mais benzer e nem sabem quais doenças irão aparecer com o surgimento de determinada constelação. Todos esses conhecimentos, precisam ser registrados, para que a próxima geração possa perceber que os *Waikhana* são um povo riquíssimo de culturas milenares e que sempre estiveram a disposição para o bem-estar dos mesmos.

É justamente por isso que venho através dessa dissertação, cumprir a missão² de não só contemplar os mistérios do céu *Waikhana*, mas de auxiliar na narração da cosmogênese dos meus ancestrais, que está adormecida e guardada na memória do tio Gabriel, pertencente a etnia *Waikhana*. Esta narrativa *Waikhana* se justifica na medida em que pode contribuir para o registro acadêmico desta etnia nos anais de história ou de ciências. Trata-se de narrativas dos *Waikhana* da Comunidade Tapajós e seus conhecimentos sobre o céu e suas influências mitológicas, e ambientais no manejo do mundo. Além disso, a língua *Waikhana*, está se tornando cada vez mais rara, pois, a maioria de seus clãs tem se casado com outras etnias, colaborando dessa forma com a desvalorização e pondo em risco a extinção da referida língua. A minha ida para a cidade de El Alto, na Bolívia, com o objetivo de realizar o intercâmbio de conhecimento, fez eu acrescentar mais um item na justificativa. Durante a minha estada em El Alto, vivenciei as culturas e tradições do povo *Aymara*. Foi uma realidade que nunca vivi e jamais esquecerei no decorrer da minha vida.

A metodologia do trabalho atende a uma abordagem das orientações qualitativas e etnográficas. As narrativas são as fontes iluminadoras do conhecimento que aqui se tece e apresentamos à academia. Extraímos da fala do narrador as narrativas emergentes, novas e, portanto, didaticamente inovadoras, como sendo uma tecnologia de inovação (Torres, 2024).

² Na região da cabeça do cachorro, um professor é visto como uma pessoa letrada, que sabe redigir uma excelente redação e é justamente por isso que pretendo cumprir a missão de escrever a narrativa cosmogênese dos Piratapuya da comunidade Tapajós.

As narrativas foram coletadas junto a uma amostra de 06 sujeitos da pesquisa, dentre os quais, parentes de sangue, uma espécie de etnografia em casa, como assinala Barreto (2022).

O trabalho está seccionado em três capítulos didaticamente interdependentes. O primeiro capítulo apresenta uma discussão sobre a formação social da comunidade Tapajós locus de nossa pesquisa. Busca-se expor questões cruciais deste pesquisador em busca de sua identidade, num encontro consigo e com o seu povo. Apresenta também os processos socioculturais da comunidade Tapajós e a etnografia da própria comunidade.

O segundo capítulo traz as narrativas a respeito do povo *Waikhana*, sua cosmologia, os ciclos anuais da natureza e seu sistema de trabalho como a roça e os apetrechos de pesca e caça. O terceiro capítulo expõe aspectos aproximativos entre os indígenas *Waikhana* de São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas, Brasil e o povo Aymara de El Alto, na Bolívia. Fruto da experiência de Bolsa Sanduiche realizada em El Alto, este último capítulo se reveste de um significativo avanço no campo da internacionalização da pesquisa indígena.

A relevância social desta pesquisa é patente para a ciência indígena, que se encontra em desenvolvimento no Brasil, e que se avança no Rio Negro. É especialmente importante para nós os povos indígenas que passemos a conhecer melhor as nossas origens.

CAPÍTULO I

FORMAÇÃO SOCIAL DA COMUNIDADE TAPAJÓS

“Enquanto os indígenas não escreverem livros de história, toda invasão vai ser descobrimento”

Leonardo Brelaz

1.1-O encontro do pesquisador consigo mesmo e com o seu povo

Pertenço à etnia *Waikhana*³, sou *Mahã W̃h̃wa*⁴ e descendente de *Dihpali Po'ona*⁵. Sou filho de Benetido Fonseca (*Sioro Duhi*⁶) da etnia *Waikhana* e de Sofia Vieira (*Pino Duhio*⁷), da etnia Tukano. Meus avós paternos se chamavam Miguel Fonseca (*Mahã W̃h̃wa*), da etnia *Waikhana* e Sabina Bernardo (*Pino Duhio*), da etnia Tukano. Os meus avós maternos se chamavam Dionísio Vieira (*Urêmini*⁸), da etnia Tukano e Catarina Cordeiro (*Kaisaro*⁹), da etnia Tariano. Meus pais tiveram cinco filhos dos quais eu sou o terceiro filho. Como se observa por meio de aproximações étnicas distintas nossa genealogia é feita do entrelaçamento dos *Waikhana*, *Tariano* e *Tukano*.

Eu nasci no dia 30 de junho de 1975 na Vila São José, um pequeno bairro do distrito de Taracúá, rio Waupés, no município de São Gabriel da Cachoeira, localizado no Noroeste Amazônico. Meus pais eram ex-alunos internos do colégio salesiano Sagrado Coração de Jesus em Taracúá, chegaram a morar nos enormes prédios estilo colonial, comandados pelos Padres Salesianos e as Freiras Filhas de Maria Auxiliadora. Neste ano a referida congregação completa 123 anos de existência e isso nos mostra a sua coparticipação na formação educativa e social de muitos habitantes locais.

A minha mãe cresceu órfã de pai, pois ele deixou este mundo quando ela era criança. Logo depois ela se tornou interna e praticamente cresceu dentro do internato. Lá, ela vivenciou a rotina das freiras e conheceu a doutrina da religião católica. Nessa época testemunhou o funcionamento das leis, em proibir aos indígenas de falar sua língua e de qualquer forma tinham

³ Palavra oriunda da língua *Waikhana* que significa Peixe-gente.

⁴ Palavra oriunda da língua *Waikhana* que significa Arara.

⁵ Palavra oriunda da língua *Waikhana* que significa filhos do peixe ararí-pirá.

⁶ Palavra oriunda da língua *Waikhana* que se refere a um tipo de andorinha.

⁷ Palavra oriunda da língua *Tukano* que significa cobra sentada.

⁸ Palavra oriunda da língua *Tukano* que significa rouxinol.

⁹ Palavra oriunda da língua *Tariano*, utilizada pelo pajé para dá o nome do benzimento à uma criança recém-nascida.

que aprender a língua portuguesa, de certa forma um processo de violência linguística e cultural que muitos povos irmãos sofreram no corpo e na alma.

Com o meu pai, não foi diferente, também passou pelo internato. Pela história contada por ele, entendi que ele era esperto e brincalhão. Foi submetido a vivenciar a doutrina cristã católica e com o passar do tempo, o seu jeito de ser conquistou os seus superiores. Esteve presente na época, quando a lei do governo vigorou, proibindo aos indígenas falarem as suas línguas maternas. Disse-me certa vez que no corredor do prédio, existia um quadro e nele estavam escritos os nomes dos alunos que falavam a língua indígena. Todas as vezes que o assistente flagrava alguém conversando na língua indígena, colocava a pontuação na lousa ao lado do nome da pessoa e logo em seguida era convocado para ser advertido. O nome do meu pai liderava nas pontuações que inclusive enchia o quadro. Para o meu pai aquilo era uma forma de diversão, mas, para os seus superiores ele era um menino danado, esperto e trabalhador. Foi por meio dessas qualidades que meu pai conquistou a confiança dos seus superiores salesianos e assim que terminou a fase escolar já ingressou no mercado de trabalho com os missionários.

Por meio da história de vida de meus pais, percebe-se que a comunicação com a língua portuguesa entre os seus superiores, no início do internato, não foi fácil. A minha mãe conta, que no primeiro momento as únicas palavras utilizadas para conversar com as freiras eram: “irmã”, “sim”, “não”, “eu quero e vou”. No salão de estudo, para ir ao banheiro, tinha que erguer o braço com dois dedos indicador, médio juntos e dizer: “irmã cetina”. Depois de dois, três anos de internato, a conversa em língua portuguesa ia cada vez mais se aperfeiçoando. As internas para aprimorar a fala, explicavam em português os trechos da Bíblia. A essa altura do internato o nível da conversa já se encontrava no estágio avançado como: “vamos jogar bola? Irmã, queremos bola para brincar, por favor”. Nos últimos anos do internato, a conversa em português era totalmente avançada e as freiras diziam: “meninas, agora vocês estão falando demais”. Foi dessa forma que meus pais aprenderam falar língua português.

Depois do casamento, já com os filhos, a minha mãe se encontrou com uma das freiras que foi a sua superiora no internato, nessa oportunidade a missionária perguntou:

- “você está ensinando a sua língua materna para os seus filhos”?

- A minha mãe respondeu: “irmã, lembra quando a senhora proibia a gente falar tukano? Lembra quando a senhora ensinou a gente a falar português? Eu não ensinei mais os meus filhos a falar tukano, mas eles entendem tudo. Eles não são caranguejo para andar pra trás. Eu ensinei a falar português para não passarem vergonha como eu passei no internato quando eu queria falar com vocês. Agora, eles falam português”.

- *A freira respondeu: “veja que você fala demais”.*

A essa altura, as duas já tinham se tornado amigas. Fiz esse registro para que pudéssemos apreciar a riqueza desse diálogo das muitas lembranças que guardo das conversas de minha mãe em família, por isso, o ressaltarei nessas linhas do texto. Pois, foi nesse ambiente familiar que eu nasci. Como se pode perceber a estratégia utilizada pelos meus pais, foi a de ensinar a falar português, para que os filhos não “passassem vergonha” na hora de se comunicar com a freiras e padres na escola. Na casa onde eu nasci, o meu avô paterno só falava língua *Waikhana*, a minha mãe falava a língua Tukano, praticamente os meus pais além de falar a sua língua tradicional, também falavam a língua portuguesa. Por esse motivo, tive dificuldade de falar rápido. Os meus pais testemunharam que fiquei quatro anos sem falar, até pensaram que eu tinha nascido com problemas de audição. Mas não desistiram, continuaram me ensinando a falar português. No quinto ano da minha existência, depois que o meu avô paterno faleceu, vítima de sarampo, comecei a pronunciar as primeiras palavras em português. A partir das primeiras pronúncias, foi fácil aprender a língua portuguesa e a insistência dos meus pais serviu de base para o aprimoramento.

As minhas tias, primas do meu pai, adotaram a mesma estratégia e acabaram ensinando a língua portuguesa para os seus filhos. Por isso, na Vila São José, onde nós morávamos, todos os meus primos e primas, crescemos falando português. Brincávamos todas as tardes na proximidade das nossas casas, onde tinha um enorme campo de areia e depois tomávamos banho no igarapé de água fria que também ficava perto. Nas noites de luar a brincadeira se prolongava até as dez da noite, quando encerrava com o banho no igarapé. Praticamente crescemos brincando todas as tardes numa praia, pois a nossa vila era formada por um grande areal.

A partir das cinco e trinta da tarde, nossos pais nos liberavam, para brincar, pois, utilizavam a estratégia dos missionários. Nas outras horas, era o momento de estudo e trabalho. Foi uma época em que fui muito feliz. Eu era apenas uma criança, só pensava em brincar, mas, meus pais já ensinavam que viver não era apenas brincar e que tinham tarefas de casa a serem cumpridas. As principais tarefas de casa eram: varrer o chão de casa e do quintal, encher as panelas de água do igarapé, tirar lenha e fazer as tarefas escolares. Foi uma época que eu não largava da minha mãe. A minha mãe era tudo para mim. O meu pai, sempre foi um guerreiro e nunca deixou faltar comida em casa.

Em 1981, aos seis anos de idade, ingressei no mundo da educação salesiana, na modalidade pré-escolar. Eu era um menino muito tímido e por isso ficava na “minha”¹⁰. Não foi fácil separar da minha mãe, mas, eu tinha que me acostumar a nova rotina. A minha primeira professora foi uma freira, a Irmã Hilda, oriunda do estado de Minas Gerais e jamais esquecerei dela. A primeira tarefa dada, foi aprender a escrever o meu nome e com a ajuda da minha mãe consegui realizar o exercício. No decorrer do ano letivo, conheci as vogais, consoantes, os números e também aprendi a ler. Além de ser uma ótima alfabetizadora, a Irmã Hilda era uma excelente cantora que se destacava na aula de canto e nas missas.

No ano de 1989, cursei a 8ª série, que era a última série do ensino fundamental daqueles tempos. Nesse ano, tive uma nova experiência. Antes do início da aula, fui falar com o Padre Edmundo, o pároco, para trabalhar no pasto de gado administrado por ele, com o objetivo de comprar os materiais escolares. Felizmente deu certo, inclusive com o salário pago, e a pedido da minha mãe comprei o diesel para a lamparina de casa. Fiquei muito contente, quando percebi que estava colaborando com a despesa de casa.

Quando conclui o ensino fundamental em Taracuí, falei com os meus pais que iria continuar os meus estudos, seguindo os passos do meu irmão Sérgio. Ele concluiu o ensino médio, trabalhando e morando numa casa antiga com assoalho de madeira, ministrada por um salesiano muito conhecido pelos meus pais que se chamava Tomás Halley, mais conhecido como senhor Tomás. A ideia deu certo.

Em janeiro de 1990, viajei para São Gabriel da Cachoeira, com o objetivo de trabalhar e continuar com os meus estudos. A única escola estadual que existia na época era o Colégio São Gabriel, onde me matriculei para cursar o ensino médio, com formação em magistério de 1ª a 4ª série. Estava correndo tudo bem, quando no mês de setembro, fui vítima do desabamento da casa onde morávamos. O meu patrão, senhor Tomás também foi vítima da tragédia, não resistiu e acabou falecendo. Praticamente ambos ficamos soterrados. O meu irmão Sérgio e o meu primo Juvenal escaparam por pouco. Fiquei dois meses internado no hospital da cidade, depois tentei voltar para a escola, mas, estava sem condições e acabei reprovado.

Tudo começou em 1991 quando voltei a cursar a 1ª série do ensino médio e os meus pais falaram com a tia Elza, para eu morar com ela, com o objetivo de continuar os meus estudos. Em 1993, cursei a 3ª série do magistério. A festa de formatura foi excelente. Contratamos uma banda de música e juntamente com os nossos familiares, nós os formandos nos divertimos naquela noite. Também neste ano, me alistei para servir no exército brasileiro,

¹⁰ N.A. vocábulo informal utilizado para dizer que eu ficava calado, observando o que se passava ao meu redor.

fui aprovado no exame de seleção e no ano seguinte me apresentei no quartel da companhia de engenharia.

No final do mês de janeiro de 1994, apresentei-me no quartel da companhia de engenharia, denominada na época 1ª/1º BEConst (1ª Companhia do 1º Batalhão de Engenharia de Construção), cujo batalhão está localizado na cidade de Caicó no estado do Rio Grande do Norte. Passei uma semana treinando a ordem unida, enquanto aguardava a lista dos conscritos que realmente iriam servir e quando saiu a relação, o meu nome constava nela. A partir daquele momento o sonho de ingressar no seminário, foi substituído pela vontade de querer servir no exército brasileiro. A cerimônia de incorporação aconteceu no início do mês de fevereiro e não estranhei tendo em vista que tinha colegas do magistério na caserna.

No ano de 2001, já ciente que não tinha mais estabilidade para cabos e soldados, que aquele era o meu último ano no exército brasileiro, fiquei pensativo e preocupado sabendo que no ano seguinte eu estaria desempregado. Depois de muita reflexão, decidi continuar com os meus estudos. Na cidade, já haviam comentários que naquele ano iria acontecer a prova de vestibular da UFAM em parceria com a Prefeitura. No decorrer do ano tudo foi se concretizando. Foi o ano de inscrição e preparação para a prova de vestibular. O curso escolhido foi licenciatura em matemática e no mês de dezembro o meu nome constava na lista dos aprovados. Fiquei muito contente.

Até aqui, posso dizer que eu fui preparado para fazer parte da sociedade nacional. Infelizmente até nesse período da minha vida eu desconhecia totalmente a minha cultura. A educação escolar gerida pelos missionários, a formação militar no exército brasileiro colaborou para esse fim. Tudo iria mudar com a minha saída do exército brasileiro, com o meu ingresso na Universidade Federal do Amazonas e com o meu retorno para distrito de Taracuá onde eu nasci. A partir dali, iniciou-se uma nova fase na minha vida, que foi a busca da minha identidade cultural, iniciando-se com a minha vivência na comunidade, com o meu ingresso na educação escolar indígena através do ensino via pesquisa e que deu continuidade no curso de mestrado através da pesquisa de campo.

O curso de licenciatura em matemática iniciou em janeiro de 2002, as disciplinas iriam ser ministradas no período de férias, da seguinte forma: janeiro e fevereiro; julho e agosto. Nos demais meses, os universitários estavam liberados para trabalhar. Nessa época como eu estava desempregado, resolvi retornar para Taracuá com o objetivo de me dedicar somente à faculdade, conseqüentemente também ajudei meus pais na roça e na pesca. Foi um ano muito difícil financeiramente, mas também foi o ano que voltei a praticar os afazeres indígenas na minha comunidade juntamente com os meus pais e comunitários, como: trabalho comunitário,

festa de dabucuri, construção da roça e preparativo dos apetrechos de pesca. Uma nova era iniciava na minha vida, que era a busca do conhecimento da minha cultura.

No ano de 2004, quando chegou o mês de agosto, fui contratado pela SEDUC-AM, para ministrar aulas de Física, Química e Biologia. Na época foi implantado o Ensino Médio Diferenciado Indígena nos distritos de Pari-Cachoeira, Taracuí e Assunção do Içana. No início, o curso funcionou como Ensino Médio Acadêmico. Assegurados pela Constituição Federal de 1988 e assessorados pelo MEC, em 2005, buscamos uma estratégia para o funcionamento do novo modelo de ensino. Depois de várias reuniões, foi decidido que no turno matutino, seriam ministradas as disciplinas do núcleo comum do ensino médio e no turno vespertino seriam desenvolvidos os conhecimentos tradicionais através do ensino via pesquisa. O objetivo principal do ensino médio era voltado ao preparo dos alunos para concursos, vestibulares, resgate cultural e vivência na comunidade.

Um fato inédito aconteceu com as primeiras turmas do ensino médio que foi a construção da roça escolar e resultou na produção de farinha em alta escala. A partir desse ano, através do ensino via pesquisa, também trabalhamos em parceria com a comunidade, a respeito do resgate cultural, que foram realizadas várias atividades como: pesquisa sobre cantos indígenas, danças indígenas, estudo sobre bebidas tradicionais, fabricação dos instrumentos de sopro, fabricação das cestarias, escrita das fábulas indígenas e histórias tradicionais. De forma particular, aproveitei para fazer pesquisa sobre a língua dos *Waikhana*, que é a minha língua paterna.

Durante as férias, tinha o compromisso de viajar para São Gabriel da Cachoeira, para cursar a faculdade. No final desse mesmo ano, aconteceu a formatura de conclusão do curso. Finalmente eu e meus colegas, tornávamos professores licenciados para ministrar aula de matemática e estávamos muito contente. Em particular, o meu sonho de ter uma graduação se tornou realidade e já estava incluso no mercado de trabalho.

Em 2006, continuei trabalhando como professor do ensino médio diferenciado indígena e depois de quatro anos de namoro, aconteceu o meu casamento na igreja matriz do distrito de Taracuí. Em dezembro desse ano viajei para Brasília, juntamente com os meus colegas professores, por conta da FUNAI, para participar do curso de informática, realizado pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e tecnologia. Esse projeto foi desenvolvido especificamente com os professores indígenas de Taracuí, Pari-Cachoeira e Balaio. Nos anos de 2007, 2008 e 2009, continuei com a profissão de professor do Ensino Médio Diferenciado Indígena, contratado pela SEDUC-AM, através do Processo Seletivo Simplificado (PSS).

Por motivo de doença, em 2010, retornei para São Gabriel da Cachoeira. No decorrer do ano, ocorreu o tratamento de saúde e felizmente foi realizado com sucesso. Nesse ano fui lotado no turno vespertino como professor na Escola Estadual Dom João Marchesi e no turno noturno na Escola Estadual Irmã Inês Penha. Em 2011, fiz inscrição para cursar Licenciatura em Física pela UFAM, que foi aberta como a segunda licenciatura para os professores que ministravam a disciplina de Física e que não tinham formação na área. O curso funcionava somente na época de férias como janeiro à fevereiro; junho à julho. Em 2012, o curso de Licenciatura em Física deu continuidade e encerrou no final do ano. No decorrer de 2011 e 2012, além das duas escolas citadas anteriormente, também fui lotado como professor na Escola Estadual Sagrada Família e Escola Estadual São Gabriel.

No ano de 2013, fui transferido para cidade de Barcelos, já como professor concursado com 40 horas na disciplina de Matemática. Nesse ano, fui lotado como professor na Escola Estadual Pe. João Badalotti, com complementação de horas na Escola Estadual Angelina Palheta Mendes. Nos anos de 2014, 2015, 2016 e 2017, continuei ministrando aulas na Escola Estadual Pe. João Badalotti.

Em 2017, a Universidade do Estado do Amazonas, com o apoio do governo estadual, promoveu o curso de especialização para os professores estaduais. Fiquei muito animado com a novidade e fiz inscrição para cursar a especialização no Ensino da Matemática e infelizmente só tiveram dois inscritos para essa modalidade. Por esse motivo fui reagrupado para participar do curso de Especialização em Letramento Digital.

Em 2019, o curso finalizou com a apresentação do TCC. O meu trabalho final estava voltado à importância do podcast na transmissão do conhecimento. Fiquei muito contente, pois nunca pensei que um dia iria concluir um curso de especialização. Durante esses dois anos, continuei lotado na Escola Estadual Pe. João Badalotti. A essa altura eu era o professor concursado também na disciplina de Física com mais 20 horas. O ano de 2020, infelizmente iniciou com a notícia de expansão da coronavírus no mundo. Nesse ano também fui lotado para ministrar aula na Escola Estadual Pe. João Badalotti. O ano letivo iniciou com muita tensão, uma vez que a sociedade barcelense estava ciente da chegada da coronavírus a qualquer momento.

Certo dia, amanheci com muita fraqueza, infelizmente eu já estava contaminado. A partir daquele dia, um longo calvário me aguardava. A cada dia que passava, eu piorava mais. No mês de julho, a minha mãe viajou de São Gabriel da Cachoeira para Barcelos. Nessa viagem ela levou vários tipos de chá e inclusive potes de mel. Fiz tratamento através desses remédios caseiros, mas, eu não melhorava. Ela fez de tudo para a recuperação da minha saúde, inclusive

acompanhou durante o tratamento médico. Não adiantou e no decorrer dos meses, cada vez mais eu ia enfraquecendo.

No mês de novembro de 2020, a minha mãe resolveu me trazer de volta para São Gabriel da Cachoeira. Praticamente eu estava entregue à morte. Quando chegamos na cidade morena, a minha mãe conversou com um pajé a respeito da minha situação e logo em seguida ele já iniciou com o tratamento. No mês de dezembro, ao perceber que eu não tinha condições de retornar para Barcelos, decidi solicitar o pedido da minha transferência para a cidade naturalmente ecológica¹¹ e felizmente foi deferido.

Em 2021, no turno diurno fui lotado na Escola Estadual Pedro Fukuyei Yamaguchi Ferreira e no turno noturno na Escola Estadual São Gabriel. Nesse período o meu tratamento com o pajé continuava e cada dia que passava a minha saúde melhorava gradativamente. No mês de maio, retornei para a escola e já estava bem melhor de saúde. O tratamento com o pajé continuou no decorrer do ano e felizmente recuperei a minha saúde. No ano de 2022, continuei lotado na Escola Estadual Pedro Fukuyei Yamaguchi Ferreira e Escola Estadual São Gabriel. Finalmente recuperei a minha saúde e voltei a ter a rotina normal novamente.

Desde a minha saída de Taracúá para São Gabriel da Cachoeira, depois para Barcelos, novamente o retorno à São Gabriel da Cachoeira, fiquei afastado em relação ao estudo da cultura indígena. Tudo iria mudar com o meu ingresso no curso de mestrado pela Universidade Federal do Amazonas, através do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia.

Na metade do ano, soube da notícia que teria uma reunião na maloca da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro – FOIRN, a respeito da implantação do curso de mestrado na cidade de São Gabriel da cachoeira e por simples curiosidade fui participar. No decorrer da reunião foi dito que em breve iria sair o edital para a inscrição. A partir daquela reunião fiquei atento para saber a qualquer momento a respeito da divulgação do edital.

Finalmente o edital foi divulgado e a inscrição aconteceu entre 28/11 à 12/12 de 2022. A partir da inscrição fiquei atento para os próximos passos da seleção. No dia 09/01/2023, aconteceu a prova de conhecimentos. Nesse dia eu estava ansioso para saber qual dos atores seria sorteado para a prova e felizmente a Manuela Carneiro da Cunha, com a obra “Cultura com aspas”, foi a sorteada. Fiquei muito contente, uma vez que passei a virada do ano lendo essa obra.

¹¹ Nome dada para a cidade de São Gabriel da Cachoeira.

O próximo passo da seleção foi a avaliação de projeto de pesquisa que aconteceu no período de 20/01 à 25/01/2023. Não foi fácil decidir qual seria o título do meu projeto de pesquisa. A primeira dificuldade que enfrentei foi o local de pesquisa sobre a cultura dos *Waikhana*. Eu estava decidido em realizar a pesquisa sobre a minha cultura, tendo em vista que eu pertencço a etnia *Waikhana* e não sabia de nada sobre o assunto. Teve um momento que fiquei muito triste, quando percebi que o meu pai já tinha realizado a passagem para o mundo espiritual, mas fiquei muito contente quando conheci o tio Gabriel que reside na comunidade Tapajós. Ele pertence a etnia *Waikhana*, é primo do meu pai e ficou a disposição para colaborar com a minha pesquisa.

A minha formação em Licenciatura em Física, pela UFAM, ajudou na decisão do tema no projeto de pesquisa. Lembrei da área da astronomia, por isso resolvi realizar a pesquisa sobre a utilização das constelações como calendário anual dos *Waikhana*, narrado pelo tio Gabriel, residente na comunidade Tapajós. No final, o título do tema ficou da segunda forma: “Uma interpretação do mundo *Waikhana*: narrativas cosmológicas dos *Piratapuya*.”

O último passo da seleção aconteceu entre os dias 01 à 03/02/2023, com a prova de títulos. Finalmente no dia 27/02/2023, aconteceu a divulgação do resultado final e o meu nome constava na lista dos aprovados. Não acreditei, mas era real, eu estava aprovado para fazer parte do curso de mestrado realizado pela UFAM. Entre os dias 28/02/2023 à 03/03/2023, aconteceu a entrega da documentação para a matrícula institucional. Na sequência, restava aguardar o dia do início das aulas. O curso de mestrado iniciou no dia 28 de março com a disciplina Epistemologia e Metodologia das Ciências Humanas e Sociais, ministrada no turno matutino pela Professora Marilene Corrêa e no turno vespertino pelo Professor Caio Souto.

Depois da minha qualificação, fui selecionado para participar do intercâmbio de conhecimento na cidade de El Alto, Bolívia, através do programa Abdias Nascimento, patrocinado pela CAPES. Quando cheguei na cidade de El alto, no primeiro momento, escrevi os assuntos do segundo capítulo da minha dissertação, tendo em vista que levei todas as informações narradas pelo tio Gabriel, no que diz respeito sobre o calendário cosmológico dos *Waikhana*.

As informações complementares, foram gravadas pelo pai da minha sobrinha, que através do aplicativo *WhatsApp*, ele gravou as narrativas do tio Gabriel e enviou no meu *WhatsApp* privado durante a minha estada na Bolívia. Nesse caso, a partir do momento que eu tive o contato com o tio Gabriel para buscar informações, a metodologia utilizada foi a etnografia em casa. A etnografia em casa, ocorre quando o pai detentor de conhecimentos,

repassa esses conhecimentos para o seu filho (Barreto 2019) dentro de sua casa e no meu caso do tio Gabriel para o seu sobrinho estudante de mestrado.

Nesse cenário, é importante destacar um nome específico para o transmissor de conhecimentos. O tio Gabriel não é um mero transmissor de conhecimentos em relação ao mundo acadêmico. Ele passa a ser um orientador de pesquisa em consonância com os orientadores acadêmicos (Barreto 2019), ou um orientador *Waikh*¹² e podendo ser chamado também de construtor de saberes ancestrais (Barreto.Bara 2023).

Na minha qualificação, fui orientado para escrever também sobre o surgimento dos povos indígenas *Waikhana*. A minha ida para a Bolívia, dificultou a realização da pesquisa de campo sobre o assunto, mas encontrei uma solução através da pesquisa bibliográfica. A pesquisa sobre o surgimento dos *Waikhana*, o seu calendário cosmológico, foram o suficiente e necessários para o conhecimento da minha história. Através desses conhecimentos adquiridos, posso dizer com muita emoção, que agora eu tenho orgulho de pertencer a etnia *Waikhana*, pois sei de onde vim e sei quem sou.

A minha ida na Bolívia, o contato com os *hermanos Aymara*, que também são indígenas, fortaleceu ainda mais a minha identidade, pois temos história em comum sobre a origem dos primeiros seres humanos andinos através do lago Titicaca, enquanto que os *Waikhana* surgiram através do lago de Leite. Eles sofreram com a chegada dos colonizadores espanhóis, enquanto que nós sofremos com a chegada dos colonizadores portugueses. Atualmente, em ambas as partes, nota-se a luta a favor da decolonialidade¹³ e se não unirmos irá perdurar por vários anos.

1.2- Processo sociohistórico da Comunidade Tapajós

No primeiro momento, a história será contada através das narrativas do senhor Elísio Ferreira, pertencente a etnia Baré, descendente legítimo das comunidades Acará e Tapajós. No segundo momento, a história continua com a narrativa do senhor Horácio Pedrosa da Silva, líder comunitário, pertencente a etnia Tukano e que por sua vez é o morador antigo da comunidade Tapajós. A seguir, inicia-se a história do primeiro momento, narrada pelo senhor Elísio.

¹² Refere-se a uma pessoa do sexo masculino que pertence a etnia *Waikhana*.

¹³ Refere-se a um conjunto de práticas, teorias e abordagens que buscam desfazer e criticar os efeitos duradouros do colonialismo em diversas esferas da vida social, política e cultural, especialmente nas sociedades que foram colonizadas.

Antes da chegada dos europeus, a região da comunidade Tapajós era dominada pela etnia Baré. Eles viviam através da prática de construção de roça, caça, pesca e moravam nas grandes malocas. Inclusive existiam várias malocas na região e uma delas ficava localizada na atual comunidade Tapajós. Tinham suas culturas, tradições, línguas e mitos. Tudo mudou com a chegada dos não indígenas. Um dos maiores impactos que atingiu o povo Baré, foi quando os portugueses decidiram usar a mão de obra escrava no Brasil.

Os portugueses sabiam que nas profundezas das matas, existiam várias etnias indígenas que poderiam servir muito bem como escravos e por isso enviaram expedições com o objetivo de sequestrá-los. Nessa época, os paulistas se destacaram como melhores mateiros para aprisionar os indígenas e colaboraram para a expansão territorial brasileiro, como afirma Pacheco Neto (2015).

As matarias eram densamente povoadas por homens e mulheres, dos quais muitos se tornariam escravos. Homens e mulheres que, caçados pelos invasores de seus domínios, seriam conduzidos para uma terra não tão próxima, onde se erguia um rústico vilarejo, aninhado num planalto desconhecido, à beira das florestas ínvias de onde tinham vindo. É talvez fora de dúvida que tenham acontecido muitas caminhadas consideravelmente extensas. [...] Está claro que organizar expedições e partir à caça de índios era, indubitavelmente, uma prática que caracterizava, particularizava e singularizava a sociedade vivente no planalto da capitania de São Vicente, desde a segunda metade do século XVI até o alvorecer dos anos setecentistas. Essa prática de percorrer os sertões fez com que os paulistas fossem considerados os mais hábeis mateiros da colônia. Foi o apresamento indígena o mais constante motivo a levar os planaltinos a palmilhar amplas distâncias, devassando o interior da América portuguesa e adentrando, sucessivas vezes, as terras pertencentes à Coroa Espanhola. Paragens remotas foram alcançadas por essa perluastração, posto que, não raro, as caminhadas atingiam vários milhares de quilômetros (Pacheco Neto, 2015, p. 43).

Nessa época, na região da comunidade Tapajós, eram enviados os donos das grandes embarcações que chegaram na região com dois barcos. Eles enganavam os indígenas para embarcar e diziam que iam distribuir redes de deitar para todas as pessoas que entrassem dentro da embarcação. Depois que os indígenas enchiam o barco, eles trancavam a porta do barco que tinha o formato de uma gaiola. Esses indígenas que ficavam presos dentro do barco eram levados para serem vendidos como escravos. Àqueles que foram levados nas primeiras remessas, nunca mais voltaram.

De acordo com Cunha (2009), a escravidão dos indígenas no Brasil era legítima e acontecia em três formas. A primeira forma legítima era o aprisionamento em guerra justa, era

a compra de escravos dos indígenas. Os índios travavam guerra com outro grupo de índios e os derrotados eram escravizados. A terceira era o resgate, como afirma Cunha (2009):

Além do apresamento em “guerra justa” e da compra de escravos “legítimos” dos grupos indígenas, havia um terceiro modo de se conseguirem cativos: era o “resgate”. Trata-se de resgatar, mediante pagamento, os índios prisioneiros de outros índios: eram os “presos à corda”, termo que designava aqueles que, apresados na guerra, eram destinados a serem ritualmente mortos e devorados (Cunha, 2009, p. 174).

O tempo da escravidão, ficou conhecido na região como tempo de pega pega ou corre corre¹⁴. Muitos Baré, fugiram para o alto rio Negro. É por isso que o alto rio Negro é cheio de povo Baré. Não entraram para o rio Waupés, também conhecido na época como rio Caiari, por que os povos indígenas que moravam nesse rio eram valentes. No rio Waupés, a única comunidade Baré que existiu foi *Itapinima*, que fica situada na foz do mesmo rio. Na região do Bawarí, já existiam Baré do grupo *Kuiawana*. Outros fugiram para mata adentro, como na atual região do aeroporto da cidade de São Gabriel da Cachoeira. Quando vinham ver o cacuri¹⁵ na beira do rio, eles caminhavam com muito cuidado para não serem capturados pelos europeus.

Na época da guerra do Paraguai não foi diferente. Para conseguir recursos humanos, foi utilizado pelo governo a estratégia do pega-pega. Vários indígenas foram pegos dessa forma para serem recrutados e encaminhados para a guerra. Dessa vez, não foi somente com os indígenas, mas também com os considerados tapuios¹⁶. De acordo com Cardoso (2018):

Na mesma época em que se constituía a frente de expansão rumo aos altos rios, fora iniciado o conflito que redundou na trágica Guerra do Paraguai. Essa combinação aumentou a abrangência do serviço das armas no Amazonas, assim como a pressão em áreas ainda pouco frequentadas pelas autoridades policiais. Eram emitidos para todas as subdelegacias pedidos de mais recrutas, que mais tarde seriam convertidos em soldados de baixa patente nos campos de batalha. Relações de recrutas eram enviadas do interior quase diariamente ao Presidente da Província, a maioria classificados nas listas como “tapuios” e “índios”, encaminhados em “remessas” aos navios e cadeias, onde aguardariam a fatídica viagem em direção ao sul do Império. [...] Como resposta à violência crescente dos recrutamentos, muitas pessoas decidiram adentrar ainda mais os centros das florestas na busca de refúgio, instalando-se em lugares distantes para fugirem do “pega-pega”. Houve verdadeiros esvaziamentos de vilas e povoados, registrados em correspondências oficiais que respondiam negativamente as demandas feitas pelo Chefe da Polícia e pelo Presidente da Província (Cardoso, 2018, p. 50 e 51).

¹⁴ Palavra utilizada pelos colonizadores, para uma ação da captura dos povos indígenas.

¹⁵ Apetrecho de pesca utilizado pelos povos indígenas do alto Rio Negro para capturar peixes.

¹⁶ Nome dado para os mestiços.

A captura do povo Baré, para serem vendidos como escravos não cessou. Certa época durante o transporte, quando chegaram na região da atual cidade de Manaus, os não indígenas encontraram dois barcos que transportavam pessoas autorizadas pelo governo. Eles contaram de uma forma detalhada que a princesa Isabel, tinha acabado com a escravidão no Brasil. Informaram, também, aos patrões das embarcações, que deveriam devolver os índios Baré nas suas regiões de origem. Alegando que não tinham combustível, os patrões não cumpriram essa missão. Não tendo por onde ir, o povo Baré já livres, decidiram ficar em Manaus. Nessa época, a região da comunidade Tapajós ficou vazia, pois centenas de pessoas do povo Baré foram capturadas para serem vendidas como escravos e nunca mais voltaram. Só ficaram os que fugiram para o alto rio Negro e aqueles que refugiaram mata adentro. Depois de muito tempo, aqueles que ficaram na região de Manaus, resolveram voltar nas suas regiões de origem.

Depois do término da escravidão, gradativamente, a região da comunidade Tapajós foi povoada pelo povo Baré, através da construção de várias malocas, incluindo a atual comunidade Tapajós. A vida voltou a normalidade para esse povo, até o surgimento da segunda guerra mundial. Nessa época os americanos entraram em guerra contra alemães e japoneses. O Brasil também resolveu entrar na guerra para ajudar os americanos e precisava de muitos homens. Segundo Oliveira (2011):

Em represália ao rompimento das relações diplomáticas do Brasil com os países do Eixo, a partir de janeiro de 1942 vários navios mercantes brasileiros foram torpedeados por submarinos alemães. A esses incidentes seguiu-se uma forte mobilização popular em favor da entrada do país na Segunda Guerra Mundial para lutar ao lado dos Aliados contra o nazi-fascismo. Podemos perceber esse fato através do depoimento do Brigadeiro Neiva, no filme Senta a Pua, 1999: “Houve uma sucessão de torpedeamentos de navios nossos, e o povo nas ruas exigia uma reparação a essa agressão totalmente descabida com perdas inúmeras de vidas valiosas, vidas brasileiras” (Oliveira, 2011. p. 54).

Por isso, foram enviados na região da comunidade Tapajós representantes dos militares, para convocar o povo Baré. Os convocados, permaneceram durante um ano na cidade do Rio de Janeiro para o treinamento. No ano seguinte, foram transferidos para a cidade de Sobral no estado do Ceará. Nesse local, o povo Baré também tiveram o treinamento de guerra e logo depois embarcaram para a Europa e Japão.

Os indígenas convocados para a guerra ficaram à disposição dos seus comandantes. Não tiveram um tratamento diferenciado, ao contrário, foram tratados como soldados treinados para a guerra e cumpriram diversas missões com sucesso diante do perigo iminente que os rodeava. Segundo Cesar (2017):

“Vucápanavo Brasil”, ou seja, vamos para frente Brasil, traduzido do idioma Terena, era o lema daqueles índios que empunharam a bandeira brasileira ao lado dos civilizados que falavam uma língua tão estranha. [...] Os índios trabalharam na remoção e balizamento de campos minados, desobstrução de túneis, conservação de estradas e construção de pontes. Eles tiveram que se adaptar como soldados e índios às intempéries do tempo e às condições do território inimigo (Cezar, 2017, p. 17).

Muitos Baré chegaram nessas localidades no término da guerra, mas, mesmo assim permaneceram um bom tempo por lá. No Japão depois que houve paz, os combatentes Baré receberam ordens superiores e uma delas era destruir os canhões que estavam posicionados para atirar no inimigo. Esse trabalho durou trinta dias.

Para os ex-combatentes chegarem na região de origem, incluindo na região da comunidade Tapajós, demorou cinco anos. Não receberam muito dinheiro no retorno. Permaneceram com eles o fuzil, a espada, os uniformes e o distintivo com a imagem da cobra fumando. De acordo com Oliveira (2011):

A insígnia da FEB é formada por uma cobra verde que está fumando um cachimbo. O significado de tudo isso: o fundo amarelo, a cobra verde, as letras brancas e o fundo do letreiro em azul, representam as cores da bandeira; a borda vermelha significa a guerra. A cobra fumando foi o símbolo escolhido em resposta a um repórter carioca que dizia ser mais fácil uma cobra fumar do que o Brasil entrar na guerra (Oliveira, 2011, p. 56).

Também nessa época, a região da comunidade Tapajós ficou vazia. Somente os velhos ficaram nas malocas. Os jovens que não queriam servir o exército brasileiro, fugiram para o alto Rio Negro e mata adentro. Nesse mesmo período vivia na região da comunidade tapajós, um senhor chamado Eugênio. Ele não foi convocado para a guerra, tendo em vista que já era um senhor de idade e por isso transitava na região com tranquilidade. Certo dia, se dirigiu para a ilha do Acará e ali resolveu construir um sítio (ver figura 01).

Figura 01 – Ilha do Acará, vista do porto da comunidade Tapajós na época da estiagem.



Foto: Wilson Bergue Vieira Fonseca, 2023

A história de origem da ilha do Acará é surpreendente. Para as pessoas que por ali passam, o local apresenta simplesmente uma paisagem exuberante, com várias ilhas ao seu redor e pedras na época da seca. Na verdade, a ilha esconde vários segredos, que somente para alguns moradores foi revelado. Elielson de Souza Ferreira, da etnia Baré (43 anos), um dos homens ouvidos nessa pesquisa revela o seguinte:

Segundo os antigos, quando eles iam fachear na noite chuvosa, eles viam um peixe gigante com abas enormes. Eles acreditavam que o peixe era um enorme acará e bem próximo do local existe uma pedra que por causa disso se chama acará. É por isso que o nome da ilha tem o nome ilha do acará. Logo abaixo da ilha do acará, tem uma ilha pequena chamada ilha do cofre ou ilha do banco dos encantados. Um sacaca viu que realmente a pequena ilha é um cofre dos botos. Ele tinha contato com o mundo dos encantados e por isso sabia de várias coisas, como curar a doença do ser humano. Quando ia no mundo dos encantados, ele fazia compras, como açúcar, sal e café. Quando ele voltava pra terra, o sal virava areia e o café virava terra preta. Não servia pra nada nesse mundo. Um dia meu pai viu um homem, no meio do rio, na laje, com terno e gravata. As águas chegavam até na altura da cintura. Quando meu pai focou com a lanterna e chegou mais perto, o homem de terno e gravata, deu um salto no rio e quando boiou era um enorme boto. Acima da ilha do acará, existe uma outra ilha chamada ilha amana, em língua geral significa ilha da chuva. Na margem da ilha, existe uma enorme pedra em forma de boto. Numa certa noite chuvosa, meu pai resolveu esperar passar chuva embaixo da pedra com formato de boto, quando de repente aconteceu o inesperado. Quando meu pai focou com a lanterna no interior da caverna, viu do seu lado um ser estranho, com formato de uma mulher, mas com rabo de boto. Na margem direita da Ilha do Acará, existe uma ponta de laje de pedra. Um dia, meu pai estava vendo a malhadeira, no final da laje, quando de repente numa distância de dez metros, apareceu no rio um ser aquático, de cor vermelho, semelhante ao personagem que aparece nos desenhos

animados do He-Man e começou a perseguir o meu pai. Quando meu pai percebeu que ele vinha na sua direção, remou sem parar até chegar na Ilha do Acará. Por pouco ele não devorou meu pai. Desde lá, meu pai ficou dois meses sem sair para esse local, para pescar, fachear e ir pra roça. As pessoas da Ilha do Acará, viviam tranquilas, por que os pajés benziam toda a comunidade, incluindo o porto, através do chicantá, breu e defumavam todo o local. Atualmente os efeitos estão terminando, já não existem mais pajés para benzer e os encantados estão se sentindo livres para levar as pessoas no seu mundo encantado. Eu mesmo, ando com muito cuidado e não brinco. Quem brinca muito com as coisas de lá, se não estiver com corpo fechado, benzido, é capaz de morrer. Toda ilha tem o seu segredo (Ferreira, 2024, informação verbal).

Nessa mesma época, existia um homem chamado *Mudicoaçu*, que morava numa vila chamada *Maritia*, localizada ao lado da atual comunidade São Pedro na região de *Curicuriarí*. Certo dia, ele enviou seus homens, para explorar sorva no rio *Curicuriarí*. Navegaram vários dias no rio, mas infelizmente não conseguiram encontrar o produto que procuravam e muito menos o sinal de vida humana. Quando chegaram na região da serra do *Capauarí*, viram uma pessoa remando, cercaram o homem e conseguiram falar com ele. Depois de muita conversa ele falou que morava nas proximidades do pé da serra de *Capauarí*. Convencido pelos viajantes, ele resolveu levar para conhecer o local. De acordo com Elísiu Ferreira, da etnia Baré:

Quando lá chegaram, eles viram uma enorme comunidade formada pelos povos indígenas de várias etnias como Tukano, Tariano, Arapaçu e Piratapuya. Durante a conversa os viajantes foram informados que eles vieram do rio Tiquié. Quando chegaram na região da comunidade de Ananás no rio Waupés, adentraram na mata através de uma trilha até chegar naquele local. Os viajantes notaram que eles produziam muita farinha e frutas. Consequentemente houve trocas de produtos entre indígenas e os viajantes. Nessa oportunidade os não indígenas perguntaram a respeito da existência da sorva na região e felizmente a resposta foi positiva. Depois que os povos indígenas mostraram a região da sorva, o trabalho de exploração da sorva continuou. Muitos indígenas com o passar do tempo resolveram trabalhar também com a exploração da sorva (Ferreira, 2023, informação verbal).

Também nessa época, apareceu a figura de um homem, de nacionalidade americana, conhecido como mister Roy. Durante a sua estadia na região, ele fez várias viagens pelo rio *Curicuriarí* até chegar na comunidade que existia nas proximidades do pé da serra de *Capauarí* e convidou os povos indígenas para trabalhar com ele. Consequentemente depois de muito tempo, todos mudaram para o *Curicuriarí*. Futuramente eles seriam convidados para morar na comunidade *Acará*. Esse grupo, antes do convite, vivia explorando cipó e piaçava.

Depois do término da segunda guerra mundial, muitos Baré conseguiram voltar para a sua região de origem. Quando voltaram, construíram vários sítios e outros foram morar nos

sítios de seus pais. Um deles, foi o senhor Viriato, que quando retornou da guerra, foi morar com o pai, senhor Eugênio no sítio Acará. Não demorou muito tempo para o senhor Viriato arranjar mulher. O casamento aconteceu no próprio sítio. Lá ele viveu com a sua esposa e no decorrer da vida tiveram quatro filhos.

O primogênito já não vive mais. Ele faleceu na época da construção do aeroporto da cidade de São Gabriel da Cachoeira. O caçulo faleceu em 2022. Depois que ficou viúvo, Viriato saiu da comunidade Tapajós para morar na cidade, lá ele adoeceu, não se cuidou e acabou falecendo. Atualmente, ainda estão vivos o senhor Elísio e o senhor Hermógenes. Todos eles quando cresceram, em 1946 foram estudar no regime de internato, no Colégio São Gabriel. Na época a quantidade de internos era de 400 alunos e o total de séries de estudo era até o 5º ano.

Em 1950, com o termino do internato na cidade de São Gabriel da Cachoeira, ficou difícil para as pessoas do interior continuarem seus estudos, por falta de residência na cidade. Para os indivíduos que moravam em suas residências, ficava fácil continuar seus estudos como alunos externos. Não tendo onde morar, os irmãos Elísio e Hermógenes, voltaram para o sítio Acará, para residir com seu pai Viriato. O senhor Elísio, estudou até o quarto ano e o senhor Hermógenes por sua vez estudou até o quinto ano. Certo dia, o senhor Elísio, resolveu trabalhar como marinheiro em uma das embarcações da época. O senhor Hermógenes, por sua vez, conseguiu trabalho com os padres e teve um período que também trabalhou com o senhor Armando Sarmento. Depois de quatro anos, retornou para o sítio Acará, conheceu uma mulher e casou.

Depois de muito tempo trabalhando como marinheiro, o senhor Elísio resolveu mudar de profissão. Decidiu trabalhar no seringal localizado na região de Cauburís. Foi nessa época que ele conheceu a sua futura esposa, se casou e teve um filho. Em 1972, o senhor Elísio recebeu o recado do senhor Leonardo, o irmão mais velho. Através desse recado, o senhor Elísio ficou sabendo que o Pe. Genésio e a Irmã Indiana, já tinham fundado a comunidade Acará. Antes, só tinha quatro famílias no local. Ele também foi informado que a comunidade já possuía uma escolinha e estavam precisando de mais alunos para aumentar a escola e por isso era necessário levar o seu filho para estudar nesse local. Atendendo o pedido do irmão, o senhor Elísio retornou para a comunidade.

Para aumentar o número de alunos na comunidade, o Pe. Genésio visitou os sítios vizinhos para fazer levantamento das crianças existentes nessas localidades. No decorrer do trabalho percebeu que existiam várias crianças e convidou as famílias para morar na comunidade. No primeiro momento algumas famílias concordaram em matricular os seus filhos e já passaram a morar na comunidade. Outras famílias traziam os filhos para morar com os

parentes e só chegavam na comunidade para deixar farinha, peixe e frutas. Com o passar do tempo, muitas dessas famílias resolveram mudar de vez para comunidade Acará, após se desentenderem com seus parentes nos seus sítios.

Em 1973, a escola da comunidade Acará foi fundada, sendo Maria Luci Vilagilin natural da comunidade Ilha das Flores, a primeira professora. Na época o cargo da secretaria de educação do município era ocupado pela professora Aracy Coimbra. O senhor Hermógenes ao perceber que precisava de mais alunos, resolveu conversar com as famílias do Curicuriari, para colocar os seus filhos na escola da Comunidade Acará. Com a chegada dos alunos de Curicuriari, a comunidade passou a ter 38 alunos, que foi o suficiente e necessário para formar uma escola.

Nessa época, o senhor Hermógenes foi eleito líder comunitário e o senhor Elísio como vice-líder. Os dois irmãos se tornaram líderes da comunidade Acará. Além de colaborar com a fundação da comunidade e da escola, os dois irmãos juntamente com os comunitários derrubaram todo o mato e a ilha ficou limpa. Nesse período, somente o senhor Vicente, o avô do senhor Elísio, morava na atual comunidade Tapajós e o senhor Porfírio morava no sítio Jará.

Desde esse tempo, o sítio já se chamava Tapajós, por conta que lá por perto existe uma pedra chamada ovo de minhoca (ver figura 02). Na língua Baré, tapajós significa minhoca. Depois que a comunidade Acará ficou limpa, o senhor Hermógenes, o senhor Elísio e os irmãos, resolveram fazer roça na área da comunidade Tapajós. Inclusive toda a comunidade fez roça nessa área. No primeiro momento as roças estavam cheias de manivas. Depois que as mandiocas foram arrancadas, substitui-se a plantação de capim gigante e logo na sequência a criação de gado.

Figura 02 – Pedra ovo de minhoca.



Foto: Wilson Bergue Vieira Fonseca, 2023

Foi nesse tempo de criação de gado que foi feita a rua na área da capela. Também foi nessa época que o senhor Hermógenes e o senhor Elísio, mudaram da comunidade Acará para a área da comunidade Tapajós. Inclusive os comunitários, também mudaram para a atual comunidade Tapajós. Naquele tempo chegaram a criar quatorze cabeças de gado¹⁷. Com o passar do tempo, a quantidade de gado foi diminuindo. Eles saiam do cercado, achavam a casa de forno com *manicuera*¹⁸, bebiam e acabavam morrendo.

No mesmo período, os líderes da comunidade Tapajós com anuência dos comunitários fizeram negócio com um dos grandes empresários da cidade de São Gabriel da Cachoeira. Ele levou o restante de cabeça de gado em troca do motor gerador termoelétrico a diesel. Quando o motor gerador termoelétrico chegou na comunidade Tapajós, notou-se que quando funcionava cuspiam muito o óleo. Um dos funcionários da Funai, ao visitar a comunidade, percebeu que o motor era muito velho, embarcou na caçamba da prefeitura e o levou. Nessa visita, o funcionário

¹⁷ Palavra utilizada para quantidade de gado existente em uma área.

¹⁸ Líquido extraído da mandioca, sendo um veneno para o consumo animal e humano, mas se for bem cozido se torna uma bebida saudável dos povos indígenas do alto Rio Negro.

da Funai, aconselhou aos comunitários para pegar de volta os bois. Ele disse que o motor gerador estava fora da validade. O empresário por sua vez, tinha que devolver os bois, mas infelizmente todos estavam doentes. Quando os animais chegaram na comunidade Tapajós, acabaram morrendo e a comunidade aproveitou para comer.

Depois da criação de gado, a comunidade resolveu criar bodes. Eles se procriavam rapidamente. Tudo estava dando certo, no entanto, por alguns dias os comunitários não fecharam o portão e os bodes saíram livremente em direção às pedras na beira do rio e passaram a noite expostos aos morcegos que, por sua vez sugaram seu sangue. Infelizmente os bodes não resistiram e acabaram morrendo.

Ao perceber que a comunidade necessitava de um campo de futebol, o senhor Elísio, convocou toda a comunidade para uma reunião e com a anuência de todos a ideia foi aprovada. O trabalho para a construção do campo de futebol foi animado e concluído com satisfação. O senhor Elísio permaneceu como liderança da comunidade Tapajós durante vinte anos. Depois disso, resolveu deixar a função de liderança da comunidade para a nova geração.

Através da história contada nos parágrafos anteriores narrada pelo senhor Elísio, notamos que ele fez um relato a partir dos tempos em que os povos Baré existiram antes da chegada dos europeus na região de Tapajós, até o momento atual.

O senhor Horácio iniciou sua narrativa, especificamente a partir dos primeiros movimentos que deram origem para o surgimento da comunidade Tapajós. A seguir, começa a história do segundo momento narrada pelo senhor Horácio Pedrosa da Silva, da etnia Tukano. Vejamos:

Há muitos anos atrás, na margem esquerda do rio Negro, nas proximidades da comunidade da ilha do Acará, existia um sítio, cujo proprietário era o senhor Vicente, da etnia Piratapuya. Depois de muito tempo, ele veio a falecer e o sítio ficou totalmente abandonado. Os anos passaram, até o surgimento da família do senhor Quidabam que tomaram conta da região. Nessa época, surge o personagem do senhor Porfírio que era empregado do senhor Quidabam. Ele executava os trabalhos que o patrão ordenava como a realização da roça, construção do cacuri e limpeza do campo. O senhor Porfírio não morava no sítio do patrão. Ele residia no sítio Jará, que fica localizada na margem direita do rio Negro, nas proximidades da comunidade Acará (Silva, 2023, informação verbal).

Por sua vez, a comunidade Acará, ficava situada numa ilha, chamada ilha do Acará que deu origem o nome da comunidade. Esse lugar, era muito grande, limpo, tinha muita gente, possuía escolinha, capela, líder comunitário e catequista. Por isso, o senhor Porfírio se mudou

e trouxe os seus filhos para estudar na escolinha da comunidade Acará. A rotina dele era, comunidade Acará e sitio Quidabam, ou vice-versa.

Nessa época, a região da comunidade Tapajós, era simplesmente um sítio abandonado e pertencia ao senhor Quidabam. Certo dia, o senhor Porfírio atravessou da comunidade Acará para a margem da atual comunidade Tapajós e construiu um sítio sem o conhecimento do senhor Quidabam.

Outras pessoas que viram gente morando no antigo sítio abandonado, foram contar para o senhor Quidabam. Ao saber da notícia, ele foi ver, para saber quem realmente estava morando no sitio recém construído. Ao chegar lá, viu que era o senhor Porfírio, o seu empregado e autorizou para que o mesmo morasse nesse local. Por isso, mandou fazer roça, plantar, criar animais, pescar e cuidar daquela área.

Naquela época, a área da comunidade Tapajós era formada por mata virgem¹⁹. Ninguém encostava ou passava naquele local, pois eram vítimas de alguém que jogava galhos, pedras e outros instrumentos. Por isso acreditava-se que naquela área, moravam os encantados.

Atualmente sabe-se que realmente a área da comunidade de Tapajós, é uma casa dos encantados. Inclusive existe uma pedra nas proximidades com vários nomes e um deles é conhecido como pedra de minhoca. Um fato curioso é que tem um desenho fixado na mesma, em forma de um peixe. Na etnia tukano é conhecida como *berano gá*²⁰. A pedra também é conhecida como *tapayú*²¹, nome que deu origem à comunidade Tapajós. Tudo isso iria mudar com a chegada do senhor Porfírio.

Depois da autorização do senhor Quidabam, o senhor Porfírio continuou frequentando a comunidade Acará, participando nos trabalhos comunitários e festas. Certo dia houve reunião na comunidade, para resolver problemas locais. No decorrer da reunião houve desentendimento entre as pessoas presentes. Depois dessa ocorrência, o senhor Hermógenes Ferreira atravessou o rio, foi falar com o senhor Porfírio que morava na atual comunidade Tapajós, para formar uma comunidade. Depois de muita conversa, o senhor Porfírio aceitou a proposta.

No primeiro momento, começaram a limpar o local para a construção de suas casas. As famílias que atravessaram da comunidade Acará para Tapajós, chegaram a construir seis casas no total. Algumas delas possuíam paredes fechadas com palhas, outras com barro e todas com cobertura de palha. Escolheram um dia para fazer a reunião e em homenagem a pedra

¹⁹ Área da floresta que não foi explorada desde o seu surgimento.

²⁰ Na língua Tukano, *berano* é um tipo de abelha gigante e *gá* se refere a pedra. Logo, *berano gá*, significa pedra da abelha gigante.

²¹ Na língua Baré, significa ovo de minhoca.

(conhecida também como ovo de minhoca, *berano gá e tapayú*) deram o nome de Tapajós para a nova comunidade.

Quando o senhor Quidabam soube da formação da nova comunidade, falou com o senhor Porfírio, lhe disse que tinha dado o terreno somente para a ele e sua família para que eles pudessem fazer roça, plantar e pescar. Não era para fazer uma comunidade. Falou para o senhor Porfírio não reclamar depois, quando o povo comesse a fazer coisas que não deveriam, como roubar e brigar. Disse que, como Porfírio formou a comunidade, agora era com ele a responsabilidade.

Com o passar do tempo, foram construídas a capela e do lado dela uma escolinha. Ambas com o nome de São José. A capela ainda se encontra no local. Consequentemente teve eleição dos líderes, animadores, catequistas e professores. Nessa época os professores eram escolhidos pela comunidade.

Cansados de remar, enfrentar as corredeiras forte para deixar os seus filhos na escolinha da comunidade Tapajós, os moradores dos sítios Camarão, Nova, Anabu, Amana, resolveram mudar de vez para a comunidade Tapajós. Recentemente, chegaram os *Kubeo* na comunidade Tapajós. Oriundos da região de Querari, no primeiro momento eles chegaram nos sítios vizinhos e colocaram seus filhos para estudar na escolinha da comunidade Tapajós. Aqui tudo se repete. Cansados de remar nas corredeiras fortes, também acabaram mudando para a comunidade Tapajós.

Há 10 anos atrás, chegou o senhor Gabriel pertencente a etnia *Waikhana* com a sua família, para morar na comunidade Tapajós, tendo em vista que a sua filha havia se casado com o senhor Orácio, que é um dos antigos moradores da comunidade Tapajós.

Nos últimos anos, várias famílias deixaram suas comunidades de origem e migraram para a comunidade Tapajós. Para compreendermos o motivo do deslocamento, foi necessário ouvir histórias contadas pelas pessoas que migraram nesse local.

O primeiro a contar, foi o senhor Cândido Pedrosa, pertencente a etnia *Waikhana*. Ele nasceu na comunidade São Paulo, no rio Papurí, no dia 11 de novembro de 1958, na região do distrito de Yauaretê, no município de São Gabriel da Cachoeira. Filho do senhor Jacinto Pedrosa (Waikhana) e da senhora Josefa dos Santos (Tariano), o senhor Cândido é o quinto filho dos oito filhos que o casal teve. Eles se tornaram órfãos de pai, quando era criança e por isso não lebravam muito bem do seu progenitor. O pai de Cândido, o senhor Jacinto era primo do avô de Horácio, que atualmente é líder da comunidade Tapajós. Certa época, o avô do Horácio saiu da sua comunidade de origem e mudou-se para o rio Curicuriarí, no sítio Jará. O senhor Jacinto, por ser primo do avô do Horácio, fazia visitas periódicas, partindo da comunidade São Paulo

até chegar no sítio Jará. Depois de um ou dois meses retornava novamente para São Paulo, a sua comunidade de origem.

Em uma dessas viagens de visita realizadas pelo senhor Jacinto, o pai do Horácio, pediu a mão da Maria dos Santos Pedrosa, em casamento. Por esse motivo, ela não retornou mais com o pai para sua comunidade de origem. O Senhor Cândido na época era criança quando a sua irmã se casou e permaneceu no sítio Jará. Foi nessa viagem de volta para a comunidade São Paulo, que o senhor Jacinto veio a falecer, deixando os sete irmãos órfãos. Nessa época, a única irmã já estava casada.

A dona Josefa, esposa do falecido ficou viúva por um curto período. Não demorou muito tempo para ela arranjar outro marido na comunidade São Paulo. Nessa época, moravam aproximadamente doze famílias na comunidade. Foi entre essas famílias que surgiu o novo marido que se chamava Luiz Emiliano Sena, também da etnia *Waikhana*. Felizmente ele também assumiu a responsabilidade de sustentar os sete irmãos, tratando-os como filhos legítimos.

Como o passar do tempo, os sete irmãos foram crescendo, se tornaram jovens e começaram a estudar. Nessa época, o senhor Gabriel, um dos sete irmãos se casou e formou uma nova família. Também nesse período, o irmão que nasceu depois do senhor Gabriel, resolveu viajar para Colômbia e acabou falecendo por lá. Os cinco irmãos restantes, permaneceram com o padrasto na comunidade São Paulo.

O padrasto realizava viagens periódicas no sítio Jará para visitar a sua enteada e os cinco irmãos sempre estavam presentes. Depois de um tempo, retornava para a comunidade de São Paulo. Praticamente ele realizava as mesmas ações que o senhor Jacinto, uma delas era viajar periodicamente da comunidade de São Paulo para o sítio Jará.

Na viagem seguinte realizada pelo padrasto, ele foi informado que estava surgindo uma escola na comunidade Acará. Nessa época, o senhor Hermógenes era líder da comunidade e estava precisando de alunos. Por esse motivo, fez uma visita no sítio Jará, para saber se tinha crianças nesse local. Foi nesse tempo que o senhor Cândido se matriculou, juntamente com os seus irmãos e um neto do padrasto para estudar. Permaneceram durante um ano, estudando na escola da comunidade Acará.

Quando terminou o ano letivo, eles retornaram para a comunidade São Paulo, juntamente com o padrasto e mãe. Chegando lá, permaneceram por um longo período de tempo. Durante a vivência na comunidade São Paulo, participaram na coordenação dos eventos esportivos e festa do padroeiro da comunidade. Para se sustentar, construíam roças, pescavam e participavam do trabalho comunitário.

Nessa época encerrava-se o internato no Colégio São Miguel, no distrito de *Yauaretê*. Foi um período difícil para os pais que viviam tranquilamente na comunidade São Paulo, enquanto que os filhos ficavam internados na responsabilidade dos missionários para estudar. Por esse motivo, os pais tiveram que construir suas casas no distrito de *Yauaretê*, para morar e acompanhar os filhos durante os anos de estudo. Consequentemente, nunca mais voltaram para a comunidade São Paulo. Cândido Pedrosa, da etnia Waikhana (65 anos), relata o que vivenciou naquela época. Ouçamos:

Foi o período em que a comunidade ficou vazia, serrada e com o passar do tempo as casas foram caindo. Era uma situação muito triste. Mesmo com esse esvaziamento, o nosso padraço resolveu ficar com a gente na comunidade São Paulo. Mas não era como antes, não tinha aquela animação quando todo mundo estava lá. Vendo que todos estavam saindo da comunidade e percebendo que os produtos do comércio estavam muito caro, o nosso padraço juntamente com a gente, resolveu mudar para a comunidade Tapajós, onde a nossa irmã estava morando, depois que mudou do sítio Jará (Pedrosa, 2024, informação verbal).

Nessa viagem, o padraço e os afilhados, ao perceberem que dava para viver na comunidade Tapajós, retornaram para a comunidade São Paulo, com o objetivo de pegar os seus objetos de valor que por lá deixaram. Essa foi a última viagem que realizaram para a comunidade São Paulo. Quando retornaram para a comunidade Tapajós, se tornaram moradores fixos do local. Desde lá, nunca mais retornaram para a comunidade São Paulo. Atualmente só existe capoeira no local. A mudança para a comunidade Tapajós, aconteceu não por motivo de problemas, como brigas, fofoca, na comunidade São Paulo, mas, devido ao êxodo rural e aumento absurdo do preço dos produtos do comércio.

O senhor Cândido, quando mudou para a comunidade Tapajós, não teve nenhum problema com as pessoas que moravam na comunidade. Ele era conhecido por todos e por esse motivo já se sentia como membro originário da comunidade. A construção de roça, a pescaria, torneios esportivos, trabalhos e festas comunitários, não eram novidades. O custo de vida melhorou bastante, com preço dos produtos do comércio barateados em relação ao custo de vida na comunidade São Paulo. Para a construção da roça, era necessário entrar em acordo com a comunidade e a área para a pescaria era livre.

Atualmente, o senhor Cândido é aposentado, possui uma vida digna e não pretende mudar da comunidade Tapajós. Além do senhor Cândido, vivem na comunidade os irmãos Gabriel, Vitorino, Pedro e Maria. Os que já faleceram são: Antônio, João e Gregório. No total eles eram oito irmãos.

O senhor Cândido escolheu a vida de solteiro. Percebeu que no decorrer de sua existência, a vida de casado, além de ser boa é muito problemática. Ele se sente bem com a vida que escolheu. A presença dos irmãos, o carinho de seus sobrinhos, sobrinhas e netos também colaboram com o seu bem-estar na comunidade.

O segundo a contar a respeito da migração, foi o senhor Samuel Massa Lemos, pertencente a etnia *Tuyuka*. Nasceu na comunidade Coração de Maria, no igarapé Cabarí, afluente do rio Tiquié, na região do distrito de Parí-Cachoeira, no município de São Gabriel da Cachoeira. Em 1971, ingressou no internato para estudar. No ano de 1979, concluiu o ensino fundamental ao cursar a 8ª série.

Depois da conclusão, trabalhou na comunidade São Pedro como professor da escolinha São Pedro, próximo à fronteira Brasil e Colômbia. No ano seguinte, lecionou na comunidade Coração de Maria, lugar onde nasceu. No próximo ano, mudou-se para Santa Isabel do Rio Negro e permaneceu durante seis anos.

Na época, foi convidado pelas freiras para lecionar nas comunidades vizinhas, mas, o senhor Samuel não aceitou a proposta. Ao mesmo tempo, teve a oportunidade de conseguir trabalho como pedreiro na prefeitura, durante três anos. Durante esse período, resolveu viajar para a comunidade Coração de Maria para buscar os seus pais.

Para cumprir essa missão, viajou de Santa Isabel do Rio Negro para Parí-Cachoeira, através do avião Douglas. Quando chegou em Parí-Cachoeira, caminhou alguns quilômetros pela trilha, até chegar na comunidade Coração de Maria. Depois de uma semana, juntamente com os pais, partiu para Parí-Cachoeira e através do avião Douglas viajaram para Santa Isabel do Rio Negro. Os irmãos chegaram depois, através do barco.

Foi o tempo em que o senhor Samuel, construiu a sua casa e passou a morar com a presença dos pais. As freiras mais uma vez, convidaram-no para trabalhar com elas, ao perceberem que ele era um funcionário exemplar e de confiança.

Em 1986, com o surgimento do garimpo Traíra em Parí-Cachoeira, o senhor Samuel deixou de trabalhar com as freiras, para se tornar garimpeiro. Trabalhou nesse ramo durante três anos. Depois disso, ele se afastou do garimpo e partiu para a Vila Bittencourt no rio Japurá. Chegando lá, para conseguir a sua remuneração, trabalhou como pescador durante três meses.

Na sequência, retornou novamente para o garimpo traíra e também três meses depois voltou para Parí-Cachoeira. Nessa época estava presente no local, uma freira que o conhecia, desde Santa Isabel do Rio Negro e o convidou para trabalhar como pedreiro. Foi nesse período que conheceu a sua futura esposa.

Depois de casado, passou a morar com o seu sogro, na comunidade Bela Vista e teve quatro filhos. Infelizmente, nunca mais voltou na comunidade Coração de Maria, mas, apenas soube que os seus moradores se mudaram de lá e o local se transformou em capoeira.

No decorrer dos anos, os filhos cresceram e ingressaram na escola para estudar. No primeiro momento, estudaram na escola da comunidade Bela Vista. No segundo momento, passaram a estudar na escola do distrito de Pará-Cachoeira. Em seguida, foram aprovados na prova de seleção, realizada pelo Instituto Federal do Amazonas (IFAM) e se deslocaram para a cidade de São Gabriel da Cachoeira, com o objetivo de continuar os seus estudos.

Por esse motivo, o senhor Samuel decidiu acompanhar os filhos, para trabalhar e sustentar a casa. A sua esposa permaneceu na comunidade Bela Vista, durante quatro anos. Finalmente, depois de vários anos estudando no IFAM, os filhos conseguiram concluir o curso. Samuel Massa Lemos, da etnia *Tuyuka* (65 anos), continua com a sua história dizendo o seguinte:

Foi nesse tempo que a minha cunhada casou com um rapaz daqui, da comunidade Tapajós. Quando ela percebeu que eu estava morando sozinho, longe da irmã dela, ela resolveu convidar a irmã, para mudar de Bela Vista para o Tapajós. Ela queria ver o casal vivendo junto. Foi quando a minha esposa deixou tudo o que tinha em Bela vista e se mudou para Tapajós. Por isso, teve o momento que fiquei indeciso se voltava pra lá ou não. Todas as coisas de valor que tínhamos ficaram pra lá (Lemos, 2024, informação verbal).

Atualmente o senhor Samuel é morador fixo da comunidade Tapajós. Ele possui uma casa de alvenaria e mobiliada. A decisão de permanecer no local não foi fácil, tendo em vista que todos os pertences da família se encontram ainda na comunidade Bela Vista.

O senhor Samuel é bem tratado na comunidade Tapajós e é conhecido por todos. Não tem problema com ninguém da comunidade, se considera uma pessoa batalhadora e que colabora com a comunidade quando necessário. Além de construir sua casa, construiu também roças para se sustentar. É casado com a senhora Marlene Cabral Pimentel, da etnia Tukano e possui quatro filhos.

1.3 - Para uma Etnografia da Comunidade Tapajós

A etnografia na investigação científica é importante, pois o pesquisador conhece a organização social de uma comunidade, participa dos eventos que acontecem nas datas previstas, observa a rotina e o modo de vida de um determinado local. Por meio dessa técnica, o pesquisador também descreve a língua, a raça e religião de um determinado povo. Conforme Mattos (2011, p. 53):

Etnografia - Grafia vem do grego graf(o) significa escrever sobre, escrever sobre um tipo particular - um etn(o) ou uma sociedade em particular. Antes de investigadores iniciarem estudos mais sistemáticos sobre uma determinada sociedade eles escreviam todos os tipos de informações sobre os outros povos por eles desconhecidos. Etnografia é a especialidade da antropologia, que tem por fim o estudo e a descrição dos povos, sua língua, raça, religião, e manifestações materiais de suas atividades, é parte ou disciplina integrante da etnologia é a forma de descrição da cultura material de um determinado povo.

A organização social da comunidade Tapajós tem como base a existência do líder comunitário, animadores, catequista, coordenador da escola, agente indígena de saúde e coordenadores de esporte. No decorrer do ano, acontecem vários eventos já existentes no calendário da comunidade como festa de São Tomé, São Sebastião, São José, torneios esportivos e festival de quadrilha. O modo de vida das pessoas se mistura com as culturas tradicionais e ocidentais.

Para chegar na comunidade Tapajós, partindo da cidade de São Gabriel da Cachoeira, é possível chegar através de duas vias: a via fluvial e terrestre. O deslocamento via fluvial, se torna uma aventura inesquecível a partir do momento que o viajante vai contemplando as belezas naturais existentes da região, principalmente no que diz respeito à existência de várias ilhas, corredeiras, pedras, praias, floresta, independentemente da utilização do transporte a remo, motor rabeta, motor de popa e barco.

O deslocamento via terrestre acontece através dos automóveis, percorrendo inicialmente pela BR 307, que dá continuidade pela estrada de Camanaus e finaliza pela estrada da comunidade Tapajós. Durante o percurso, o viajante tem a oportunidade de conhecer a localização das instituições como Escola Estadual de Tempo Integral, 5º Batalhão de Infantaria de Selva, Instituto Federal do Amazonas e Amazonas Energia (ver figura 03).

Figura 03 – entrada principal do 5º Batalhão de Infantaria de Selva



Foto: disponível em: <https://www.bing.com> – acesso em: 14 de abril de 2024.

No decorrer da viagem, o viajante também tem a oportunidade de conhecer as comunidades como Vila Amazonino, Vila Aparecida e Itacoatiara-Mirim. Além disso, é deslumbrante observar a natureza formada pela floresta tropical amazônica e o céu azul composto por nuvens brancas que a qualquer momento podem se transformar em chuva. Até chegar na comunidade Tapajós, o carro dirigido pelo motorista vai balançando, enfrentando as perigosas curvas, redemoinhos existentes na estrada que é formado em certo trecho pelo asfalto e em outro trecho sem asfalto.

Depois de vários quilômetros percorridos, finalmente o viajante chega na comunidade Tapajós e na chegada percebe-se a existência das primeiras casas feitas de alvenaria. Logo em seguida, vemos do lado esquerdo o Centro Comunitário e a Capela de São Sebastião. Do lado direito nota-se a presença da Escola Municipal São José e continuando com a viagem observa-se a presença do campo de futebol. No decorrer do percurso percebe-se a existência das casas feitas de alvenaria e de tábuas.

A estrada da comunidade Tapajós finaliza próximo a Capela São José, o centro comunitário e perto de várias casas existentes na comunidade. Logo em seguida é possível ver a linda paisagem formada pelo Rio Negro, incluído as suas ilhas, suas corredeiras, as pedras e a linda imagem da serra da Bela Adormecida. Além disso, ao chegar na comunidade, existe do lado direito, uma rua que dá acesso ao Balneário São José, que no período de seca apresenta uma linda praia, pronta para receber os banhistas vindos da cidade e das comunidades vizinhas (ver figura 04).

Figura 04 – Um pedaço da praia do Balneário São José.



Foto: Disponível em: <https://www.bing.com> – acesso em: 15 de abril de 2024.

Com o passar do tempo, a área da comunidade Tapajós aumentou, com a chegada de novas famílias, pois os homens estão casando com as mulheres das outras localidades, existe uma escola que acolhe as crianças e, além do mais, as pessoas dos sítios vizinhos migram, em busca de melhores condições de vida.

Embora a população idosa esteja em decadência, fenômeno esse que acontece na vida do ser humano, encontramos atualmente homens casando com as mulheres de outras localidades, que por sua vez trazem seus pais e parentes para morar com elas. Essa ação é vantajosa, pois sabe-se que o aumento da população é certa.

Além disso, nessas últimas décadas, temos assistido, com muita satisfação, as inúmeras crianças que são acolhidas pela Escola Municipal Indígena São José. Muitos adolescentes e jovens que continuam seus estudos na sede do município, são oriundos dessa instituição de ensino. Os pais por sua vez, sentem-se seguros, pois sabem que as suas crianças, terão uma base no quesito educação escolar, servindo de alicerce para continuidade de seus estudos.

Outra preocupação constante é com as pessoas dos sítios vizinhos que migram em busca de melhores condições de vida. Tais acontecimentos necessitam de um ambiente acolhedor, com distribuição de terrenos, e passam a contribuir no aumento da população da localidade.

Tendo em vista, os aspectos observados, entendemos que a área da comunidade Tapajós continuará aumentando com o surgimento de novas famílias. Só nos resta esperar que o aumento da população na comunidade traga somente benefícios com o passar do tempo.

Nos dias de hoje, a comunidade Tapajós é formada pelos povos indígenas da etnia *Tukano*, *Waikhana*, *Baré*, *Dessano*, *Tariano* e *Kubeo*. Possui no total de 29 casas, sendo algumas construídas com paredes de tijolos e outras de tábuas. As coberturas são todas de zinco. Algumas casas ainda não possuem piso de cimento, somente o chão batido.

Na comunidade, existe uma instituição de ensino, cujo nome é Escola Municipal Indígena São José, que atende 124 alunos do pré-escolar ao 5º ano do ensino fundamental. Todos os professores são indígenas e foram selecionados através do processo seletivo simplificado, promovido pela Secretaria Municipal de Educação (ver figura 05).

Figura 05 – Escola Municipal Indígena São José



Foto: Wilson Bergue Vieira Fonseca, 2023.

A Escola Municipal Indígena São José é coordenada pelo professor Sávio Fontes Mourão e sendo o seu vice o professor Hildo Oliveira Pereira. Na ausência dos dois, a escola fica na responsabilidade da professora Lessandra Lopes da Silva, que também é auxiliar de alunos especiais. A escola oferece o curso de pré-escolar até o quinto ano do ensino fundamental. O professor Hildo é responsável para ministrar aulas para os alunos do pré-escolar até o segundo ano. As aulas para o terceiro ano até o quinto ano, são ministradas pelo professor Sávio, tendo como auxiliar a professora Lessandra que acompanha uma aluna especial.

Todos os três professores residem na comunidade e foram contratados via processo seletivo simplificado pela Secretaria Municipal de Educação (SEMED). A funcionária efetiva de serviços gerais Tereza Boc Perez, é responsável pela realização da limpeza e preparação da merenda escolar. O transporte dos alunos que moram nos sítios vizinhos, fica na responsabilidade do motorista fluvial Gilmar Luiz Fontes Mourão.

A escola atende no total de 124 alunos, oriundos da comunidade Tapajós e sítios vizinhos como: Wédari, Camarão e Pedreneira. A escola possui merenda escolar suficiente para a quantidade de alunos matriculados. Os alunos que residem nos sítios vizinhos, se deslocam para a escola, através do motor rabeta, porém, muitas vezes há dificuldade de deslocamento por falta de combustível que não é repassado pela SEMED.

A escola funciona somente no turno matutino. A decisão foi tomada pela comunidade junto aos professores para economizar o combustível no transporte fluvial. A comunidade é a principal parceira da escola. Ambos trabalham em conjunto na realização das datas comemorativas (dia dos pais, dia das mães e etc.) e eventos da comunidade (torneio esportivo, festival de quadrilha e etc.). No torneio esportivo, há participação dos alunos da comunidade que atuam na modalidade infantil.

Na comunidade, existem alunos que estudam na cidade e por motivo da falta de transporte escolar, a maioria desiste. Se continuar dessa forma, os alunos que residem na comunidade perderão o ano letivo.

A comunidade possui duas capelas. Uma delas, é a tradicional capela São José que existe desde a fundação da comunidade. A outra chama-se capela São Sebastião e foi construída recentemente. Portanto, todos os moradores são pertencentes a religião católica.

É interessante notar que através do método etnográfico, a cultura do pesquisador e do pesquisado se fundem. Através desse conflito, ambos realizam o trabalho científico. Segundo Mattos (2011, p. 25),

Na dialética entre essas duas culturas, a do sujeito pesquisador e a do sujeito pesquisado, é que a complexidade se instaura e é sobre ela que se movimenta o trabalho de pesquisar. Portanto, qualquer que seja a abordagem de pesquisa, é a partir da dialética entre pesquisador e sujeito-objeto que se inicia o processo, estabelece-se as relações com o contexto a ser pesquisado, desenvolve o trabalho de coleta de dados, processam-se as análises e se constrói o trabalho científico.

A comunidade possui um campo de futebol, com 100 metros de comprimento e 80 metros de largura. Sendo no total de 8000 metros quadrados. E também, uma quadra de futebol

de areia, com 40 metros de comprimentos, 20 metros de largura e com total de 800 metros quadrados.

Além disso, dois centros comunitários. O maior está posicionado ao lado da capela São José. O menor encontra-se ao lado da capela São Sebastião. A única via terrestre que existe no local é a estrada da comunidade Tapajós que divide a comunidade ao meio e finaliza próximo a capela São José.

Para não deixar o mato tomar conta do lugar, a comunidade realiza o dia do trabalho comunitário que acontece aos sábados. Inicia-se na parte da manhã com a oração, na responsabilidade do catequista. Depois da oração, é compartilhada a tradicional quinhapira, mingau de goma, café, suco, pipoca, banana, abacaxi e cada pessoa já leva um copo para servir a bebida.

Na sequência, os comunitários voltam para suas residências para trocar a roupa e pegar terçado. Comandados pelo líder as pessoas se dirigem na área que será roçada. As mulheres e os homens se posicionam no formato da fila indiana e começam a roçar o mato. O trabalho termina, quando a área marcada fica limpa. No final os trabalhadores voltam para as suas residências para tomar banho no rio e depois descansar.

Aos Domingos, na parte da manhã, às nove horas, inicia-se o culto dominical no comando do catequista da comunidade. Na sequência, a comunidade se junta para uma confraternização no centro comunitário. Cada família leva a sua quinhapira, caldeirada de peixe, frango cozido, frutas, mingau de goma, suco, garapa, pipoca, banana, abacaxi, cará, refrigerante, pão, bolacha e café. Também participam da confraternização, as pessoas visitantes que chegam da cidade e dos sítios vizinhos. Em seguida a comunidade se junta na quadra de futebol de areia para a prática esportiva, que se prolonga até às cinco da tarde. O torneio promovido pela comunidade, também é conhecido como domingo esportivo. No final do jogo, as pessoas voltam para as suas casas para tomar banho, jantar e depois descansar.

Na comunidade acontecem três grandes festas de santo: São Tomé, São Sebastião e São José. A festa de São Tomé acontece no dia 20 de dezembro e fica aberto para a população em geral. Da mesma forma acontece com a festa de São Sebastião, que acontece no dia 20 de janeiro. A festa de São José por sua vez, acontece no dia 19 de março.

O senhor Eliseu é o catequista da comunidade e desde o ano de 2014 exerce essa função. Ele é responsável pela realização do culto dominical, dos encontros de catequese e atua diretamente na pastoral da infância missionaria da comunidade Tapajós. A festa de São Sebastião e São Tomé, não são de responsabilidade do catequista, mas, das pessoas que moram

na comunidade. A atuação direta do catequista, acontece na festa de São José, que é o padroeiro da comunidade, desde a Ilha do Acará.

Em janeiro, acontece na comunidade a festa de São Sebastião. No primeiro momento é realizada uma reunião com os membros responsáveis para realizar a programação da festa que acontece durante dois dias. No primeiro dia, na parte da manhã, acontece a coleta das frutas nas residências dos comunitários e em seguida acontece a merenda.

Enquanto isso, parte dos membros da festa, responsáveis da noite, os juizes de mastro se reúnem na cozinha para preparar o café. Os demais componentes, ficam amarrando as frutas no mastro. O levantamento do mastro, antigamente acontecia às 17 horas, atualmente acontece às 16 horas e com a presença de todos os membros da festa. De acordo com Eliseu Mourão Ferreira, da etnia Baré (45 anos),

Aqui é obrigatório a presença de todos os membros da festa, como juiz de mastro, festeiro, promesseiro, bandeireiro, mestre sala, tamborineiro e mordomo. O juiz de mastro, ele é responsável da primeira noite. Antigamente somente eles eram responsáveis do mastro. Se tinha cinco juizes, existiam também cinco mastros. Atualmente, a comunidade colabora com os juizes de mastros. A função do festeiro é atuar na última noite, que fica responsável na preparação da fogueira e construção do castelo. Isso faz parte da promessa dos festeiros. No início da noite, o castelo é levado para o meio do rio e de lá segue a deriva no rio. O promesseiro é um indivíduo que durante a festa de santo, pede a graça quando ele ou membro da família está doente. Quando a pessoa não está conseguindo alguma coisa que ela queria, também pede a graça ao santo. Se for receber a graça durante o ano, a pessoa promete ao santo que na próxima festa irá oferecer almoço, café e bebidas. A função do bandeireiro é um pouco trabalhosa. Ele deve estar presente, para receber as pessoas que estão chegando. Tem que estar presente durante a oração da ladainha. A função do bandeireiro é estar presente com a bandeira, durante esses eventos. A quantidade de bandeireiros depende de cada festa. Pode ser um a quatro bandeireiros. Eles pedem para exercer essa tarefa. A função do mestre sala é observar o dia todo e a noite toda, para que não haja problema no salão de festa. Quando o mestre sala percebe alguém dançando de bermuda, ele coloca essa pessoa para fora do salão. Da mesma forma acontece com as pessoas que estão bêbadas e que procuram confusão. Inclusive ele faz a rota na cozinha, na capela, pra ver se está tudo em ordem. O tamborineiro tem a mesma função do bandeireiro. Quando as pessoas da comunidade retornam da cidade ou as pessoas de fora chegam, o tamborineiro e o bandeireiro devem estar juntos para esse encontro. O mordomo, ele serve de apoio aos demais membros da festa. É um compromisso que ele faz com o santo” (Ferreira, 2023, informação verbal).

A programação do primeiro dia continua e às 19 horas é realizada a oração da ladainha. Em seguida de uma forma organizada acontece a distribuição do café na mesa, acompanhado

de pão, bolacha, bolo, farofa e demais guloseimas. Depois do café, acontece o início da festa dançante e a meia noite é realizado um intervalo.

Durante o intervalo, o povo se dirige à capela para participar da cerimônia de beijar o santo e na sequência há distribuição de sopa através de copos descartáveis para todos os presentes. A partir da distribuição da sopa, o café fica à disposição durante a noite toda para o consumo do povo presente. Na primeira noite, a festa se prolonga até o amanhecer, ou seja, vai até as seis horas da manhã.

No segundo dia, a passagem de comando aos responsáveis da noite anterior, acontece depois do almoço. A partir dessa, a festa é comandada pelos membros responsáveis do segundo dia. O prazo da apresentação dos membros se prolonga até às 17 horas. Quando o membro não comparece no prazo determinado, ele recebe uma punição. A punição depende da decisão do mestre sala. Há duas formas de punição mais conhecidas.

Na primeira forma de punição, o punido, reza 50 ave-maria e 50 pai-nosso ajoelhado na vaqueta. A vaqueta é um instrumento semelhante a um pedaço de tábua, feito de pau-brasil com quina semelhante a arcada dentária de uma piranha (peixe) de formato triangular. Na segunda forma de punição, o punido é encharcado de bebida alcoólica. Da mesma forma acontece, com a pessoa que é flagrada roubando as frutas do mastro.

A programação da segunda noite, é semelhante à noite anterior e a festa dançante termina às 6 da manhã. Ao meio dia o povo presente participa do almoço e as 14 horas acontece a cerimônia da derrubação de mastros. Antigamente, a derrubada de mastros era realizada às 17 horas, mas, os organizadores da festa resolveram mudar de horário. Nesse momento, todos os componentes da organização da festa, devem estar presentes, inclusive os novos nomeados que irão comandar a festa no ano seguinte.

A escolha dos novos componentes, acontece no decorrer do dia, até antes da derrubação de mastros. Os organizadores da festa, têm a responsabilidade de derrubar um mastro e da mesma forma os novos nomeados também têm a responsabilidade de derrubar outro mastro. Para os organizadores da festa, fica aberta a vaga de permanência para o próximo ano.

Nos tempos passados depois da derrubação de mastros, o comando da festa era repassado para os novatos, que comandavam a festa até meia noite. Essa festa, era conhecida como noite dos novatos, que iriam atuar no ano seguinte. Atualmente, a programação da festa finaliza com a derrubação de mastros. Essa programação da festa é utilizada na festa de São Sebastião e São Tomé. Para a festa de São José, a programação é diferenciada.

A festa de São José ocorre no dia 19 de março. Antes da festa, acontece a elaboração da programação. Os líderes da comunidade se reúnem com o povo no centro comunitário e

junto elaboram a programação para o dia de festa do padroeiro da comunidade. O evento inicia com a procissão que começa desde a residência do senhor Constantino na proximidade da ponte, percorre por toda a comunidade, até chegar na capela São José e continua com a celebração da santa missa (ver figura 06).

Figura06 – Capela São José



Foto: Wilson Bergue Vieira Fonseca, 2023.

Depois da celebração da santa missa, os comunitários se reúnem no centro comunitário para a partilha, que é uma merenda reforçada como vinho de açaí e demais guloseimas. Na parte da manhã, o evento finaliza com o almoço. Na parte da tarde os comunitários se reúnem para participar das brincadeiras como: futebol, queimada, voleibol e tesouro escondido. Nesse dia não há festa dançante.

Após uma semana, a comunidade realiza a festa de São José, com a programação semelhante a festa de São Sebastião e São Tomé. A festa de Santo antigamente tinha uma certa diferença da festa atual, como lembra Eliseu Mourão Ferreira. Vejamos:

Nas conversas noturnas, o meu pai Elísio, contava que se existiam cinco festeiros, era cinco dias de festa, sendo um dia de festa responsabilizado por um festeiro. Se tinham cinco juízes de mastros, eram mais cinco dias de festa. Por isso a festa naquele tempo durava até quinze dias. Tinha o chamado carauataí, onde as pessoas costumavam de pegar os homens e mulheres para jogar no rio. Inclusive, as pessoas que estavam dormindo eram acordadas e levadas também para serem jogadas no rio. Muitas das vezes, a vítima

segurava a pessoa que estava agarrando, os dois ou três e até mesmo um grupo de pessoas caíam juntos na água. Na época que não existia o disco de vinil, a festa era animada com música ao vivo, inclusive o senhor Elísio o meu pai na época, era tocador de violão (Ferreira, 2023, informação verbal).

No mês de junho, a cada ano que passa, há alternância de eventos entre o torneio de futebol e festival de quadrilha. Várias comunidades são convidadas para participar desses eventos.

No primeiro momento, os líderes da comunidade realizam uma reunião com a comunidade para elaborar a programação e para sortear as comunidades que irão participar do evento. De preferência, são escolhidas aquelas que ficam nas proximidades da comunidade de Tapajós. No segundo momento, acontece o envio dos convites para as comunidades sorteadas. Essa estratégia é utilizada em ambos os casos, para o festival de quadrilha e torneio esportivo.

Na maioria das vezes para o torneio esportivo, são sorteadas as comunidades de Duraka, Aparecida, Itacoatiara Mirim, Vila Amazonino e Boa Esperança. As comunidades Duraka, Aparecida e Boa Esperança, se destacam na participação do festival de quadrilha. As demais comunidades não participam, porque possuem poucos brincantes para a disputa do título.

A chegada das comunidades convidadas acontece na véspera do evento e se alojam nos dois alojamentos que existem na comunidade Tapajós. Os dias do torneio esportivo dependem da quantidade das comunidades convidadas presentes. Quando há participação de duas comunidades, o torneio é realizado durante um ou dois dias. O torneio dura até três dias, quando há participação de cinco ou seis comunidades. No final do torneio, acontece a cerimônia de entrega das premiações, para os três primeiros colocados da modalidade masculino, feminino e infantil.

A apresentação do festival de quadrilha acontece durante duas noites. A primeira noite, é abrilhantada com a apresentação do desfile da boneca viva e rainha caipira. Na segunda noite acontece a apresentação das quadrilhas, entrega de premiações para os três primeiros colocados na disputa da boneca viva, rainha caipira e quadrilha. Geralmente a premiação do festival de quadrilha acontece às uma hora da madrugada.

No final do torneio esportivo e festival de quadrilha, sempre acontece a festa dançante. No decorrer da animação acontece a distribuição do *correrê*²² para os convidados, oferecido

²² Ação realizada pelas várias pessoas na distribuição de bebidas alcoólicas, para os convidados presentes no salão de festa.

pelos comunitários da comunidade Tapajós que são anfitriões do evento. A festa dançante continua com a animação dos artistas locais, até o amanhecer do dia. No dia seguinte, os convidados retornam para as suas comunidades.

O esporte feminino da comunidade, naquele momento estava na responsabilidade da Francilene Ernandes Pedrosa, pertencente a etnia *Waikhana* que iniciou o seu trabalho no mês de setembro de 2023. Ela é uma atleta experiente que já participou dos demais eventos esportivos representando a comunidade. No mês de julho, participou como atleta no torneio esportivo de futebol de campo promovido pela comunidade.

Todos os anos acontece na comunidade um evento no mês de junho. O torneio de futebol de campo e o festival de quadrilha, são eventos que acontecem nesse mês de uma forma alternada no decorrer dos anos.

No mês de junho de 2023, aconteceu na comunidade o festival de quadrilha. No mês de junho de 2024, acontecerá na comunidade o torneio de futebol de campo e várias comunidades convidadas estarão presentes. Atualmente, não há campeonato de futebol de campo na comunidade, mas, sabe-se que nos anos passados esse evento já aconteceu. Conforme Francilene Ernandes Pedrosa, etnia *Waikhana* (20 anos):

Já houve campeonato de futebol de campo, promovido pelo meu cunhado Ricardo. Os times participantes, eram das comunidades vizinhas. Tinham o time representando a Vila Amazonino, Aparecida, Itacoatiara Mirim, Tamanduá, Ilha de Duraka, Santo Antônio e inclusive tinha a participação do time da cidade (Pedrosa, 2023, informação verbal).

O time feminino da comunidade Tapajós, para ter sucesso nos eventos esportivos promovidos pelas comunidades vizinhas, inclusive no torneio esportivo que acontece no mês de junho na comunidade, depende da atuação da Francilene, que tem a responsabilidade de formar o time para treinar e comprar os uniformes. Como responsável do time feminino, ela incentiva as atletas a praticarem o esporte, todas as tardes na quadra da comunidade. As modalidades mais praticadas são: voleibol e futsal.

Quando a comunidade é convidada, Francilene convoca as suas atletas para o treino de futebol de campo. Quando chega o dia do torneio, as atletas se deslocam para a comunidade que as convidou. No término do torneio elas retornam para a sua comunidade. Recentemente, no mês de novembro, ela levou o time feminino para o torneio promovido pela comunidade Tapurucuara Mirim e sagrou-se campeã.

O time masculino da comunidade Tapajós, no momento se encontra na responsabilidade do Bruno da Silva Ferreira, pertencente a etnia Baré e iniciou o trabalho como presidente do esporte no mês de setembro de 2023. Antes de se tornar presidente do esporte, o Bruno era atleta e tinha bastante experiência nos torneios esportivos.

Depois da sua posse, participou do torneio esportivo promovido pela comunidade Tapurucuara Mirim e convocou os seus atletas para o treinamento. Na véspera do torneio ele e seus atletas viajaram para a comunidade Tapurucuara Mirim. É o que nos informou o Bruno da Silva Ferreira, etnia Baré (22 anos),

Estiveram presente no torneio vinte e um times e no final a nossa equipe sagrou-se campeã. Esse torneio aconteceu no dia 23 de novembro. Quando eu fui receber convite das outras comunidades, estou pronto para convocar os atletas para o treinamento. No último torneio, trouxemos quatro troféus. Dois de campo, um de futsal e um de vôlei. Está previsto acontecer no dia 9 de dezembro, um torneio aqui na comunidade, promovido pelo vereador Lizardo. Como presidente do esporte, irei colaborar com os materiais esportivos como bola, incluindo água e xibé²³ (Ferreira, 2023, informação verbal).

Para o ano de 2024, estava previsto acontecer um grande torneio esportivo na comunidade de Tapajós e Bruno será o responsável principal do evento. No momento, o presidente do esporte, já possui material esportivo suficiente para futuros eventos como bolas e redes. No decorrer da semana, a cada final de tarde, acontecem na comunidade partidas de voleibol e futsal. Quando a comunidade é convidada, os atletas se reúnem para a partida de futebol de campo, que serve como treinamento e preparação para o torneio.

Como responsável do esporte local, o presidente do esporte fica à disposição da comunidade, para autorizar a liberação dos materiais esportivos, a partir do momento em que os brincantes os necessitam. A comunidade possui um grande apoiador do esporte local, que é o vereador Lizardo. O período de mandato do Bruno, é no total de dois anos e no final da coordenação ele poderá ser reeleito.

A comunidade possui um local de banho, cujo nome é balneário São José e possui uma linda praia. Na época de seca, nos meses de setembro à dezembro, a praia fica à disposição para a toda população, porém é cobrada uma taxa para frequentar. Silvania Oliveira Pereira, pertencente a etnia Tukano (53 anos), conta a respeito do funcionamento do Balneário da seguinte forma:

²³ Bebida tradicional dos povos indígenas do alto Rio Negro, cujo ingrediente é formado pela farinha de mandioca e água.

O Balneário São José da comunidade Tapajós, começou com a ideia de arrecadar fundos na comunidade e foi fundada em 2016. Atualmente o preço do estacionamento do carro é vinte reais, o de moto é dez reais e o pedestre paga cinco reais. Fica disponível de sexta a domingo, a partir das nove horas, mas a cobrança é a partir das treze horas. A partir do momento que a pessoa paga a taxa, ela fica a vontade até as dezessete e trinta horas. Durante a semana o balneário fica fechado, mas, se o banhista procurar os responsáveis, a praia é cedida, pois tem banhista que quer ficar sozinho lá. No primeiro momento tinha venda. Atualmente os comunitários não estão mais vendendo. Foi percebido que os banhistas traziam seu próprio consumo, que dava prejuízo aos vendedores da comunidade. Foi por isso que pararam de vender. Não estava dando lucro (Pereira, 2024, informação verbal).

A feira regional que foi o motivo da fundação no Balneário São José, no início do funcionamento era muito animada, com a presença das comunidades convidadas e artistas musicais vindos da cidade. O trecho narrado por Josycleide Pereira da Silva, etnia Baré (34 anos), mostra que realmente a animação era garantida. Vejamos:

Tudo começou, quando era pra ser somente uma feira regional para arrecadar fundos na comunidade. Era muito movimentado naquela época. Eram convidados os músicos para animar a feira. O primeiro cantor que veio para a feira, foi o Anísio. Depois foi o Negão Neyara e depois veio o Joelmir da guitarra. Isso aconteceu depois que o trator passou. Havia a participação da comunidade Aparecida e Ilha de Duraka (Silva, 2024, informação verbal).

Todas as tardes, as crianças, adolescentes, jovens e adultos, se juntam para jogar bola na quadra de areia e prolongam a brincadeira até às nove horas da noite, tendo em vista que tem energia elétrica 24 horas na comunidade. Durante a semana, o povo trabalha normalmente, realizando seus afazeres de roça e pesca.

Para ter acesso à cidade, a comunidade dispõe do ônibus da empresa Waupés do senhor Edmilson, cujo valor é de cinco reais para cada passageiro. O ônibus transita na estrada de Camanaus nos horários das sete horas da manhã, ao meio dia e às três horas da tarde. Atualmente, existe um ônibus que faz viagem específica na comunidade. Existe também o transporte via fluvial. As pessoas que possuem motor de popa ou rabeta, se deslocam para a cidade com ajuda desses equipamentos. Para se deslocar da cidade até a comunidade, há outras opções, tais como: os motoristas de taxi lotação e taxi carga que cobram a corrida entre setenta à oitenta reais. Existem também na comunidade os ônibus do transporte escolar da Secretaria Estadual de Educação (SEDUC) e da Secretaria Municipal de Educação (SEMED).

Infelizmente tem dias que eles se encontram com problemas mecânicos, atrapalhando as atividades escolares e a aprendizagem dos alunos que estudam na cidade.

A agente comunitária de saúde é a responsável para cuidar do bem-estar físico dos povos que vivem na comunidade. O atendimento também se estende até os sítios vizinhos e para chegar até lá, ela se desloca através do motor rabeta. Com o aumento gradativo da população na comunidade, é necessário a implantação do polo base de saúde no local, para melhorar o atendimento na área de saúde. Consequentemente, os sítios vizinhos também seriam beneficiados e o transporte dos profissionais de saúde aconteceria através do motor de popa e bote de alumínio.

No ano de 2005, o senhor Antônio notou a necessidade da presença constante de um agente de saúde na comunidade e reuniu com o senhor Ajimiru Teles, que na época era conselheiro distrital do Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI). Na reunião, foi abordado a necessidade de um Agente Indígena de Saúde (AIS) na comunidade Tapajós. No final da conversa dos dois na reunião, o senhor Ajimiru pediu ao senhor Antônio para reunir o povo da comunidade com o objetivo de escolher um AIS.

Em outubro de 2005, todo povo da comunidade Tapajós se reuniu para escolher o AIS. No final da reunião a escolhida foi Rosilete Mourão Ferreira, pertencente a etnia Baré. Na fala da Rosilete (47 anos), percebemos o nível de formação da mesma, para ocupar essa função. Vejamos:

Eu tenho várias formações, começando pelo ensino primário e médio que aconteceu no Colégio São Gabriel. Também tenho certificado de comunicação e formação da pastoral da aids, realizado em São Gabriel da Cachoeira. Eu tenho muitos cursos. Vai dar pra anotar todos eles? Então vamos. Tenho o curso de desenvolvimento profissional em vigilância em saúde pela Fiocruz, também realizado em São Gabriel da Cachoeira. Capacitação em técnicas e boas práticas agroecológicas. Intercambio de plantas medicinais, realizado em ACEBEV, no estado de Minas Gerais. Curso técnico em Agente Comunitária Indígena de Saúde, realizado pela SEDUC-AM, em parceria com a Fio Cruz, em São Gabriel da Cachoeira. Curso de segurança alimentar, realizado pelo grupo de interesse especial de avaliação de tele saúde para a segurança alimentar, nutricional de mães e bebês da floresta. Curso de qualificação profissional de agente indígena de saúde (AIS), realizado em São Gabriel da Cachoeira, na FOIRN pelo CETAM. Curso de qualificação profissional em vivências terapêuticas nutricional e medicina da floresta, pelo CETAM e DSEI, realizado na Ilha de Duraka em São Gabriel da Cachoeira. Oficina regional de qualificação da atenção ao pré-natal, administrado pelo SUS-Brasília, realizado no IFAM em São Gabriel da Cachoeira. Capacitação em noções básicas, sobre a malária, na notificação, confecção de gotas espessas e tratamento, realizado pela prefeitura, via FVS no auditório do DSEI (Ferreira, 2023, informação verbal).

No mês de novembro de 2005, Rosilete iniciou o trabalho, cadastrando todas as famílias da comunidade Tapajós, para em seguida apresentar no DSEI. Na época, existiam somente 14 famílias e até o momento existem 38 famílias na comunidade. A atuação da AIS Rosilete também se estende nos sítios vizinhos que são: Novo Israel, São Paulo, Cachoeirinha e Beija-flor. Todos esses sítios estão localizados na estrada da comunidade. Além disso, a AIS Rosilete também atua nos sítios ribeirinhos que estão localizados na margem direita do Rio Negro. São eles: Wedari, Ilha do Camarão, Suaçu e Pedreneira. Diante dessa responsabilidade, a dificuldade maior que AIS Rosilete enfrenta para atender os sítios vizinhos é a falta de transporte fluvial e combustível.

Os medicamentos que ficam à disposição da AIS, são: paracetamol, dipirona, soro oral, medicamentos caseiros e as vezes os insumos para o curativo. Os demais remédios são enviados através da equipe de saúde, que visitam mensalmente a comunidade. No momento a comunidade não possui um posto de saúde para atendimento. Quando os profissionais de saúde chegam na comunidade, o atendimento médico geralmente acontece no centro comunitário e muitas vezes os atendimentos particulares acabam acontecendo no quarto da casa de uma família.

Diante dessa situação, a comunidade já encontrou um local para a construção do prédio, inclusive já teve a iniciativa própria de construir as fundações e armação de ferragens para as colunas. Infelizmente a obra está paralisada por falta de recursos financeiros. Para dar a continuidade da obra, a comunidade está mobilizando para trabalhar em parceria com DSEI, Prefeitura e exército brasileiro. Em contrapartida, a comunidade pretende colaborar com os materiais de construção.

A comunidade não possui um poço artesiano com água potável e muito menos água encanada. Os comunitários consomem água da chuva armazenada através da caixa d'água e cada residência possui uma caixa d'água cedida pelo governo federal. Felizmente, não há registros dos comunitários que adoeceram ao consumir essa água, mas, é necessário manter a caixa sempre limpa. Infelizmente a água só existe quando chove, por isso essa estratégia não é o suficiente para resolver os problemas do dia a dia como: tomar banho, lavar roupas, verduras, tratar o peixe, carne de caça, armazenar água para beber, cozinhar, preparar vinho de açaí, café, leite, mingau de goma, garapa de cana, aluá de abacaxi, caxiri²⁴ e suco de frutas.

²⁴ Bebida feita através da mandioca, cana, cará (tubérculo) e se torna alcoólica através da fermentação.

As residências da comunidade não possuem fossas sépticas. Na observação da AIS, o foco de malária não existe no local, por motivo da inexistência das fossas sépticas e poço de criação de peixes. A doença que se destaca na comunidade é a pressão alta. Na época do ataque da virose, surgem gripe e a diarreia. Com a chegada da covid-19 notou-se que a doença atacou de acordo com a faixa etária, iniciando com os idosos. Para se proteger e curar da covid-19, a maioria dos comunitários tomaram os remédios caseiros e tomaram banho de ervas.

No final da pandemia não houve nenhum registro de óbito na comunidade, mas, as pessoas ficaram com sequelas como: dor de cabeça, dor no corpo, mal-estar e dores nas articulações. A AIS Rosilete é uma profissional conhecedora de vários remédios tradicionais. Por isso, preocupada com a saúde dos comunitários e apesar da falta de um posto de saúde, ela continua orientando seu povo a consumir remédios tradicionais como: chá caseiro, banho de ervas e xarope caseiro.

A comunidade Tapajós caminha lentamente em direção ao progresso. Ainda faltam muitas coisas para ela se tornar uma comunidade padrão. Nota-se que ela precisa de uma infraestrutura que ofereça uma vida digna para os seus moradores como poço artesiano, água encanada, rede de esgoto, polo base de saúde, estrada asfaltada. Nesse sentido, é necessário a união da comunidade e através dos seus líderes realizar reivindicações constantes às autoridades competentes para que seus pedidos sejam atendidos em prol da comunidade.

CAPÍTULO II

AS NARRATIVAS COSMOLÓGICAS DOS WAIKHANA DA COMUNIDADE TAPAJÓS

*“Um povo sem memória ancestral
é um povo perdido no tempo e no
espaço”*

Daniel Munduruku

2.1-A origem dos ancestrais *Waikhana*

A minha viagem para Bolívia, fez eu mudar de plano na minha pesquisa. Na véspera da minha viagem, encontrava-se comigo toda a história da formação social da comunidade Tapajós, que foi o assunto do primeiro capítulo e que foi apresentado na minha qualificação. Na sequência, iria acontecer a pesquisa sobre a origem dos ancestrais *Waikhana* e ciclo anual dos *Waikhana* da comunidade Tapajós, quando viajei para a cidade de El alto na Bolívia.

Quando cheguei lá, ficou difícil entrar em contato com o tio Gabriel. Informei a minha família, especificamente o pai da minha sobrinha, para entrar em contato com ele. Das várias tentativas, conseguiram falar somente uma vez, quando conseguiram gravar através do *WhatsApp*, sobre a viagem dos primeiros ancestrais *Waikhana* através da cobra canoa e ciclo anual dos *Waikhana*. Ficou faltando a história sobre a origem dos ancestrais *Waikhana*. Dessa vez, todas as vezes que alguém da minha família se dirigia para comunidade Tapajós para falar com ele, o mesmo se encontrava no seu sítio na região de Curicuriri.

Lembrei-me da minha qualificação, quando fui orientado para incluir na minha dissertação sobre a origem dos ancestrais *Waikhana*. Diante dessa situação, a única saída encontrada por mim foi através da pesquisa bibliográfica. Por isso a personagem central da pesquisa sobre a criação dos ancestrais *Waikhana*, é a Aline Scolfaro Caetano da Silva, mestranda da Universidade Federal de São Carlos, pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, São Paulo, em 2012 e que escreveu a sua dissertação com o seguinte título: “Falas *Waikhana*: conhecendo e transformando no alto rio Negro (rio Papurí) ”.

No decorrer da história da origem dos ancestrais *Waikhana*, irei incluir as narrativas do povo *Aymara*, para mostrar que algumas mitologias narradas por eles, são semelhantes com as do peixe-gente²⁵. O surgimento dos primeiros seres humanos andinos através das águas, o dilúvio universal, a utilização do calendário estelar, são algumas semelhanças existentes entre os povos *Aymara* e *Waikhana*. A seguir inicia-se a história da origem dos ancestrais *Waikhana*.

²⁵ Significado da palavra *Waikhana*.

No princípio dos tempos, existia no universo somente *Uhpó Kõãkhen*²⁶, o Deus do Trovão, também conhecido como Avô do Universo e somente ele existia. Ele surgiu por conta própria no *Uhta Boho Wɛ'ɛ* (casa de pedra de quartzo). *Uhpó* era tão poderoso que utilizava o seu pensamento para materializar o seu desejo. Foi dessa forma que ele criou o *Taɛro Wɛ'ɛ* (casa do universo), o planeta Terra. Praticamente, a Terra, que possuía um lindo rio, se tornou uma casa para os primeiros seres humanos, criados pelo *Uhpó*, através do sopro da fumaça do cigarro. Para Leonardo Apaza Pilco, Físico da Universidade Pública de El Alto (UPEA), da etnia Aymara (41 anos),

No mundo andino, existem várias culturas. Entre as mais importantes na Bolívia é a cultura Tiwanakota, seguida pela cultura dos povos indígenas Aymara, que no decorrer da sua existência eram formados por vários reinos e de diferentes reinados. Sobre o surgimento dos humanos no mundo andino, existem histórias mitológicas que falam a respeito. Uma delas, por exemplo, a mais difundida que transcendeu a época incaica, é a existência do antigo Deus Wiracocha, que realizou toda a ordem no universo. Antes o universo era desordenado. A mitologia diz que tudo era desordenado e escuro. Até que Deus Wiracocha pensa em ordenar as coisas (Pilco, 2025, informação verbal).

Os primeiros seres humanos, tinham tudo para serem felizes. O criador *Uhpó*, tinha criado tudo que eles precisavam para não passarem necessidade. Inclusive eles tinham que viver de acordo com as regras e ensinamentos deixados pelo criador. Com o passar dos tempos, eles desrespeitaram as regras e os ensinamentos. Ao perceber a desobediência da sua criação, *Uhpó* resolveu exterminá-los. Para exterminar a sua criação, ele pediu a colaboração do *Se'ẽ Pino*, que era um pássaro gigante e que tinham o poder de se transformar numa cobra gigante. *Uhpó* pediu à *Se'ẽ Pino* para bloquear com o seu enorme rabo, a porta de saída da água do *Taɛro Wɛ'ɛ*. Só ficou aberta a porta de entrada da água. A partir do momento que *Se'ẽ Pino* bloqueou a porta de saída da água, a água começou a acumular na Terra, se transformando num grande dilúvio e todos os seres humanos criados pelo *Uhpó* acabaram perecendo.

A narrativa da história do dilúvio, também é narrada por várias etnias como: Dessano, Tukano e Aymara. A narrativa dos Dessano é semelhante a dos *Wa'ikhana*, com a presença do *Se'ẽ Pino* na história. A diferença está no extermínio de alguns animais que estavam devorando os seres humanos. Kẽhíri (1995), pertencente a etnia Dessana na sua narrativa discorre o seguinte:

²⁶ Na língua da etnia *Waikhana*, *Uhpó* significa Trovão e *Kõãkhen* Deus, logo significa Deus do Trovão.

Gõãmϣ, isto é, o Demiurgo, vendo que a humanidade toda morria devorada pelas cobras, pelas onças e pelos espíritos do mato, vendo que estavam desaparecendo muitas criaturas da Terra, decidiu matar todos esses bichos através de um dilúvio. Por isso, ele procurou Sêpĩrõ a quem deu ordem de provocar um dilúvio. Sêpĩrõ é também um Trovão, mas cuja casa não se conhece. Ele é o sétimo Trovão. Assim Gõãmϣ lhe mandou provocar um dilúvio (Kêhĩri, 1995, p. 97).

Na narrativa dos Tukano, o dilúvio aconteceu logo depois da criação da Terra. Os deuses ao perceberem que a Terra já era habitada por seres que não estavam no plano da sua criação, decidiram elimina-los. Barreto (2013), revela que,

Feitas todas as etapas, os demiurgos perceberam que a terra já estava sendo habitada por seres que não estavam no seu plano e providenciaram eliminá-los. Primeiro fizeram a queimada na terra, em seguida promoveram o dilúvio. Depois, notaram que a terra estava encharcada de água e resolveram canalizá-las dando origem aos rios, lagos e fontes aquáticas (Barreto, 2013, p. 56).

Os povos Aymara, também narram a história sobre o dilúvio. De acordo com Leonardo Apaza Pilco,

O ponto de partida de tudo isso é o Lago Titicaca, que é considerado o lago sagrado. A partir do lago, ele criou a primeira geração de seres que habitavam este planeta. Entretanto, esses seres eram corruptos e se corromperam pouco a pouco. Depois que tudo isso ocorreu, Deus Wiracocha viu com maus olhos e disse: vamos eliminar toda a população. Então produziu um dilúvio, todos os habitantes ficaram submergidos na água e morreram. É dessa forma que aconteceu a primeira extinção dos primeiros seres que foram criados e habitaram o planeta Terra (Pilco, 2025, informação verbal).

A narrativa do dilúvio apresentado pelos povos indígenas *Waikhana*, Dessano, Tukano e *Aymara*, mostram que não é somente a Bíblia Sagrada através do livro de Gênesis nos capítulos 6 a 9, apresenta essa história. Fica comprovado que os povos indígenas, também já possuíam esse conhecimento e que nós não somos a única geração de seres humanos existente no mundo. Antes de nós, outra geração de seres humanos já existiu e que desfrutaram dos benefícios existentes no mundo deixados pelo criador.

Depois do dilúvio que devastou todo o *Taεro Wε'ε*, tudo voltou ao início e o *Uhpó Kôãkhen* quando caiu na real estava sozinho novamente. Ao perceber que tudo estava vazio no *Taεro Wε'ε*, *Uhpó* concentrou-se dentro da Casa de Pedra de Quartzo, que era a sua residência e pensou numa nova estratégia para criar a nova geração de seres humanos. No primeiro momento, *Uhpó* pensou em reconstruir o *Taεro Wε'ε*, que foi totalmente devastada pelo dilúvio. Era necessário fazer a limpeza, tendo em vista que todos os males ali acumulados, como

doenças, não dariam condições para a existência da nova geração dos seres humanos. Por isso, *Uhpó* resolveu fazer a limpeza geral no *Tauro W'U*, o planeta terra, deixando limpo para receber a nova geração de seres humanos.

Uhpó viu que a Terra estava limpa e resolveu mudar de nome. Do *Tauro W'U*, a Terra passou a se chamar de *Dia Ahpenkõ W'U* (casa do rio de leite). Lembrando que a primeira geração de seres humanos que habitaram a Terra, antes do dilúvio, foram criados através do sopro da fumaça do cigarro. Para os seres humanos que surgiriam depois do dilúvio, *Uhpó* planejou que eles surgiriam através da água para povoar a Terra e é por isso que ele preparou o *Dia Ahpenkõ W'U*.

Depois da execução da limpeza na Terra, o todo poderoso *Uhpó Kõãkh'en* deu início ao plano para criar nova geração de seres humanos para povoar a Terra. No primeiro momento, através do pensamento fez surgir o *Yuido*, que serviria de suporte para a cuia. Ele pegou o suporte e colocou com muito cuidado no centro do salão do *Dia Ahpenkõ W'U*. Até aqui, o suporte da cuia já tinha sido criado. Na sequência, através do seu pensamento ele fez surgir a *kahtidi wahastoa* (cua da vida) e com muito cuidado deixou no suporte. Para criar os objetos, *Uhpó* bastava falar através do pensamento para eles surgirem. Por isso, através da fala no pensamento fez surgir *kahtidi m'enok'e* (cigarro da vida), *pamulin m'enok'e* (cigarro de transformação), *ahpenkõ m'enok'e* (cigarro de água). Todos esses cigarros criados, tinham que ter uma forquilha, chamada de *sãlinop'e* que foi criado no final. Em seguida, *Uhpó* arrumou com cuidado os objetos recém-criados, organizando os cigarros na forquilha, por sua vez deixou a forquilha dentro da cuia e finalmente deixou a cuia no suporte. *Uhpó* viu que tudo estava organizado e partiu para a próxima ação. Todos esses materiais criados, seriam utilizados na cerimônia do *bahseye* pelo *Uhpó*. Por isso, ao continuar com o seu plano de criar novos seres humanos, ele utilizou a fórmula do *bahseye*, onde estavam incluídos, o mel, o leite, o sumo de várias frutas e depois de chama-los ele soprou na cuia da vida. De acordo com Silva (2012, p. 124 e 125),

Na cuia ele começou a soprar e foi chamando as gotas de água doce e chamando o sumo doce do abiú, juntando tudo com cuidado. Depois chamou as gotas de mel e as doces gotas de leite. Chamou o sumo doce da fruta *kanaco* e o doce da fruta *buriti*. O liquido doce do abiú e do mel ele misturou delicadamente na cuia que benzia. E também a terra de leite de transformação, a terra preta, a terra branca de leite, o sumo doce do ingá, com cuidado e delicadamente, ele misturou na cuia da vida que benzia.

Depois da realização da cerimônia do *bahseye*, *Uhpó* parou para pensar, qual seria o plano que ele iria utilizar para povoar novamente a Terra. Depois de pensar muito, viajou por toda Terra, a procura da matéria que poderia colaborar com a criação dos novos seres humanos. Inclusive viajou pelo universo e na primeira viagem encontrou a matéria que colaboraria com o surgimento do ancestral da etnia Dessana.

O todo poderoso *Uhpó Kôãkhén*, através do seu pensamento viajou pelo espaço, passando pelo *u'mese wu'u* (casa do céu), na sequência se dirigiu para o leste, do lado do sol nascente e em direção do *dia to'pea* (foz dos rios). Continuando com a sua viagem, partiu em direção ao lado oeste, do lado do sol poente e do lado do *dia po'te* (nascente dos rios). Em seguida, viajou para a casa do sul a procura da matéria que colaboraria com a criação da nova geração da humanidade. Em toda parte do universo, em casas que passava, *Uhpó* ia tocando as matérias com uma das suas mãos e no decorrer da viagem conseguiu juntar uma fina camada de poeira. No término da viagem, ele depositou a fina camada de poeira que juntou em uma de suas mãos na cuia. Lembrando que a cuia passou pela cerimônia do *bahseye*, tornando-se um objeto sagrado e apto para receber novas vidas. Quando *Uhpó* colocou a pequena quantidade de poeira na cuia, ela se transformou no *hedipona* (coração), que era a essência da vida do ancestral da etnia Dessano. Esse coração foi gerado através da poeira coletada no espaço pelo *Uhpó*. Por esse motivo, a etnia Dessano é conhecida como Gente do Espaço, Gente do Universo, *Dehkoli Mahsã* e Gente do Dia. O dono desse coração, que foi o ancestral da etnia Dessano e que foi o primeiro a surgir se chamou *Kenenogéle*.

Uhpó ficou muito feliz com o resultado positivo alcançado e resolveu realizar outra viagem no universo para conseguir a segunda essência da vida. Fez o mesmo percurso da viagem anterior. Viajou para o lado norte, sul, leste, oeste do universo e não encontrou nenhuma matéria que colaboraria com a criação de mais uma essência da vida. Diante dessa situação, *Uhpó* resolveu explorar na Terra, conhecida como *yepá pamulin di'ta* (Terra de transformação). Ele vasculhou toda a Terra, percorrendo nos continentes que possuíam terras de cores diferentes. Explorou as regiões que possuíam *di'ita niño* (terra preta), *di'ta yesedó* (terra branca), *di'ita sôãno* (terra vermelha) e em toda Terra.

No final da exploração ele conseguiu juntar uma pequena quantidade de poeira, resultado da exploração da Terra e colocou dentro da cuia sagrada. Quando *Uhpó* colocou a poeira na cuia, ela se transformou em mais um *hedipona* (coração), a segunda essência da vida do ancestral da etnia Tukano e que se chamou *Dahseido*. A sua essência da vida surgiu através da poeira coletada na Terra pelo *Uhpó*. Por esse motivo, a etnia Tukano é conhecida como *Ye'pa Mahsã* (Gente da Terra)

Ao perceber que seu plano deu certo, *Uhpó* resolveu partir para o próximo passo, mas parou para pensar se nada estava faltando e quando notou que faltava mais uma vida. Por isso, decidiu realizar mais uma viagem no universo, para encontrar a matéria que faria surgir a terceira essência da vida. Viajou nos quatro cantos do universo, norte, sul, leste e oeste. Infelizmente não encontrou nenhuma matéria que faria surgir mais uma essência da vida. Na sequência passou pela Terra, na terra de transformação para explorar as regiões que possuíam a terra preta, branca, vermelha e não encontrou a matéria desejada.

Quando percebeu que nada encontrou, nos lugares onde ele já tinha passado nas viagens anteriores, *Uhpó* resolveu explorar no mundo das águas. No primeiro momento, partiu para *pamulin ahkó* (rio de água de transformação). Explorou desde foz e nascente dos rios. Incluindo os oceanos e mares. No final da viagem, conseguiu juntar uma pequena quantidade de poeira. Ao depositar a poeira dentro da cuia sagrada, fez surgir mais um *hedipona* (coração), que se tornou a essência da vida do *Waikheno*, o ancestral do Gente Peixe, da etnia *Waikhana*. Lembrando que a essência da vida do *Waikheno*, surgiu da poeira extraída do mundo das águas do planeta Terra e é justamente por isso que os descendentes do *Waikheno* são chamados de Gente Peixe, Gente Cobra e *Waikhana*. De acordo com Silva (2012, p. 127),

Foi assim que *Uhpó* criou os seus netos; e foi na água que ele nos encontrou: nós somos netos do *Waikhana*, ‘Povo Peixe’. Por isso é que temos esse nome, por esse trabalho que fez *Uhpó Kõãkhēn*. [...] Dizem até que a cobra-canoa, na qual todos embarcarão rumo ao centro da terra, era, na verdade, o próprio corpo de *Waikhēn*, o primeiro ancestral *Waikhana* (também chamado de Kenein em algumas narrativas). É por isso que os *Waikhana* são também Pinoã Mahsã, Gente Cobra, aqueles que surgiram no mundo das águas, no rio de água de transformação.

Depois do surgimento dos seus três netos, *Uhpó Kõãkhēn* deu continuidade com o seu plano de povoar a Terra e na sequência preparou três cigarros para cada um dos seus netos. O primeiro cigarro estava direcionado para fortalecer a vida do *Kēnēnogēle*, ancestral da etnia Dessano, o segundo cigarro estava direcionado para fortalecer a vida do *Dahseido*, ancestral da etnia Tukano e o terceiro cigarro estava direcionado para fortalecer a vida do *Waikheno*, ancestral da etnia *Waikhana*.

Após a realização da cerimônia do *bahseye* nos cigarros, o todo poderoso *Uhpó Kõãkhēn* soprou a fumaça para dentro da cuia sagrada. Dessa forma através da fumaça, as três essências da vida que se encontravam dentro da cuia, receberam o poder de desenvolver e crescer. No término da cerimônia, ao perceber que a cuia sagrada necessitava da tampa, *Uhpó*

fabricou um *ba'tikulido* (tampa de cipó) e com muito cuidado tampou a cuia, tendo em vista que ela possuía três vidas (*kahtiro*).

A cuia sagrada ficou tampada em cima do suporte por algum tempo. Um dia, *Uhpó* resolveu abrir a tampa para observar o que estava acontecendo por dentro da cuia. Ao perceber que alguma coisa se mexia constantemente, chegou à conclusão que as três essências da vida estavam se desenvolvendo, tampou a cuia novamente com a tampa de cipó e se concentrou para realizar a cerimônia de *bahseye*. O objetivo da cerimônia era fortalecer os três corpos da essência da vida que estavam se desenvolvendo com ossos de peixe, tendo em vista que estavam com pouca energia e sem a estrutura óssea.

A cerimônia do *bahseye*, foi realizada com sucesso. Através dela, *Uhpó* colocou os ossos do peixe nas três vidas que se encontravam dentro da cuia. *Uhpó* ao perceber que as três vidas não paravam de crescer, chegou à conclusão que já era hora de levá-los para viverem no *Ahpenkô Taro* (Lago de Leite). Antes de levá-los para o lago de leite, o todo poderoso *Uhpó* através do pensamento, limpou e purificou todo o lago. O sumo de frutas doces, leite e mel, foram os materiais utilizados para a limpeza e purificação do lado de leite.

Essa ação, foi realizada para afastar qualquer ameaça, que poderia comprometer o desenvolvimento e crescimento das três vidas. Depois da realização da limpeza do lago, ele se dirigiu para Dia *Ahpenkô Wɛ'ɛ* (Casa do Rio de Leite), onde se encontrava a cuia da vida e levou para a beira do Lago de Leite. Com muito cuidado destampou a cuia e com muita tranquilidade despejou as três vidas no Lago de Leite. Sem sofrer nenhum tipo de metamorfose, do jeito que se encontravam na cuia, essas três vidas encontraram um novo lar nas águas de *Ahpenkô Taro*.

As três vidas permaneceram por longo período de tempo no *Ahpenkô Taro*, até se transformarem no *wai* (peixe). Durante esse período, o Lago de Leite ofereceu grande quantidade de nutrientes que colaboraram com o crescimento das três vidas e que no momento se encontravam na forma de um peixe. Depois de muito tempo vivendo nas águas do Lago de Leite, eles se desenvolveram e se fortaleceram. *Uhpó* sempre de olho, notou que no decorrer do tempo, as três vidas deixavam rastros na beira do lago e chegou à conclusão que os seus netos já estavam prontos para deixar o Lago de Leite. Diante dessa realidade, *Uhpó* teve dificuldades para ter contato com as três vidas, tendo em vista que todas as vezes que os seus netos o viam, sempre corriam assustados e caíam na água para se esconderem nas profundezas do Lago de Leite.

Uhpó teve paciência para entrar em contato com os seus netos. Numa noite, ao perceber que seus netos saíram do lago para passear na superfície da terra, aproveitando a

ausência deles no lago, *Uhpó* teve a idéia para realizar mais uma cerimônia de *bahseye*. Dessa vez, através dessa cerimônia, ele criou o *kahtie ka'sa* (esteira de pari da vida) e também criou *mahkanã ka'sa* (esteira de pari de criança). Na sequência, montou com muito cuidado as duas esteiras na superfície das águas do Lago de Leite. O objetivo das esteiras montadas, era barrar o mergulho das três vidas nas profundezas das águas, para que eles pudessem ficar apenas na superfície do lago, assim que retornassem do passeio.

Quando *Uhpó* retornou para o lago, ele viu os seus netos na superfície da água e segurando-os pela mão puxou um por um para a terra. A estratégia de criar as duas esteiras de pari, para colocar na superfície do lago funcionou. Finalmente, dessa forma *Uhpó* conseguiu ter contato com os seus netos. A essa altura, o Deus do Trovão se encontrava muito feliz ao ver os seus netos na sua frente. Para eles crescerem cada vez mais fortes e protegidos, *Uhpó* realizava a cerimônia de *bahseye*. Na medida que o tempo passava, as três vidas ganhavam aparência de seres humanos. Ao perceber essa mudança, *Uhpó* decidiu levá-los para Dia *Ahpenkõ W'ε*.

Na medida que os netos cresciam, *Uhpó* realizava a mudança dos mesmos para outras casas. Eles não ficaram por muito tempo no Dia *Ahpenkõ W'ε*. *Uhpó* ao perceber que seus netos não paravam de crescer, resolveu transferi-los para Dia *Tupaku W'ε*. Praticamente essa é a segunda casa, na qual seus netos passaram a morar e tiveram as primeiras lições do mundo da educação. Para educar, *Uhpó* criou no primeiro momento, o *kahtie Kumuno* (banco da vida) para cada um dos seus netos e entregou a eles. Ao receberem os bancos, eles sentaram e descansaram.

O objetivo do *Uhpó* nessa fase, era transformá-los em seres humanos espertos e sábios. Por esse motivo, eles moraram por muito tempo no Dia *Tupaku W'ε*. No decorrer do tempo, eles foram crescendo e o banco se tornou a base do sustento das suas vidas. Consequentemente eles foram se tornando cada vez mais fortes e sábios.

Uhpó sempre estava de olho em seus netos. Durante a estadia dos mesmos, no Dia *Tupaku W'ε*, ele notou que os seus netos eram somente homens. Diante dessa situação, ele parou para pensar e depois de refletir muito resolveu criar três mulheres. Cada mulher que foi criada, se tornou irmã de cada um deles. A irmã do *Waikhεno* (*Waikhana*) se chamou *Holipahkó*. *Dahseido* (Tukano) recebeu a sua irmã que se chamou *Ye'pa Mahsono*, *Kεεεnogεle* (Dessano), por sua vez, recebeu a sua irmã e inclusive o *Koleinogεlé* (Arapaço) que surgiu depois também teve a sua irmã.

No decorrer dos tempos, elas se tornaram as primeiras mães que geraram a vida dos primeiros seres humanos na face da Terra. Os três netos do *Uhpó*, incluindo o *Koleinogεlé*,

depois que receberam as suas irmãs, sempre estiveram juntos, desde a partida dos mesmos do Lago de Leite e até o término da viagem no centro da Terra. Depois do término da viagem, eles se tornaram *pe'neno* (cunhados) e tiveram uma boa relação de parentesco entre eles.

Na cultura *Aymara*, logo depois do dilúvio, surgem os dois primeiros humanos, que saem do Lago Titicaca. Eles são os que dão origem em teoria a cultura *Tiwanacota*. Esses dois primeiros seres humanos, são os responsáveis em povoar outra vez o planeta Terra. De acordo com Leonardo Apaza Pilco,

Aqui existe um pouco de controvérsia. Essa história, já é uma adaptação de Deus Aymara Tunupa e Wiracocha, mas somente os associam como o mesmo Deus. Dentro da cultura Tiwanacota, o Deus Tunupa²⁷ é que dá origem os dois primeiros humanos. Já na cultura dos povos Aymara e Inca, é o Deus Wiracocha é que dá origem os dois primeiros humanos que saíram no Lago Titicaca. Os dois primeiros humanos eram um casal. O homem se chamava Manco Capac²⁸ e a mulher se chamava Mama Ocllo²⁹. Esse casal foram os primeiros habitantes do planeta Terra (Pilco, 2025, informação verbal).

O tempo passou, e os netos do *Uhpó*, já estavam bem crescidos no *Tupaku Wə'ə*. Eles se tornaram a esperança para povoar a Terra, de acordo com os planos do *Uhpó*. Uma parte do plano do Deus do Trovão era, assim que eles estivessem prontos, seriam enviados para o centro da Terra, com o objetivo de povoar o planeta, mas, ele não sabia como enviá-los.

Finalmente o dia da grande viagem chegou. Os netos do *Uhpó*, já estavam aptos para a partida. Para enviá-los rumo ao centro da Terra, o Deus do Trovão criou uma cobra gigante, que levaria dentro do seu ventre os seus netos. Essa enorme cobra, também conhecida como *Pamulin Yəhkəsale* (canoa de transformação), iria partir do Lago de Leite e viajaria no fundo do rio até chegar no centro da Terra.

Reunido com os seus netos no *Tupaku Wə'ə*, *Uhpó* informou o seu plano de enviá-los para o centro da Terra para repovoar o planeta. Ele falou que o local onde se encontravam não era o centro do mundo e era um local inadequado para repovoar a Terra. Por isso, ele os enviaria para o poente, onde ficava localizado o *dehko pati* (centro da Terra). Depois da reunião com os seus netos, *Uhpó* se dirigiu em direção ao porto e ficou refletindo em busca de uma estratégia para enviá-los para o centro do mundo. Durante a reflexão, o poderoso *Uhpó* fez surgir uma

²⁷ No contexto andino, é o nome de um Deus ancestral, conhecido por sua ligação com os raios e erupções vulcânicas.

²⁸ Em Quechua, *Manqu Qhapaq* significa, o fundador real. Ele é considerado o primeiro governador e fundador da civilização inca em Cuzco. Ensinou o homem a cultivar milho, trigo e construir casas.

²⁹ Em Quechua, *Mama Uqllu*, é uma figura importante na mitologia inca. Ela é a esposa do *Manco Capac*, é considerada a deusa da Lua, da fertilidade, do casamento e das mulheres. Ensinou as mulheres a fiar e tecer para fazer vestidos de lã e algodão.

enorme cobra, que a chamou de *Pamulin Yehkēsale* (canoa de transformação). *Uhpó* ficou tão impressionado com a sua criação e decidiu mostrar para os seus netos. Por isso, levou-os para a beira do rio, onde se encontrava a canoa de transformação e que aguardava os mesmos para o embarque.

Na narrativa dos povos Tukano, também se destaca a existência de *Pamulin Yehkēsale*, tendo em vista que o seu ancestral se encontrava no meio da tripulação que fez a viagem para o centro da Terra. De acordo com Barreto (2013, p. 58),

Após ter construído o mundo terrestre com todas as condições de habitação de vida humana, a primeira atitude de Yepa-oãku e sua irmã Yepalio foi construir pamuri-pirô-yukussu, uma embarcação especial, que também é conhecida como “canoa da transformação”, “canoa da fermentação” ou simplesmente “cobra-canoa”, para finalmente concretizar a passagem da potência para a forma e a condição humana.

Ao retornar para *Tupaku Wə’ə*, *Uhpó* deu início aos preparativos para a viagem de seus netos. Preocupado com cada um deles, ele pensou de que forma eles poderiam sobreviver durante a viagem, tendo em vista que os mesmos enfrentariam vários tipos de perigo no decorrer do percurso. Por isso eles precisavam de algo para que vos desse proteção, força e sabedoria. Para resolver esse problema, *Uhpó* preparou o *Kahtidi Kumuno* (banco da vida). Através do banco da vida, eles iriam adquirir muita sabedoria no decorrer da viagem. Para adquirir a sabedoria, eles precisariam de outros materiais. A solução encontrada pelo *Uhpó*, foi criar os seguintes materiais: *kahtidi wahastoa* (cuia da vida), *kahtidi mənokə* (cigarro da vida) e *kahtidi pa’tua* (ipadú da vida). Através desses materiais os netos do *Uhpó*, sentados no banco da vida durante a viagem, iriam adquirir muita sabedoria, proteção e força.

No término do trabalho, *Uhpó* ordenou ao *Dehkoli* para pegar os objetos da vida, se dirigir no porto e embarcar na grande canoa. Ao receber a ordem, ele foi para o porto e ficou na parte central da canoa de transformação. *Uhpó* acompanhava tudo de perto. Depois de acompanhar o embarque do *Dehkoli*, ele retornou para *Tupaku Wə’ə*. Ao chegar no *Tupaku Wə’ə*, ele chamou o *Waikhəno* para entregar o cetro maracá e o *yaigə* (bastão de comando). Nesse momento o *Waikhəno* recebeu o poder de comandar a grande viagem com muita força e sabedoria. Além desses materiais, *Uhpó* entregou também os objetos da vida ao *Waikhəno* e depois ambos desceram para o porto. Ao chegar no porto, o *Waikhəno* embarcou e ficou na parte da frente da Cobra Canoa.

A essa altura, *Dahseido* ainda se encontrava no *Tupaku Wə’ə*. Quando notou que os dois irmãos já estavam dentro da Cobra Canoa, ele pegou rápido os seus objetos da vida e foi

caminhando rápido para o porto. Ao perceber que a grande canoa já estava se afastando da beira, *Dahseido* caminhou apressado, e saltando conseguiu alcançar a popa da canoa de transformação e ali ele ficou. Não se sabe como, mas de repente apareceu o *Koleino*, o ancestral do *Arapaço* e a grande canoa já se encontrava distante do porto. Para conseguir embarcar, *Koleino* teve que realizar um grande salto e felizmente conseguiu alcançar o porão do casco da Cobra Canoa. É por isso que ele passou a ser conhecido como *pinõ kɛtiro po'nɛno* (filho do casco da cobra).

Depois que todos embarcaram na canoa de transformação, o todo poderoso *Uhpó* retornou para *Tupaku Wɛ'ɛ*. Quando chegou lá, ele pegou uma caixa pesada a arrastou até chegar no porto. Em seguida, transportou a caixa para a canoa de transformação e deixou perto do *Waikhɛno*. Essa caixa possuía a noite dentro dela, por isso se chamava *ña'in ahkaro* (caixa da noite). Essa caixa seria aberta no momento certo. Na sequência, *Uhpó* deu as últimas recomendações para o *Waikhɛno*. Falou que o *Waikhɛno* iria comandar a viagem sempre seguindo o *yaigɛ* (bastão de comando) e dessa forma viajaria para a direção certa. De acordo com Silva (2012, p. 135-136),

Vendo que seriam só aqueles mesmos, *Uhpó* voltou a *Tupaku Wɛ'ɛ* para buscar algo e trouxe arrastando para o porto uma pesada caixa. Esta era a 'caixa da noite' (*ña'in ahkaro*), a qual *Uhpó* colocou próximo de onde estava *Waikhɛn*. Em seguida falou para ele: - Você, com este bastão de comando (*Yaigɛ*), será o comandante desta embarcação, você é que saberá para onde seguir. E continuou: - Você seguirá para *Ba'ado Wɛ'ɛ* e daí tirará a medida desta terra para saber em que direção seguir. Medirá com o bastão até o nascente, até o poente, até o sul e até o norte, mas nesta casa *Ba'ado* o cetro não cairá, apenas se inclinará. Mas lá, quando vocês chegarem ao centro do mundo, o bastão cairá, indicando que é aí que deverão parar.

O local de partida aconteceu no *Ahpenkô Taro* (Lago de Leite), no porto do *Tupaku Wɛ'ɛ*. Atualmente para alguns sábios indígenas, o Lago de Leite está localizado na costa do Rio de Janeiro. A canoa de transformação iniciou a sua jornada, navegando a costa brasileira até chegar na foz do Rio Amazonas e continuou com a viagem. Ao chegar na foz do Rio negro, continuou navegando até chegar na foz do Rio Curicuriari e continuou navegando até chegar próximo a nascente desse rio. Na sequência retornou para o Rio Negro, subiu rio acima e quando chegou na região do São Felipe retornou até chegar na foz do Rio Waupés.

O objetivo da viagem era chegar no centro da Terra. Atualmente o centro da Terra é sinalizada pela linha do equador. Praticamente a região do centro da Terra, é a terra prometida criada pelo *Uhpó* para entregar aos seus netos, que se tornaram responsáveis para povoar o

planeta. A Cobra Canoa ao navegar pelo Rio Waupés, estava se aproximando do centro da Terra. Por isso, a Cobra Canoa continuou navegando o Rio Waupés até chegar no Dia *Kahpi Wɛ'ɛ*. Nesta casa, os *Pamulin Mahsã* permaneceram por um longo período de tempo.

Depois de muito tempo, eles deram continuidade da viagem navegando o Rio Tiquié, até chegar na cabeceira. Na sequência a Cobra Canoa retornou, viajando em direção à foz do Rio Tiquié e parou ao chegar no Dia *Mahapikōri Wɛ'ɛ* (Casa da Pena de Arara). Quando os *Pamulin Mahsã* chegaram nessa casa, eles encontraram os *bahsa bu'sa* (enfeites de dança), que surgiram para serem utilizados nas festas. Os *bahsa bu'sa*, juntamente com os objetos da vida, passam a fazer parte dos *Pamulin Mahsã* e dando mais poderes a eles. A viagem continuou, dessa vez a Canoa de Transformação navegou em direção à Cachoeira do Ipanoré no Rio Waupés. Quando chegou no Dia *Kihtió Wɛ'ɛ*, na Cachoeira do Ipanoré, a Canoa de transformação foi se aproximando do buraco que era o portal de saída dos *Pamulin Mahsã*.

Finalmente chegou o momento dos *Pamulin Mahsã* se transformarem da forma de peixe gente, para a de seres humanos, a partir do momento que iriam sair do buraco, na Cachoeira do Ipanoré. A alegria tomou conta dos *Pamulin Mahsã*. Eles se prepararam para o desembarque, pegando os seguintes materiais: os objetos da vida, os *kihtió* (enfeites para a festa), *bahsa bu'sa* (enfeites de dança) e *yaigɛ* (cetro). Na sequência, aguardaram o momento de saída e estavam ansiosos para conhecer a superfície terrestre. Até àquele momento, eles conheciam apenas o mundo aquático.

O todo poderoso *Uhpó Kōākhum* que acompanhava a viagem, se posicionou nas alturas próximo a Cobra Canoa para observar a saída dos *Pamulin Mahsã*, através do portal que era um buraco localizado na Cachoeira do Ipanoré. Ele observou que através da Cobra Canoa, os *Pamulin Mahsã*, todos ornamentados, cada qual com o cetro na mão, se aproximavam do buraco que daria acesso à superfície. *Uhpó* também observou atentamente, quando a Cobra Canoa se posicionou embaixo do buraco e quando os *Pamulin Mahsã* se posicionaram para dar início a saída.

Para organizar a saída, *Uhpó* se posicionou ao lado do buraco. Ele percebeu a ansiedade dos *Pamulin Mahsã*, pois finalmente eles iriam se transformar em seres humanos e iriam conhecer o mundo da superfície terrestre. No clima da ansiedade, quem tentou sair primeiro foi o *Dahseidó*, mas, foi impedido pelo *Uhpó* e disse que ele sairia depois. *Uhpó* estava decidido que a sequência da saída dos *Pamulin Mahsã*, seguiria a sequência da criação. O primeiro a ser criado, foi o *Dehkoli*, o segundo foi o *Dahseidó* e o terceiro a ser criado foi o *Waikhɛno*. Por isso o primeiro a ser autorizado para sair, foi o *Dehkoli* (ancestral dos Dessano). Ele saiu do buraco já na forma humana, totalmente enfeitado e segurando o seu cetro. Ficou

muito impressionado com o mundo terrestre e não parava de olhar ao seu redor. O segundo a sair foi o *Dahseidó* (ancestral dos Tukano), já na forma humana ele também se apresentou todo enfeitado e com o cetro na mão. O terceiro a sair foi o *Waikheno* (ancestral dos Waikhana). Ele também saiu do buraco já na forma humana, todo enfeitado e segurando o seu cetro em uma de suas mãos. A elegância dos *Pamulin Mahsã* era exuberante. O quarto a sair foi o *Pehkasé* (ancestral dos brancos). O quinto a sair foi o *Di'i* (ancestral dos Tuyuka). Em seguida foram saindo os ancestrais das demais etnias. Cada ancestral quando saiu do buraco, saiu acompanhado com a sua irmã.

Os Dessano e os Tukano, também narram essa passagem. Os Dessano consideram a cachoeira de Ipanoré como a 56ª maloca, contando a parti do momento que a Canoa de Transformação iniciou a viagem saindo do Lago de Leite e é o local onde os ancestrais pisaram pela primeira vez na superfície terrestre. Neste sentido, Kêhíri (1995) revela que,

Daí chegaram à 56ª maloca que se chama Diáperagobewi'i. Esta maloca está na grande Cachoeira de Ipanoré. Aí pisaram na terra pela primeira vez, porque antes eles vinham debaixo da água com a canoa de transformação. O Bisneto do Mundo ia dividindo-os à medida que estavam saindo para a superfície da terra. Eles saíram por si mesmos. Por isso, na Cachoeira de Ipanoré vêem-se os buracos da sua saída, na laje de pedra. A Canoa de Transformação ficou no fundo da água, não veio à tona. Somente eles é que saíram à superfície da terra (Kêhíri, 1995, p. 38).

Para os Tukano, a cachoeira de Ipanoré é conhecida como *dia-petawi*. Nesse lugar os *Pamulin Mahsã* saíram da Cobra Canoa já com aparência de seres humanos e encerrando com a aventura da longa viagem. Barreto (2013, p. 61-62), discorre o seguinte:

Quando a embarcação aportou na cachoeira de Ipanoré, na residência *dia-petawi*, destino final da aventura humana, toda sua tripulação remanescente emergiu da embarcação, na forma e na condição de seres humanos, constituindo os diferentes povos habitantes da região do Alto Rio Negro. [...] Os principais povos habitantes dessa região originários do espaço aquático denominados de *pamuri-mahsã* são: Tukano, Kubeu, Wanana, Tuyuka, Piratapuya, Miriti-tapuya, Arapaso, Karapanã, Bará, Siriano, Makuna, Hupda, Yuhupde e Dow.

Os descendentes dos *Pamulin Mahsã*, através das suas narrativas confirmam que realmente a cachoeira do Ipanoré é o local onde aconteceu a saída dos primeiros ancestrais da cobra canoa para a terra. O buraco existente na laje da pedra é visível no período da seca. Em 2003, tive a oportunidade de ver o local, quando meu tio me levou para o distrito de Yauaretê

para vender peixe. Ele fez uma parada obrigatória quando eu falei que gostaria de ver o local do surgimento dos *Pamulin Mahsã*. É um local emocionante, que apresenta uma característica paradisíaco.

Quando vi a enorme e assustadora queda da água, que caracteriza a cachoeira do Ipanoré, pensei se aquilo era a estratégia utilizada pelo criador. O local parece um cenário preparado por ele para o surgimento dos seres humanos. Nossa impressão é a de que a enorme queda da água é o bloqueio que sinaliza o fim da viagem da cobra canoa e que os *Pamulin Mahsã* ao chegarem nesse local estariam aptos para o desembarque. Já pensando nisso, o criador deixou tudo pronto, inclusive o portal do desembarque que é o buraco existente na laje de pedra.

O próximo plano do *Uhpó Kõãkhum*, era distribuir armas de caça para os primeiros ancestrais de cada etnia, sabendo que eles iriam precisar para viver no mundo novo. Para realizar essa ação, ele colocou na beira do rio vários tipos de armas como: arco e flecha, lança, zarabatana e espingarda. Em seguida, *Uhpó Kõãkhum* ordenou para que os primeiros ancestrais formassem uma fila na ordem da saída do buraco. O primeiro a receber ordem para escolher a sua arma, foi o *Dehkoli*. A espingarda chamava atenção dos primeiros ancestrais ali presentes. Por isso *Dehkoli* não pensou duas vezes e foi caminhando na direção da espingarda para pegar. Ao pegar a espingarda, ele observou detalhadamente para descobrir o funcionamento da arma, mas, infelizmente não conseguiu, colocou a espingarda no chão e empossou-se de outra arma. Em seguida foi a vez do *Dahseidó* e mais uma vez a espingarda chamou atenção do mesmo. Ele caminhou em direção da espingarda para pegar. Quando pegou, tentou mexer de várias formas para descobrir o funcionamento da arma, mas, também não conseguiu, acabou deixando a arma no chão e pegou outro tipo de arma. Na sequência chegou a vez do *Waikheno* para escolher a sua arma. Por sua vez, ele também se interessou para tomar posse da espingarda. Confiante para descobrir o funcionamento da arma, ele mexeu de várias formas e de todas as formas, mas, infelizmente também não conseguiu manusear a arma.

O mistério estava no gatilho. Bastava um deles puxar o gatilho para trás, que o disparo iria acontecer. O *Pehkas*, já estava de olho nesse detalhe. Finalmente chegou a vez do *Pehkas*. Ele também foi caminhando em direção da espingarda para pegar. Quando pegou, apertou o gatilho para trás e conseguiu realizar vários disparos assustando os demais ancestrais presentes. Dessa forma o *Pehkas* se tornou o dono da arma de fogo. Os ancestrais indígenas ficaram com o arco e flecha, lança e zarabatana.

Para os Dessano, o *Pehkas* foi o sétimo e último ancestral a sair da cobra canoa. Ele não recebeu nenhum benefício do Bisneto do Mundo, apenas a autoridade para fazer guerra e

conquistar riquezas dos demais povos. Na sua narrativa, Kêhíri (1995), pertencente a etnia Dessano, descreve o nome do *Pehkasu* como Branco e discorre que,

O sétimo a sair para a superfície foi o Branco, com a espingarda na mão. O Bisneto do Mundo disse-lhe: - “Você é o último. Dei aos primeiros todos os bens que eu tinha. Como você é o último, deve ser uma pessoa sem medo. Você deverá fazer a guerra para tirar as riquezas dos outros. Com isso, encontrará dinheiro! ” Quando ele acabou de dizer isto, o primeiro Branco virou as costas, deu um tiro com a espingarda e seguiu para o sul. [...] Foi assim porque o Bisneto do Mundo deu-lhe o poder de fazer a guerra! Para ele a guerra é como uma festa. Por isso é que os Brancos fazem guerras (Kêhíri, 1995, p. 40)!

Os Tukano, nas suas narrativas também confirmam a presença do *Pehkasu* na cobra canoa. Ao contrário dos demais povos que se espalharam na região do noroeste amazônico, o *Pehkasu* por se apossar da arma de fogo durante o desembarque da cobra canoa, recebeu a ordem do *Yepa-oãku*, para dirigir-se ao sul. Barreto (2013), pertencente a etnia Tukano, nas suas narrativas revela o seguinte:

O *pehkasu* (Branco) também foi integrante dessa viagem, e é considerado o primeiro irmão menor de doetiró, mas foi preterido pelo *Yepa-oãku* por se apossar da arma de fogo no momento de seu desembarque, que o faz retornar para além-mar, no ponto da origem da viagem, sob a condição original de *Wai-mahsu*, e disse: vá para o sul, além-mar, lá construirás armas e inventarás coisas para satisfazerem seus desejos, porém não serás uma pessoa realizada e feliz, pois viverás em guerra entre seus próprios filhos e irmãos. Os povos indígenas por sua vez, se espalharam por toda a região do noroeste amazônica, ocupando todo o Alto Rio Negro e suas principais afluentes, a exemplo dos rios Tiquié, Papuri e Vaupés (Barreto, 2013, p. 62-63).

As narrativas que acabaram de ser apresentadas, nos mostram que o *Pehkasu* surgiu juntamente com os *Pamulin Mahsã* e que eles sempre souberam dessa história. Os ancestrais sabiam que o *Pehkasu* foi para outro lado do mundo, mas no decorrer dos tempos as pessoas das outras gerações nem todos tomaram esse conhecimento. Quando o *Pehkasu* chegou na região, confirma-se o que está escrito nas narrativas, que ele realmente estava na cobra canoa e atualmente vive entre nós.

Tudo estava planejado pelo *Uhpó* e o próximo passo era o banho dentro de uma panela que possuía em seu interior o breu fervente. A ordem para tomar banho dentro da panela seguia a mesma sequência da distribuição das armas, mas, os primeiros ancestrais não tiveram a coragem de pular dentro da panela. O medo tomou conta, por isso simplesmente molharam

apenas as palmas das mãos e dos pés. Quando as palmas das mãos e dos pés se molharam, as peles se soltaram, todas por motivo do breu fervente. É por isso que somente as palmas das mãos e dos pés dos indígenas possuem a cor branca.

Quando chegou a vez do *Pehkasɛ* tomar banho na panela, ao receber a ordem do *Uhpó*, ele simplesmente cumpriu a ordem e pulou dentro do breu fervente. Ao sair da panela, toda a sua pele se descascou e foi substituído pela cor branca. Essa é a história de origem da pele branca dos *Pehkasã*. *Uhpó* não ficou nada satisfeito com os resultados obtidos pelos seus netos. Ele esperava que os seus netos iriam tomar posse da arma de fogo e que tomariam banho na panela do breu fervente. Dessa forma eles iriam adquirir vários poderes e conhecimentos. Todos esses poderes e conhecimentos passaram a pertencer ao *Pehkasɛ*. Em seguida, o Deus do Trovão conduziu os primeiros ancestrais para o *Pamulin Padiró* (Praia de Transformação) e chegando lá realizou a cerimônia de *bahseye* com folhas de *pinú-pinú*.

Depois da cerimônia de *bahseye*, os *Pamulin Mahsã* receberam a ordem do *Uhpó*, para embarcar na Canoa de Transformação. Dessa vez eles tinham que descer o Rio Waupés, até chegar na casa *Dia Kahpi Wɛ'ɛ* para beber *kahpi*. A casa *Dia Kahpi Wɛ'ɛ* era a residência do *Dia Pinõ* (cobra do rio). Ele possuía duas filhas. Anteriormente quando os *Pamulin Mahsã* subiram pelo Rio Waupés, eles passaram por essa casa e nessa oportunidade o *Waikhɛno* engravidou a filha mais nova do *Dia Pinõ*. Por isso, durante o período em que os *Pamulin Mahsã* estavam viajando até chegar na Cachoeira do Ipanoré, a filha do *Dia Pinõ* se encontrava grávida. Depois que eles saíram do buraco, ficaram sabendo que o dia do nascimento do bebê se aproximava e receberam a ordem do *Uhpó* para embarcar na Canoa de Transformação. O objetivo do embarque era retornar para casa *Dia Kahpi Wɛ'ɛ* e fazer presença no momento do nascimento da criança.

O grande dia do nascimento da criança chegou. Os animais e os *Pamulin Mahsã*, aguardavam dentro da grande maloca o momento do nascimento da criança *kahpi*. Nesse momento, a filha do *Dia Pinõ* se encontrava no igarapé *Wahsoaya*, quando sentiu os primeiros sintomas do parto. O efeito da criança *kahpi* era tão forte, antes mesmo do seu nascimento. Todos os que encontravam na maloca sentiram o efeito e começaram a ficar bêbados. Finalmente a criança nasceu e todos já estavam muito bêbados. A presença da criança *kahpi* é que produzia o efeito da embriaguez, por que ele era o próprio *kahpi* e através dele surgiu o *kahpi*. A filha do *Dia Pinõ*, depois que a criança nasceu, adentrou na maloca e tentou entregar para o pai *Waikhɛno*, mas, ele já estava totalmente embriagado. Por isso ela resolveu deixar a criança no meio do salão principal da maloca. Logo depois que a criança *kahpi* foi colocada no centro do salão, os animais e os *Pamulin Mahsã* partiram para cima da criança recém-nascida.

Cada qual pegou um pedaço da criança. Quando o pai *Waikheno* tentou salvar o filho, a criança *kahpi*, já era tarde. Ele apenas encontrou os restos dos pedaços do filho e perdeu a oportunidade de tomar posse do *kahpi* mais forte entre os primeiros ancestrais. Quem se destacou nessa disputa, foi o ancestral dos *Kubeo*, que ficou com o pedaço maior do corpo da criança e consequentemente passou a ter o *kahpi* mais forte entre os *Pamulin Mahsã*.

Foi nessa festa do *kahpi*, que os *Pamulin Mahsã* começaram a falar várias línguas e as formas específicas de *bahseye* surgiram de acordo com a língua de cada etnia. Depois desse acontecimento é que aconteceram as primeiras trocas de irmãs entre os primeiros ancestrais e foi realizada a primeira festa de *dabucurí*.

Depois da grande festa do *kahpi*, os *Pamulin Mahsã* cada qual com o seu pedaço do *kahpi*, já falando diversas línguas, embarcaram na Cobra Canoa e partiram deixando a casa *Dia Kahpi Wə'ə* navegando o Rio Waupés acima. A partir dessa viagem, cada ancestral ficou na sua região específica para povoar a Terra. O primeiro a sair definitivamente da Cobra Canoa, foi o ancestral dos Tuyuka e permaneceu no remanso da Cachoeira do Aracapá, localizado no Rio Papurí. O segundo a desembarcar definitivamente, foi o ancestral dos Kubeo, no alto Rio Waupés. O *Dahseido* se transformou numa garça gigante e seguiu o seu destino voando para o lado do Rio Papurí.

Os *Pamulin Mahsã*, para saberem se estavam no centro da Terra, quando passavam nas determinadas casas, eles pegavam o *yaigə* (cetro) e tiravam a medida da Terra. Quando o *yaigə* ficava inclinado, eles continuavam procurando o centro da Terra. A viagem continuou, dessa vez eles adentraram no Igarapé *Kumurinã (Keneinã)*, que fica localizado entre as comunidades atuais de Taina e Jutica no alto Rio Waupés. Quando chegaram na cabeceira do igarapé *kumurinã*, eles caminharam em um varadouro e chegaram na cabeceira do Igarapé *Pohsaya* (Macucu). Esse igarapé também é conhecido como Igarapé de Transformação. Ele desagua no Rio Papurí, próximo a aldeia *Pohsaya Pitó* (fz da transformação).

Nesse igarapé, os *Pamulin Mahsã* passam por onze casas, até chegarem na *Hedi Wə'ə* (casa do suspiro). Essa é a última casa e que representa também o fim da viagem para o *Waikheno* o ancestral dos *Waikhana*. Ali se tornou o centro do mundo dos *Pamulin Mahsã Waikhana*. Nesse local, eles se sentiram bem e respiraram aliviados com o sentimento da missão cumprida. Aqui termina a história da grande viagem dos *Pamulin Mahsã* para o centro da Terra. Depois da grande viagem, surgiu a nova era do crescimento populacional para povoar a Terra.

Até aqui o nome do primeiro ancestral dos *Waikhana* foi chamado de *Waikheno*, mas ele tinha nome e se chamava *Kênein*. Depois de um tempo, *Kênein* resolveu mudar de lugar e adentrou a mata, até chegar no pé de uma serra. Essa serra se chama serra de *Ka'mõ So'obĩ*. No

pé dessa serra o nosso avô *Kênein*, derrubou as árvores para construir sua casa e fixa por lá. Alí ele morou por muito tempo. Um dia, o irmão menor engravidou a esposa do irmão maior que era *Kênein*, o chefe da tribo e houve muita confusão. *Kênein* o primogênito, não gostou da traição da sua esposa, separou-se dela e resolveu sair do local. Depois da traição da esposa, ele decepcionado, então, resolveu viajar navegando os rios Papurí, Waupés e Negro. Não se sabe qual foi o seu paradeiro.

Atualmente não sabemos quem são os seus descendentes. Depois que o *Kênein* saiu do *Ka'mõ So'obĩ*, o seu segundo irmão se tornou adulto, disse que ele era o irmão maior de todos e que ele era o chefe do grupo. Na verdade, o verdadeiro chefe que era o *Kênein*, não se encontrava mais no local. Depois que ele partiu, além do seu segundo irmão, outros também falaram que eram chefes do grupo. Houve muita confusão, brigas pela disputa do poder que causou a saída de várias famílias. Algumas famílias partiram em busca de novos lugares para morar, navegando o rio abaixo. Outras famílias partiram para outras regiões, que não se sabe mais em que direção e local se fixaram. Várias dessas famílias foram para baixos Rios Papurí, Waupés e Negro. É bem provável que outras famílias subiram o rio acima, espalhando-se para várias localidades. No decorrer dos tempos, muitos grupos se perderam.

Atualmente os povos pertencentes a etnia *Waikhana*, estão espalhados em várias regiões. Inclusive nós que estamos falando sobre esse assunto, não estamos mais nas nossas comunidades de origem. Estamos longe do local das nossas origens e morando nas terras que não fazem parte dos nossos avós. Foi dessa forma que aconteceu com a gente, povos pertencentes a etnia *Waikhana*. Depois que os grupos se espalharam, os seus descendentes não estão mais morando em seus locais de origem. Não podemos dizer que nós nascemos no nosso local de origem, que o resto do nosso umbigo está pendurado ou enterrado nesse mesmo local de origem. Está difícil de falar sobre nossas origens, pois estamos vivendo agora em locais distantes e estamos espalhados nas regiões onde não nascemos. A maioria das pessoas pertencentes a outras etnias também passam por isso. Nós não estamos mais morando na nossa terra natal. Estamos vivendo em outro lugar estranho, que não é nossa terra natal. Essa é a história do surgimento do povo indígena da etnia *Waikhana*.

O tempo passou, atualmente, sabe-se que os ancestrais do meu avô paterno, moravam no lugar chamado *Yohsõ* (Japim), cuja localização é no rio Papurí. Com o passar do tempo, a família foi aumentando e os problemas sociais também foram surgindo. Quando a situação se agravou, os irmãos menores, resolveram mudar de lugar. Somente ficaram no lugar de origem os dois primeiros filhos. A viagem aconteceu até a atual cidade de Manaus. Chegando lá,

construíram uma maloca e viviam tranquilamente. Executavam o trabalho de roça, caçavam e pescavam. De acordo com Rezende (2021), na língua Tuyuka, a maloca é denominada *Basawi*.

O dono do Basawi, Pedro Lima, dirigiu a roda de patu. Os meus colegas de viagem eram acostumados a participar da cerimônia dessa roda. Eles me alertaram: aqui o pessoal segue as tradições tuyuka mais originais, por isso, demoram muito para concluir. Como eu disse acima, a roda de patu iniciou no começo da noite e concluiu-se de madrugada. Para quem não está acostumado parece muito demorada, mas para eles é um tempo muito bom para acolher os visitantes, contar as suas histórias e ouvir as histórias que os visitantes trazem. O dono do Basawi era muito animado, como também os seus filhos. No meu grupo também estavam pessoas com o mesmo estilo, conversadores e bem brincalhões. O dono do Basawi falava com voz forte, contava muitas histórias engraçadas que provocavam boas gargalhadas aos participantes, isso antes de iniciar a roda de patu. Depois, a boca cheia de patu não permitia tantas gargalhadas. Tudo o que eu ouvia, via e sentia remetia-me ao passado, à época em que eu vivi com o meu avô (1961-1979). Ele também me contava como era a vida vivida no interior de um Basawi. O Basawi é uma casa muito grande em que moravam várias famílias dentro. Hoje quase não existe. Mas no Basawi dos Utāpinopona viviam várias famílias. Os moradores sentavam-se próximos do fogo e outros se deitavam nas redes. Outras senhoras cozinhavam algum alimento, manicoera (líquido de mandioca) e moqueavam algum peixe. Eu ficava a imaginar que seria a alimentação do dia seguinte. Tal expectativa só seria confirmada na quinhapira do dia seguinte. (Rezende, 2021, p.74 e 75)

Conforme as informações do meu pai Benedito Fonseca, etnia *Waikhana* (77 anos), transmitidas nas conversas noturnas, no distrito de Taracúá em 2002, tudo mudou com a chegada dos trabalhadores que serviram como mão de obra para construir a cidade de Manaus. Vejamos:

Certa época, chegaram na região as primeiras pessoas para construir a cidade de Manaus e aproveitavam os Waikhana para servir de mão de obra barata. No primeiro momento eles aceitaram trabalhar normalmente. Ao perceber que não estavam dando conta dos seus trabalhos particulares e que estavam sendo escravizados, resolveram mudar de local. Decidiram voltar para Yohsô (Japim), seu lugar de origem (Fonseca, 2002, informação verbal).

Ao retornar da viagem, de volta, várias famílias tomaram a iniciativa de permanecer em certos lugares dos rios Negro e Waupés. Quando a caravana fluvial chegou na região denominada Porto do Aracu (*Bo'tea Pehta*) no Rio Uaupés, a família dos avós do meu pai resolveu morar nessa localidade. As demais turmas continuaram a viagem até chegar no Yohsô (Japim). Os ancestrais do meu pai, ao permanecerem na região conhecida como Porto do Aracu, construíram uma maloca e deram o nome de Porto do Aracu (*Bo'tea Pehta*), tendo em vista que ali é um porto do lugar encantado dos peixes aracu.

Atualmente o lugar é mais conhecido como Aracu. Nesse novo lar, viviam tranquilamente, praticando a caça, pesca, roça e fabricavam artesanatos. Possuíam os especialistas como *yai*, *kumu*, *baya*, que são funções sociais importantes para a prática de *bahseye* e realização da festa de dabucuri. De acordo com Barreto (2021, p.14 e 15):

Aos *yai*, *kumu* e *baya* (no plural: *yaiua*, *kumuã* e *bayaroa*) 4, mediadores da nossa cosmopolítica e operadores de *kihti uküse*, *bahsese* e *bahsamori*, sugiro chamá-los de especialistas, pela falta de outro termo que possa melhor defini-los. Denomino de especialistas (no plural), pelo fato de, entre os povos indígenas do Alto Rio Negro, existirem marcadamente três especialistas distintos e complementares que cuidam da saúde das pessoas e do coletivo: o *yai*, o *kumu* e o *baya*. Todos eles são detentores de *Kihti uküse*, *bahsese* e *bahsamori*, e possuem a mesma base de formação. O especialista *baya*, além de ser mestre de festa de *poose* e de danças *kahpiwaya*, é também *kumu*.

Para Rezende (2021, p.20 e 21),

Os *Kumua* e *Bayaroa* são pessoas que dominam bem como se realiza a festa das frutas. Eles sentem a aproximação de doenças e fazem a cerimônia de proteção. Eles conhecem a dinâmica do mundo e de seus habitantes. Apontam as atitudes adequadas e seguras para viver no mundo. Para a festa das frutas, convocam os moradores da aldeia e convidam os seus cunhados de outras aldeias. Os *Kumua* protegem os mestres de danças. Por causa da cerimônia do *Kumua*, as pessoas crescem com saúde, a aldeia se mantém tranquila e as roças crescem bem. Os *Bayaroa* – mestres de cantos e danças, são herdeiros das músicas de seus avós e têm a tarefa de animar seus irmãos maiores, irmãos menores e seus cunhados. Eles creem que, embora o mundo seja cheio de maldades, com os seus cantos e danças, com os discursos e as narrativas cerimoniais, podem melhorar o destino desse mundo.

Em um certo tempo apareceram na região os não indígenas, em busca de pessoas para a mão de obra escrava e também surgiram os exploradores de seringa. Quando perceberam que a história da região de Manaus iria se repetir, os *Waikhana* do Aracu resolveram mudar de lugar. Dessa vez adentraram na mata e no lugar muito distante do rio Waupés, construíram uma nova maloca. A nova morada se chamou *Wehkó E'keã* (Bico de Papagaio), em homenagem a uma pedra que lá existe e tem o formato do bico de papagaio. Além disso, a maloca ficava localizada na cabeceira do igarapé ingá e o porto foi feito ao lado de uma linda cachoeira. Nesse novo local, fizeram suas roças, praticavam suas culturas, sempre vivendo de caça e pesca. A narrativa de Florência, etnia *Waikhana* (80 anos), confirma que realmente esse lugar existiu, a saber:

A água de lá é cristalina. Quando a gente ía pra roça, dava pra ver o peixe traíra no fundo do igarapé. Existem muitos igarapés por lá, como o igarapé

de abiú. A nossa maloca ficava no igarapé de ingá. No porto existe uma linda cachoeira e no decorrer do igarapé existem muitas cachoeiras. O lugar era muito bonito e formado por areal (Florência, 2023, informação verbal).

Nessa época, chegava na região os missionários salesianos. Quando souberam da existência da maloca na mata adentro, foram lá visitar e convenceram os *Waikhana* a mudar para a beira do rio novamente. Com essa mudança, para os salesianos a missão de evangelizar se tornaria mais fácil. Falaram que a vida na região seria diferente e a presença dos mesmos ofereceria segurança para as comunidades. Convencidos pelas palavras dos salesianos, os *Waikhana* voltaram para o Porto do Aracu (*Bo'tea Pehta*). Para D'azevedo (1950):

Reunir o maior número de indígenas, que vegetam nos igarapés mais afastados e misteriosos..., acostamá-los paulatinamente a viver em contato com os civilizados de cuja presença fugiam para não serem obrigados a longos e exaustivos trabalhos nos seringais...; evitar o pernicioso fracionamento das tribos pela sua reunião em coletividades etnicamente distintas, de conformidade com a origem das tribos e suas preferências radicais; proporcionar-lhes um ambiente propício à civilização pela eliminação de fatores negativos e mediante a adaptação progressiva de novos hábitos e costumes compatíveis com seu estado primitivo – constitui a finalidade que as Missões colimam, nesse trabalho lento, mas fecundo, destinado a tornar o aborígene um elemento de civilização e relativo progresso. (D'azevedo, 1950, p.17)

Dessa vez eles não construíram a maloca. Foram orientados pelos salesianos para cada família construir uma casa de forma enfileirada. Depois que as casas foram construídas, o Aracu se tornou uma enorme comunidade. De acordo com o Rezende (2021, p.48):

Utilizo o termo Comunidade para o conjunto de casas que surgiram em substituição à maloca. Na comunidade cada família possui sua própria casa. Também nas comunidades que reconstruíram seus Basawiseri as famílias seguem em suas casas particulares e o Basawi é utilizado para refeições comunitárias, reuniões e festas.

Os salesianos cumpriram a missão de evangelizar e colonizar os *Waikhana*. No primeiro momento construíram uma casa de alvenaria que se chamou Capela São Luiz e na sequência ergueram uma pequena escola. Nessa época, o meu avô paterno Miguel foi um dos personagens que viveu nesse lugar e colaborou com a construção da comunidade. Ele casou com a minha avó Sabina da etnia Tukano, tiveram vários filhos e um deles era meu pai Benedito. O meu pai, ficou pouco tempo com os meus avós. Quando chegou a idade escolar, ele já ingressou como aluno interno em Taracuí. A minha mãe por sua vez, ficou órfã do pai desde

criança e essa situação foi o motivo dela ingressar como aluna interna em Taracuí. Foi lá que meu pai conheceu a minha mãe e resolveram se casar. Quando meu pai casou com a minha mãe Sofia da etnia Tukano, ambos foram morar no Aracu. Lá, ela se deu bem com o meu avô, o sogro dela. Nos momentos oportunos ou livres, ele contava para sua nora, a cultura dos *Waikhana*. É por isso que a minha mãe é conhecedora da cultura do seu sogro. A minha mãe Sofia Vieira, etnia Tukano (68 anos), relata, que o Aracu era uma enorme comunidade.

No Aracu, tinha bastante gente e muitos pés de laranja. Tinha duas fileiras compridas de casa. Uma do lado da mata e outra do lado do rio. No meio das duas fileiras, existia uma linda rua. A comunidade realizava ajuri para manter o campo limpo. Tinha uma capela e o padroeiro da comunidade era São Luiz. Do lado da capela tinha uma escolinha. O povo era muito animado. Eles só falavam a língua Waikhana. É lá que nas horas de folga, o teu avô contava a história do Duhiose³⁰ (Vieira, 2023, informação verbal).

Depois de muito tempo, o meu pai e o meu avô mudaram para o distrito de Taracuí (ver figura 07). Por incrível que pareça depois da mudança deles, as pessoas que moravam na comunidade Aracú, também resolveram se mudar para outros lugares. Atualmente, a comunidade Aracú, se tornou uma enorme capoeira e somente com a presença de algumas famílias na comunidade.

Figura 07 - Distrito de Taracuí



Foto: Wilson Bergue Vieira Fonseca, 2009.

³⁰ Doença oriunda de certos comportamentos inadequados de uma pessoa no dia a dia.

2.2-Ciclo anual dos *Waikhana* da Comunidade Tapajós

O conhecimento tradicional da etnia *Waikhana* sobre o ciclo anual foi transmitido por intermédio da narração do senhor Gabriel dos Santos Pedrosa, da etnia *Waikhana* (70 anos), nascido na comunidade de São Paulo, na região do rio Papurí e território legítimo dos *Waikhana*. Atualmente ele vive na comunidade Tapajós, é o principal informante do ciclo anual dos *Waikhana* nesse trabalho, motivo esse que foi necessário realizar a etnografia da comunidade Tapajós que se encontra no primeiro capítulo.

O ciclo anual iniciava com o surgimento da constelação do *Sihoa Yahpuro* (cabo de enxó) no céu, prolongando nos meses de janeiro e fevereiro. De acordo com Cardoso (2007, p. 179),

A terceira constelação desse grupo que ocupa uma extensa região do céu é *Sioyahpɛ*. Trata-se do cabo de uma enxó, isto é, o cabo curvo de madeira de um instrumento com uma lâmina para desbastar madeira. Essa é uma constelação muito popular entre os Tukano por causa do mito associado a ela que, por sua vez, se relaciona com o corte da cabeça da jararaca *Āna* e alguns rituais na etnia Barasana.

A constelação do *Sihoa Yahpuro*, para os *Waikhana*, indicava o período da estação do verão. Para saber o início da estação do verão, era necessário identificar a constelação do *Sihoa Yahpuro* aparecendo no céu. É dessa forma que os nossos ancestrais sabiam, sobre a aproximação da estação do verão. Quando a constelação do *Sihoa Yahpuro* aparecia no céu, na direção do Sol nascente, já era o início da época de verão. Quando essa constelação se posicionava na direção do Sol poente, já era o período da enchente, ou seja, estação do inverno. De acordo com Gabriel dos Santos Pedrosa, da etnia *Waikhana* (70 anos),

No decorrer da estação do verão para nós homens, tinha muito trabalho como planejar a realização da roça, iniciando com a roçagem da mata baixa e dando continuidade com a derrubada das árvores com o machado. No verão, acontecia também a preocupação em correr atrás dos materiais para construir os apetrechos de pesca, fazer a limpeza dos locais que se tornarão na enchente locais de caça e pesca. Podemos citar como exemplo, a reforma do wairó³¹ (cacurí), a construção do kasawɛró³² (matapí), a preparação do local onde na enchente será colocado o kasawɛró (Pedrosa, 2024, informação verbal).

³¹ Apetrecho de pesca, semelhante a um cercado que serve como armadilha para pegar vários tipos de peixes.

³² Apetrecho de pesca, semelhante a um funil com cauda longa que serve como armadilha para pegar vários tipos de peixes.

Para a preparação dos materiais, incluindo a limpeza dos locais onde na enchente seria colocado o *wairó* e *kasaweró* era necessário praticar certos resguardos. Essa preparação não era feita à força pelos nossos ancestrais. Eles tinham muito cuidado e levavam a sério a prática do resguardo. Nesse período, eles não comiam qualquer comida e não bebiam qualquer bebida. Inclusive os homens não praticavam sexo com as suas mulheres durante os preparativos. É com muito resguardo que eles trabalhavam na construção do *wairó* e *kasaweró* (ver figura 08).

Figura 08 - Kahsaweró (matapi), um apetrecho de pesca dos povos indígenas.



Foto: disponível em: <https://3terceiravia.blogspot.com> - acesso em: 15 de julho de 2025.

Simultaneamente também nesse período, as roças eram queimadas e depois da queimada outros trabalhos eram feitos em outro momento. Um dos trabalhos que aguardavam, era buscar *dtkɛ* (maniva) na outra roça e tinha que carregar de um lugar distante dependendo da localização da roça. Depois de juntar, era necessário plantar essas *dtkɛ* na roça nova. Esses trabalhos sempre aconteciam na época de verão. No mês de fevereiro, eram vistas as pupunhas já maduras, prontas para serem colhidas e servidas como alimento. Nesse tempo na época de verão, o que se destacava no céu era a constelação do *Sihoa Yahpuró*. Essa constelação indicava a época de verão. Era através das constelações que os nossos ancestrais se orientavam, sabiam o período de verão e enchente.

Na metade da estação de verão, surge também no céu na direção do Sol nascente, a constelação do *Waikahsoró*. Cardoso (2007) discorre que,

Waikhasa é uma armadilha de pesca ou ainda um jirau de peixes. O que vem a ser então? O formato em cunha sugere que esse instrumento seja usado para guardar peixes ou ainda para capturá-los quando estão subindo ou descendo um rio ou igarapé e acabam seguindo o curso da água onde ele está localizado (Cardoso, 2007, p. 179).

No mês de março, surgiam as flores do pé de açaí. Nesse período ainda não acontecia a enchente e a estação do verão continuava. Logo em seguida, quando o *Waikahsoró* se posicionava na direção do Sol do meio dia, nos meses de março e abril, iniciava o período da estação da enchente, conhecido pelos *Waikhana* como *Waikahsoró Po'ek* (enchente do girau de peixe). Nesse tempo, a chuva começava a cair. Nessa época quem preparou os materiais, limpou os locais de pescaria, se preparava para colocar o *wairó* (cacurí) e *kahsaweró* (matapí).

As *duk* (manivas) que a gente plantou, com a estação da chuva, elas começam a brotar, a água começa a encher no rio e o nível da água aumenta. Nesse período quem fez *wairó* (ver figura 09), aproveita mergulhando e pegando muitos peixes para comer. As pessoas que preparavam os locais para colocar o *kahsaweró*, também pegavam muitos peixes para o consumo. Também nesse tempo, os locais onde se encontravam os *bahpa*³³ (*daracubí*), eram dominados pela água por causa da enchente e conseqüentemente eles apareciam do fundo da terra tentando fugir da enchente. Era o período em as pessoas aproveitavam para pegar os *bahpa* e levavam para as suas casas.

³³ Tipo de minhoca, conhecido como daracubi e que existe na região do alto Rio Negro.

Figura 09 - Wairó (cacuri), um apetrecho de pesca dos povos indígenas.



Foto: disponível em: <https://www.fapeam.am.gov.br> - acesso em: 15 de julho de 2025.

O que fazíamos com eles na sequência? Quando acontecia a enchente no rio, surgiam os igapós. Os terrenos baixos que ficavam próximo ao rio, eram dominados pela água formando os igapós. Esse fenômeno ainda acontece nos dias atuais. Nesses locais, enfiando os *bahpa* nos anzóis, utilizando as linhas de pesca, amarrando nos galhos de árvores pequenas no igapó, pescávamos os peixes para comer. Pescávamos e comíamos nessa época, os peixes *amã* (*anujá*), *pawá* (*jandiá*), *doé* (traíra), *bo'tearó* (aracú) e outros vários tipos de peixe.

O período de inverno continuava com o *Yairó Po'ekε* (enchente da onça), dando continuidade nos meses de maio, junho e julho. De acordo com Cardoso (2007),

A longa enchente da onça começa quando o bigode do animal encosta no horizonte noroeste e isso acontece praticamente de maneira concomitante com a partida do camarão no horizonte oeste. A enchente da onça é muito longa justificada pelo tamanho dessa constelação. A constelação tem cerca de 40° de extensão no céu e também é dividida em bigode, cabeça, corpo e rabo. Cada uma das divisões do animal marca um tipo de enchente, com sua duração característica (Cardoso, 2007, p. 172-173).

No mês de maio, o açaí estava bem maduro. No mês de junho percebia-se no pé de pupunha o surgimento das flores. Antigamente quando as estações aconteciam normalmente, esse tempo era o período da grande enchente e o rio estava bem cheio. Era a época em que a

natureza estava criando os peixes. O igapó tomava conta das terras baixas, que ficam localizados na beira do rio (ver figura 10). Os peixes passavam a procurar os alimentos no final do igapó. Para conseguir pescá-los, era necessário frequentar os caminhos aquáticos que eram preparados no tempo da seca.

Figura 10 – Igapó tomando conta das terras baixas na beira do rio.



Foto:disponível em:<https://agenciabrasil.ebc.com.br> - acesso em: 15 de julho de 2025.

O *wairó* se não era removido, ficava no fundo do rio se tornando inútil e aguardava a água do rio baixar para voltar a pegar o peixe. Se havia outro local preparado no interior do igapó, o *wairó* era removido e montado em determinado lugar preparado. O lugar do *kahsaweró*, nesse período também ficava no fundo do rio e dos igarapés que foram dominados pela enchente.

Os *bahpa* a essa altura, depois de subirem nas árvores, se alojavam nas plantas parasitas semelhantes a coroa do abacaxi. Para capturá-los era necessário enfrentar o igapó e subir na árvore para tirar as coroas. Depois, os *bahpa* eram retirados da coroa, para serem utilizados na pesca. Na roça, as *deké* cresciam e a chuva colaborava com o seu crescimento se tornando um regador natural. As lindas praias que apareciam no tempo da seca, desapareciam por causa da enchente do rio.

Antes da chegada da enchente do *Purĩ Mena Po'eké* (enchente da folha seca), o nível da água diminuía repentinamente. Os locais do *wairó*, apresentavam o nível da água normal e conseqüentemente ele se tornava útil novamente para pegar peixe. Logo em seguida, acontecia a enchente do *Purĩ Mena Po'eké*, se destacando nos meses de agosto, setembro e outubro. O nível da água aumentava novamente, mas, dessa vez o *wairó* não se afundava.

Na roça, as *dεkε* continuavam crescendo. No mês de agosto, observávamos as flores do pé de pupunha se tornando frutas. Depois da duração de um mês de enchente, era notável perceber que o nível da água baixava lentamente. Era uma informação clara de que o período da vazante chegou. O rio começava a secar lentamente, já se preparando para a próxima enchente. Nesse período da vazante do rio, nós, também nos preparávamos para o próximo ciclo.

Nesse período tínhamos que ter a preocupação de construir a roça nova, para plantar a nova geração das *dεkε*. Caso contrário, corríamos o risco de não ter a nova roça, consequentemente as *dεkε* não teriam um lugar para serem plantadas e depois de arrancadas acabariam secando se tornando inúteis. O rio continuava secando lentamente. Os locais do *wairó* e *kahsawεró*, ao ficar fora da água por causa da vazante, passavam a fazer parte da floresta seca novamente.

As lindas praias, começavam a aparecer no percurso do rio (ver figura 11). Os *kuá* (quelônios) deixavam as suas primeiras pegadas nas praias, mostrando que logo estariam desovando. Nesse período os igarapés também começavam a secar e o *kahsawεró* era colocado no ponto estratégico, para pegar os peixes que desciam da cabeceira em direção ao rio. Ao redor das praias, vários tipos de peixes como o *be'é* (tucunaré), *bε'εró* (piranha), *típa'taró* (surubim), *añanokahseró* (arraia), surgiam como opção para a pesca.

Figura 11 – Lindas praias aparecendo no percurso do rio na vazante.

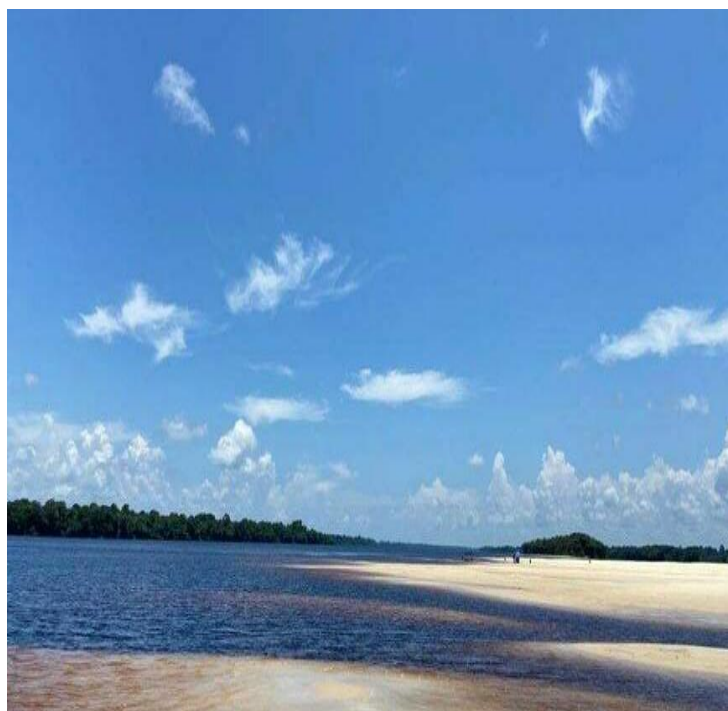


Foto: <https://www.acritica.com/> - acesso em: 15 de julho de 2025

Na parte da noite, os nossos ancestrais como forma de pescar peixe, faxiavam na beira do rio que era formado por enormes barrancos e madeiras caídas utilizando apenas *sĩ'arĩ pĩh* (turi acesso). Em seguida moqueavam os peixes e armazenavam no *wəhə katupi* (paneiro de arumã) e já se preparando para a enchente de jararaca que escondia os peixes.

Depois de um longo período de seca, a estação da chuva se aproximava com o surgimento da constelação de *añanó* (jararaca). De acordo com Cardoso (2007, p. 157),

Aña é uma das constelações de mais fácil identificação no céu porque suas estrelas são relativamente brilhantes e se encontram num alinhamento que não passa despercebido. Aña ou Aña Diaso representa a jararaca ou uma jararaca d'água conforme a descrição e o narrador. Ela é uma espécie de jararaca de alta linhagem nos céus e os índios, não raramente, se referem a ela como a jararaca rei ou chefe dentre outras (tuchaua).

O nível da água começava a subir e as praias que embelezavam os rios começam a desaparecer. Os barrancos dos rios, dos igarapés que favoreciam a ação de faxiar, com *añanó po'ekw* (enchente de jararaca), que se prolongava nos meses de novembro e dezembro acabavam se afundando. Novamente os rios e os igarapés ficavam cheio da água. Os locais do *wairó* e *kahsaweró*, passavam a ter o nível adequado para instalação desses apetrechos de pesca.

Os igapós surgiam nas terras baixas que se localizam na beira do rio. Dessa vez, a natureza se apresentava de outra forma. Os peixes sumiam nesse período. Segundo a história dos nossos ancestrais, a jararaca abria o seu ânus e todos os peixes adentravam no seu ventre. Nesse período, os nossos ancestrais alimentavam-se do peixe moqueado, da caça, batata, cará, macaxeira e das demais frutas.

A família que moqueava peixe, durante a estação anterior para se alimentarem, pegavam o peixe moqueado do *wəhə katupi*, despedaçavam e deixavam dentro do pilão. Em seguida, pegavam o bastão de madeira apropriado e começavam a pilar o peixe que já se encontrava dentro do pilão³⁴. No final da ação, a carne do peixe moqueado³⁵ ficava triturado e na sequencia ficava a disposição para a família comer. A família que não tinha peixe moqueado nesse período, passava necessidade alimentando-se somente de tubérculos e demais frutas.

2.3-A construção da roça, dos apetrechos de pesca e de caça dos Waikhana

³⁴ Triturador fabricado através do tronco de uma árvore, que serve para triturar diversos tipos de alimentos com ajuda de um bastão de madeira.

³⁵ Peixe ressecado pelo fogo com a utilização da grelha de madeira.

Os nossos ancestrais nos tempos antigos, construíam uma roça com muito sacrifício. Naquela época, não existia nenhum tipo de instrumento para derrubar uma árvore. Para construir uma roça no primeiro momento, era necessário quebrar árvores pequenas com as mãos e descascar o tronco das árvores grandes com a utilização do *yedê komeã* (machado de pedra) para que elas pudessem secar. No segundo momento, depois que as árvores pequenas secavam, era a vez de juntá-las ao redor das árvores grandes para fazer fogueira.

Depois de muito tempo as árvores grandes acabavam secando. O próximo passo, era novamente fazer outra fogueira ao redor dessas árvores secas, que pegavam fogo e depois de algum tempo caíam. Depois que todas as árvores caíam, eram feitas as fogueiras para o terreno ficar limpo. Após todas as árvores serem queimadas, iniciava-se o plantio de manivas e demais plantas como: batata, cará, cana e banana.

Com o passar dos anos, depois que os ancestrais *Waikhana* dominaram o tempo, as roças eram realizadas na época adequada. Eles dominaram o tempo, observando o movimento das constelações e associando com os acontecimentos dos fenômenos naturais. Através do domínio do tempo, eles conseguiram criar um calendário, que se tornou o ciclo anual dos *Waikhana*. Todos esses conhecimentos foram sendo repassados oralmente de geração em geração. Diante desses conhecimentos, o início da realização da roça iniciava-se com o surgimento da constelação do *Purî Mena*, no lado do Sol nascente.

Ao observar essa constelação, eles sabiam que era o momento de iniciar com a construção da roça. No calendário dos não indígenas, é o período do mês de setembro. A chegada do terçado e do machado de metal, facilitou a construção de roça. O início da construção de uma roça, inicia-se com a utilização do terçado para cortar as pequenas árvores que estão crescendo debaixo das árvores grandes. Para construir o tamanho de uma roça, o construtor indígena no momento da roçagem das pequenas árvores, já delimita a área. No término da roçagem das pequenas árvores, inicia-se a segunda fase da construção da roça.

Na segunda fase, a utilização do machado entra em ação para derrubar as árvores maiores. Existe uma técnica para derrubar essas árvores. O construtor da roça escolhe uma árvore maior presente em uma determinada área. Depois de observar a inclinação da árvore, sabe em que lado ela irá cair, ele observa a quantidade das árvores médias que estão presentes na área onde a árvore maior irá cair. Após essa observação, o construtor começa a cortar as árvores médias, com apenas algumas machadadas sabendo que, quando a árvore maior for derrubada e quando ela cair levará junto todas as árvores médias ao chão.

No final dessa ação aparecerá uma clareira, já com as árvores no chão. Esse fenômeno é nítido na derrubada das primeiras árvores quando a área é formada por mata virgem. A técnica

se repete com a utilização das demais árvores maiores. Na área onde só existem árvores médias, elas são derrubadas uma por uma com o machado. Essa tarefa é realizada com muito cuidado, para não acontecer acidente.

Muitas vezes os nossos ancestrais, construía a roça utilizando a técnica do ajuri³⁶. O responsável da construção da roça, em parceria com o cacique convocava todas as pessoas da maloca. Numa manhã, depois de uma quinhapira reforçada, eles partiam para construir a roça. Dependendo do responsável, a etapa da construção muitas vezes era somente para roçar, ou somente para derrubar as árvores.

Durante a ação da derrubada, era necessário que cada indivíduo estivesse atento, para não se tornar vítima do acidente, isto é, estar atento para a árvore e o galho não cair encima dele. Depois do ajuri, os nossos ancestrais voltavam para a maloca, depois do banho partiam para a quinhapira reforçada, encerravam o dia bebendo *caxirí*, tocando e dançando *caricú*.

Quando a roça era feita na capoeira, a construção da roça acontecia com rapidez, tendo em vista que a área apresentava apenas mata baixa. Existem dois tipos de capoeira. O primeiro tipo de capoeira apresenta apenas mata baixa, isto é, apenas árvores pequenas. Nesse caso basta apenas roçar com o terçado as árvores pequenas e de acordo com a área desejada. O segundo tipo de capoeira possui as árvores pequenas e árvores médias. Nesse caso no primeiro momento, é necessário roçar com o terçado as árvores pequenas e depois com o machado derrubar as árvores médias. O tamanho da roça nesse caso, depende do tamanho da capoeira já existente e também depende da área desejada pelo construtor.

Finalmente depois da ação de roçar e derrubar as árvores, os nossos ancestrais aguardavam a vegetação secar e aguardavam o momento certo para queimar a roça. Para queimar a roça oriunda da mata virgem, os ancestrais *Waikhana* aguardavam o surgimento da constelação *Sihoa Yahpuro*, no lado do Sol nascente e através dela eles sabiam que a estação do verão chegou. Os *Pehkasã* chamaram esse período como o mês de janeiro.

Era o período em que a roça construída oriunda da mata virgem, apresentava os pés de imbaúba, tiririca e capim. Os inexperientes tinham a impressão que a derrubada foi um caso perdido, mas para os experientes era um momento adequado para queimar a roça com a chegada do verão. No calendário dos *Pehkasã*, passavam-se três meses em que as árvores tinham sido derrubadas.

A partir do meio dia, os ancestrais *Waikhana* saiam de sua maloca para queimar a roça. Era um horário ensolarado, onde começava a ventar e apresentava-se um momento adequado

³⁶ É o trabalho comunitário, onde todos os moradores da maloca ou comunidade participam de uma determinada ação como: construção da roça, capinar a roça e roçar a mata que fica ao redor de uma comunidade.

para a execução da queima da roça. Ao chegar na roça, os *Waikhana* usavam uma técnica que passou de geração em geração. A técnica começava com a observação do sentido do vento. Na sequência iniciava-se a queima da roça no sentido a favor do vento. Quando a queima da roça era feita por apenas uma pessoa, ela realizava o movimento do zig zag, acendendo o fogo nos galhos secos, no decorrer do percurso e até chegar no final da roça.

Essa tarefa exigia muito cuidado, atenção, agilidade e rapidez para não ser pego de surpresa pelo fogo. Quando a queima da roça acontecia por duas ou mais pessoas, elas se posicionavam uma do lado da outra a favor do vento e iniciavam a queimada percorrendo paralelamente até chegar no final da roça. O resto da tarefa ela realizada pelo vento, que auxiliava na proliferação do fogo. A essa altura todas as árvores se encontravam totalmente secas, por isso o fogo se espalhava com rapidez pela roça, queimando todos os pés de imbaúba, tiririca e capim que tinham nascido no decorrer dos três meses.

Durante a queimada, o poder do fogo fazia surgir um barulho assustador, tipo um vento forte se aproximando, que para os *Waikhana* era normal e simbolizava que o trabalho foi realizado com sucesso. Depois de alguns minutos, toda a roça estava queimada. Para comprovar, os *Waikhana* observavam a distância aquela área negra, que estava dominada pelas cinzas e carvão (ver figura 12). Depois da comprovação, eles voltavam muito contentes para a maloca, com o sentimento do dever cumprido.

Figura 12 - Roça oriunda da mata virgem recém queimada.



Foto: <https://mercosulnegocios.com.br/> - acesso em: 15 de julho de 2025.

Os *Waikhana* queimavam a roça oriunda da mata virgem depois de três meses, para que todas as raízes das árvores pudessem queimar, dessa forma a terra se tornava fértil e as manivas cresciam saudáveis. Algumas pessoas queimavam a roça oriunda da mata virgem, antes dos três meses após a derrubada das árvores e muitas vezes o trabalho não tinha um resultado positivo. Muitas árvores os seus galhos não queimavam totalmente, tornando o ambiente intransitável e inapto para o plantio.

Quando isso acontecia, os *Waikhana* utilizavam a técnica de *kuiwara*³⁷. Essa técnica exigia a utilização do terçado e do machado para cortar os galhos das árvores que não queimaram totalmente durante a queimada. O trabalho se tornava árduo, quando a maioria dos galhos das árvores existentes na roça, não queimavam totalmente. Na sequência os galhos eram amontoados e incendiados se tornando enormes fogueiras. No final da tarefa o terreno ficava limpo e se tornava apto para o plantio.

Para queimar a roça oriunda da capoeira, os ancestrais *Waikhana* aguardavam o surgimento da constelação do *añanó*, no lado do Sol nascente. No calendário dos *Pehkasã*, era o mês de novembro. No dia que a constelação do *añanó* surgia no horizonte, no lado do Sol nascente, os *Waikhana* já queimavam a roça, sabendo que logo em seguida iria chover e iniciando-se o *añanó po'ekv*. Logo depois da queimada em ambos os casos, a roça já se encontrava pronta para o plantio.

Para iniciar o plantio das manivas, no primeiro momento era necessário buscar as mesmas nas outras roças já existentes e quebrar em pedaços. Existiam duas formas de quebrar as manivas para o preparo do plantio. Na primeira forma, as manivas eram quebradas em fatias, logo depois que as mandiocas eram arrancadas. Outra forma, era necessário selecionar as manivas já crescidas existentes na roça, sem necessidade de arrancar as mandiocas elas eram quebradas e apenas o toco com a mandioca permanecia dentro da terra.

As fatias das manivas quebradas para o plantio, mediam aproximadamente trinta centímetros. Depois que eram quebradas e amontoadas, as manivas eram transportadas através do aturá para a roça nova. Algumas pessoas levavam a maniva na forma de feixe e quebravam somente quando chegavam na roça recém queimada. Ao perceberem que as fatias de manivas eram suficientes, os *Waikhana* davam início ao plantio.

Para plantar as manivas, era necessário fazer uma abertura na terra. Os *Waikhana* para fazer essa abertura, eles utilizavam um bastão de madeira. Através da utilização da força braçal eles fincavam o bastão no solo na posição inclinada. Essa técnica era utilizada para perfurar o

³⁷ Arte de fazer fogueira em uma roça que não queimou direito, cortando as árvores e galhos.

solo, até ficar macia. Depois dessa ação é que a maniva era enfiada no solo já macio. A distância de um furo para outro, media aproximadamente sessenta centímetros. A chegada da enxada e ferro de cova, através dos *Pehkasã*, facilitou o plantio das manivas e outras plantas na roça.

Dessa forma os *Waikhana* continuavam com o plantio das manivas, até preencher toda a roça. No local onde houve a queima da raiz da árvore maior, acontecia o plantio das bananeiras, pimenteiras, cubiú, cará e batata. Nas áreas encharcadas, eles plantavam pés de cana. Para plantar os demais pés de plantas como ingá, abacaxi, pupunha, cupuaçu e umarí a escolha do terreno ficava a critério dos *Waikhana*.

Na roça oriunda da mata virgem, as manivas já tinham em sua raiz (ver figura 13), as mandiocas prontas para serem arrancadas no decorrer do *Purĩ Mena Po'ekv*. Para os *Pehkasã*, era o período do mês de agosto. A roça oriunda da capoeira, no decorrer do *Yairo Po'ekv*, já apresentava as mandiocas aptas para serem arrancadas. Esse período para os *Pehkasã*, se referia ao mês de junho. Durante essa fase as manivas eram aproveitadas para a replanta no mesmo terreno, até que a nova roça era queimada, ficando a disposição para o novo plantio das manivas e recomeçando o novo ciclo do cultivo das mesmas.

Figura 13 - Dəhkv (manivas) na época da colheita.



Foto: <https://www.designi.com.br/> - acesso em: 15 de julho de 2025.

Até aqui, foi narrada a história da construção da roça dos *Waikhana*. A seguir inicia-se a narrativa a respeito da construção dos apetrechos de pesca e de caça dos *Waikhana* que são: *wairó* (*cacuri*), *kahsaweró* (*matapí*), *bəakatênó* (arco e flecha), *wahta ñolin* (*pé de paxuba*), *yúlika* (armadilha) e *buhpuweró* (*zarabatana*).

Para construir o *wairó* (*cacurí*), o primeiro passo utilizado pelos *Waikhana* era partir a procura da palmeira *buhpú* (*parí*). Essa planta era encontrada na beira do rio, do igarapé e na floresta da terra firme. Os *Waikhana* quando encontravam o *buhpú*, cortavam na ponta do pé da planta, em seguida raspavam o caule, depois da raspagem abriam em quatro partes, resultando em quatro talas e aproveitavam para tirar a estopa branca que se encontrava na parte interna. Eles já sabiam a quantidade de *buhpú* necessário para essa tarefa. Para construir um *wairó*, eles pegavam 25 *buhpú*. Essa quantidade de *buhpú*, se resultava em 100 talas e que eram levadas para a maloca.

O segundo passo para construir o *wairó*, os *Waikhana* adentravam na floresta a procura do *pi'i mihsĩ* (cipó do *aturá*). Esse tipo de cipó, se encontra somente na floresta da terra firme, sendo adequado para tecer as talas de *buhpú*. Os *Waikhana*, já sabiam a quantidade de cipó necessário para tecer as talas do *buhpú*. Por isso, quando conseguiam um rolo de cipó, já sabiam que ali tinha a quantidade suficiente para tecer duas esteiras de talas do *buhpú*. Cada rolo, possuía aproximadamente 50 a 80 cipós e medindo aproximadamente 10 a 25 metros. As duas esteiras construídas, medindo aproximadamente 2 metros de altura com 2,5 metros de comprimento, é que eram montadas no lugar preparado na beira do rio e no igapó transformando-se no *wairó*.

O local escolhido para montar o *wairó* era um lugar estratégico. Os *Waikhana* observavam as pontas do rio, que apresentavam correnteza e ali montavam o seu *wairó*. No primeiro momento, eles colocavam três madeiras, medindo aproximadamente 2 metros de altura, no formato triangular, com distância aproximada de 1 metro entre si. As três madeiras serviam como esteios principais do *wairó*. Na sequência os *Waikhana* cortavam 6 pedaços de madeiras, medindo cada um aproximadamente 1 metro de comprimento.

Em seguida dois pedaços dessas madeiras, eram amarrados no sentido horizontal na parte de baixo da primeira armação. Outros dois pedaços de madeira, eram amarrados no mesmo sentido anterior na parte do meio da armação. Os dois pedaços restantes, também eram amarrados no sentido horizontal na parte de cima da armação. Depois de todas essas armações, que os *Waikhana* colavam as esteiras do *buhpú*, rodeando os três esteios colocados no primeiro momento, dando o formato do *wairó*.

Se formos ver o *wairó* de cima, ele terá o formato de um coração. No encontro de duas curvas, era colocado um instrumento construído por duas talas do *buhpú*, medindo aproximadamente 10 centímetros de comprimento cada um, amarradas com *pi'i mihsĩ* ao meio e formando-se um x. Esse instrumento, era uma peça principal que fazia uma abertura no encontro de duas curvas, para a entrada dos peixes no *wairó*.

Finalmente para construir as asas do *wairó*, os *Waikhana* cortavam as varas de madeira e teciam com *pi'i mihsĩ* transformando-se em aproximadamente 6 esteiras. De um lado da asa, eram colocadas 3 esteiras e do outro lado da asa mais 3 esteiras restantes. Cada esteira media aproximadamente 2 metros. Dessa forma o *wairó* era construído pelos *Waikhana*. Os peixes, no tempo da enchente, subiam o rio a procura do alimento e ao enfrentar a correnteza no final de estirão de um rio acabavam entrando no *wairó*.

As asas do *wairó*, serviam perfeitamente para que os peixes ficassem próximos a elas até que entrassem na armadilha. Existiam lugares, onde entravam no *wairó* somente peixe *wa'sú sōana* (aracú *yurupiranga*). Em outros lugares, entravam diversos tipos de peixe como: *rú* (pacú), *moõ po'ne* (filhote de piraíba), *kuiá* (pirandira), *be'e* (tucunaré), *bo'te tiuyú* (aracú) e *kú* (kelônio). Durante a piracema, o *wairó* servia como uma das armadilhas principais para pegar o peixe e depois era colocado no lugar estratégico. Quando o *wairó* era desmontado, as duas esteiras do *buhpú* eram enroladas, onde eram guardadas na maloca e ficando a disposição para qualquer momento.

Outro apetrecho de pesca utilizado pelos *Waikhana*, era o *kahsaweró* (*matapí*). Existiam dois tipos de *kahsaweró*. O primeiro tipo se chamava simplesmente de *kahsaweró* e outro tipo se chamava *bɛhkaweró*. Para construir o *kahsaweró*, os *Waikhana* pegavam 15 talas de *buhpú*, com medida de comprimento aproximadamente 1,5 metros e utilizando o *pi'i mihsĩ* e começavam a tecer de forma circular com 10 centímetro de diâmetro.

Quando a ação de tecer se aproximava ao local da boca do *kahsaweró*, eles usavam a técnica do aumento da circunferência. Por isso o *kahsaweró* em uma das extremidades, se apresentava como se tivesse uma enorme boca no formato de uma circunferência. No final da construção, os *Waikhana* com o *pi'i mihsĩ* unindo as pontas da tala do *buhpú*, amarravam a outra extremidade e dessa forma se concluía com a construção do *kahsaweró*.

Para construir o *bɛhkaweró*, os *Waikhana* pegavam aproximadamente 40 talas do *buhpú*, medindo aproximadamente 1,5 metros de comprimento e começavam a tecer no formato circular. Quando a ação de tecer chegava em uma das extremidades, o tamanho da circunferência da boca era mantido, com aproximadamente 40 centímetro de diâmetro e a outra extremidade unindo-se todas as pontas das talas do *buhpú* era amarrado com o *pi'i mihsĩ*.

Na sequência os *Waikhana* pegavam 40 talas do *buhpú*, medindo aproximadamente 25 centímetros de comprimento, teciam as talas do *buhpú* com o *pi'i mihsĩ* no formato de um cone. A abertura inicial tinha a medida da circunferência da boca do *bɛhkaweró*, no decorrer da construção a medida diminuía e no final ficava com aproximadamente 10 centímetro de diâmetro.

Esse instrumento que tinha o formato de um cone, se chamava língua do *bɛhkawɛró*. Depois de construída, era adaptada no *bɛhkawɛró* e a parte menor do cone ficava do lado de dentro da armadilha. Dessa forma, quando o peixe entrava no *bɛhkawɛró*, não encontrava a saída e ficava preso do lado de dentro. É dessa forma que o *bɛhkawɛró* era construído pelos *Waikhana*.

O *kahsawɛró* e *bɛhkawɛró*, assim como *wairó* também possuíam duas asas. O sentido das asas era montado no sentido contrário da correnteza do rio e do igarapé. Era como se duas asas formassem um funil bidimensional, no final do afunilamento é que eram montados o *kahsawɛró* e *bɛhkawɛró*. Os peixes ao descer a favor da correnteza, acabavam entrando na armadilha e sem chance de sair dela.

Para tirar o peixe dos dois tipos de apetrechos de pesca, os *Waikhana* tiravam de dentro da água, levavam para a terra e ao desamarrar a extremidade amarrada soltavam os peixes. Esses dois tipos de armadilha na época da enchente, eram colocados nos igarapés, na beira do rio, nas ilhas e nos pequenos paranás que apresentava a correnteza. No período da seca, eram montados nos lugares apropriados já preparados, que apresentavam correnteza como no meio das pedras, nos igarapés e entre duas ilhas.

No período da piracema, o *kahsawɛró* e *bɛhkawɛró* eram um dos instrumentos principais para pegar peixe, principalmente o *bɛhkawɛró* que era montado no igarapé e por ser enorme pegava bastante peixe. Quando não eram utilizados, esses apetrechos de pesca eram guardados na maloca e aguardando para serem utilizados a qualquer momento.

O *bɛakatẽno* (arco e flecha) eram instrumentos de pesca utilizados pelos *Waikhana*. Ficavam a disposição para serem utilizados a qualquer momento e em qualquer estação do ano. Porém, na enchente e na seca é que os dois apetrechos de pesca eram utilizados frequentemente. No decorrer da enchente, o cardume do *bo'ité* (aracú) se juntava na beira do rio para comer as folhas novas do mato que ficavam submersas.

É nesse período que os *Waikhana* aproveitavam para pescar através do *bɛakatẽno*. No período da seca, os *Waikhana* utilizavam esses instrumentos de pesca para flechar o *be'é* (tucunaré), que nadava nas partes rasas do rio para se alimentar dos peixinhos. Quando não eram utilizados, esses instrumentos eram guardados na maloca.

O *wahtá ñolin* (*pé de paxuba*), também eram utilizados como instrumentos de pesca pelos *Waikhana*. No primeiro momento, os *Waikhana* derrubavam o *wahtá ñolin*. Em seguida eram cortados em pedaços com aproximadamente 1,5 metros de comprimento. Na sequência os pedaços cortados eram colocados no fundo do igarapé. Aproximadamente depois dos três

meses, os *Waikhana* retiravam do igarapé para fazer a limpeza interna dos troncos e consequentemente eles ficavam ocos.

Depois da limpeza os troncos eram colocados novamente no fundo do igarapé, em um lugar estratégico e preparado. Depois de dois meses, os *Waikhana* para variar o seu cardápio, se dirigiam para o igarapé, já sabendo que algum tipo de peixe existente no igarapé estava dentro do tronco oco do *wahtá ñolin*. A técnica utilizada para tirar do fundo do igarapé, no primeiro momento era necessário tampar com uma palma da mão um dos lados e com outra mão tinha que levantar com rapidez a outra extremidade do tronco.

Na sequência o tronco era levado para a superfície, onde a água era derramada e simultaneamente os peixes que estavam dentro caíam no chão. Os peixes que entravam na armadilha eram: *parata kuchiri* (acará), *wai po 'né* (peixe filho, *amã* (anujá), *bəhsá* (jandiá do igarapé), *ahpəno* (carangueijo) e outros peixes existentes no igarapé.

Quando o igarapé era considerado grande, os *Waikhana* colocavam 10 pedaços do *wahtá ñolin* e quando o igarapé era considerado pequeno eles colocavam apenas 5 pedaços. Esses pedaços de *wahtá ñolin*, eram utilizados em qualquer época do ano. Quando os *Waikhana* retornavam para a maloca depois de verem os troncos, eles voltavam com *aturá*³⁸ cheio de peixes do igarapé. Essa técnica era utilizada pelos *Waikhana*, para pescar os peixes do igarapé.

Yúlíca (armadilha), era uma armadilha montada pelos *Waikhana* na terra firme, no lugar que apresentava rastro de animais. No dia da construção do *yúlíca*, os *Waikhana* tinham que estar em jejum. Dessa forma, a armadilha pegava vários tipos de animais, para servir de alimentação para os *Waikhana*. O primeiro passo para a construção do *yúlíca*, era observar o sentido das trilhas percorridas pelos animais.

No segundo passo, os *Waikhana* construíam uma cerca com o objetivo de barrar a passagem das aves e mamíferos que caminhavam nessas trilhas. A cerca era construída com varas de madeira de aproximadamente 1,5 metros de altura. No final da construção, a cerca media aproximadamente 40 a 60 metros e dependia dos rastros dos animais que por ali caminhavam. Um detalhe muito interessante realizado no decorrer da construção, eram as aberturas de aproximadamente 40 centímetros de largura.

Essas aberturas eram feitas de dois em dois metros no decorrer da cerca, que formava um corredor com formato de um funil de aproximadamente 50 centímetros de comprimento e feito com varas de madeira de 1,50 centímetro de altura. No meio de cada corredor eram

³⁸ Um tipo de cestaria feita com cipó titica, que serve para carregar mandioca, frutas, peixes e demais produtos.

colocadas as armadilhas de laço para pegar os animais que por ali tentavam passar. Depois de concluir o *yúlíca*, os *Waikhana* voltavam para a sua maloca.

Depois de uma semana eles retornavam para ver o *yúlíca* e encontravam vários tipos de animais presos nas armadilhas de laço. Os animais que eram pegos na armadilha eram: *kãhãno* (*inambu*), *wa'nópinó* (*mutũ*), *yakuró* (*jacu*), *tenténó* (*jacamim*), *semênó* (*paca*) e *buró* (*cutia*). Novamente os *Waikhana* montavam as armadilhas de laço, voltavam para as suas malocas, com os animais que foram pegos na armadilha e com a esperança de ter um retorno positivo nas próximas visitas ao *yúlíca*.

Outro instrumento utilizado pelos *Waikhana* para a caça, era o *buhpuwéro* (*zarabatana*). Para construir esse instrumento, era necessário adentrar no mato para encontrar e derrubar o *buhpuñó* (pé de *parí*). Depois de derrubado, era cortado com aproximadamente 1,5 metro de comprimento e colocado dentro da água do rio ou igarapé. Depois de algum tempo, era tirado da água para a limpeza interna do pedaço do *buhpú* (pedaço de *parí*) e até ele ficar oco.

Quando o pedaço do *buhpú* estava limpo, os *Waikhana* se preparavam para construir a arma de caça, conhecida como *buhpuwéro*. Eles se preocupavam no primeiro momento com a construção da boca do *buhpuwéro*, utilizando um pedaço de madeira e no final o instrumento possuía uma boca semelhante ao de uma corneta. Para fixar o pedaço de madeira, semelhante a um pequeno funil embutido na ponta do *buhpuwéro*, era necessário a utilização do breu.

Dessa forma, o instrumento passava a ter em uma das extremidades, uma ponta semelhante ao de uma corneta e pronto para ser utilizado na caça. A munição era extraída dos *yem̃ ñolin wahkari* (espetos do pé de *patauí*), com aproximadamente 10 centímetros de comprimento. Eles eram afiados em uma das suas extremidades e no decorrer dos espetos os *Waikhana* na forma sequencial diminuía o tamanho da circunferência dando mais ou menos no formato de um parafuso.

Essa técnica era utilizada para que quando o espeto atingisse a caça, ele poderia quebrar dentro do corpo do animal, matando-o. Na ponta afiada do espeto, era colocado um veneno líquido apropriado para matar a caça. Esses venenos líquidos apropriados, eram extraídos nas serras e somente lá existem. Depois de serem extraídos, eles eram cozidos pelos *Waikhana* até ferver e depois eram guardados para ficarem a disposição para a caça. No lado oposto do espeto, eram amarradas pequenas penas, para que o sopro do caçador tivesse êxito.

Para utilizar o *buhpuwéro* na caça, é necessário colocar o espeto do pé de *patauí* dentro do instrumento, nas proximidades da extremidade semelhante ao de uma corneta. A ponta afiada do espeto, deve estar voltada do lado da caça. Na sequência, o caçador aponta a

outra extremidade em direção à caça, encosta a boca do lado que tem a semelhança ao de uma corneta e assopra com força. Dessa forma o espeto sai com uma velocidade rápida e atingindo a caça. Com a ajuda do veneno a caça acaba sendo abatida. Com o *buhpuweró*, os *Waikhana* caçavam *wayéhkε mεnanó* (anta), *ahké* (macaco), *yehseró* (porco queixada) e demais pássaros.

CAPÍTULO III

O VOO INDÍGENA WAIKHANA NA INTERNACIONALIZAÇÃO DA PESQUISA: APRENDENDO A VIAJAR ENTRE OS MUNDOS AMAZÔNICO E ANDINO

“A gente só existe porque a Terra deixa a gente viver. Ela dá vida pra gente. Não tem outra coisa que dá vida. É por isso que a gente chama ela de Mãe Terra.”

Ailton Krenak

3.1-O voo indígena Waikhana nas águas amazônicas

A narrativa de muitas memórias afetivas revela no início do primeiro capítulo deste trabalho, a memória de meus pais que tiveram uma educação escolar ministrada pelos missionários salesianos e que residiram durante esse período nos grandes prédios coloniais no regime de internato. Durante o período da educação salesiana, meus pais passaram por momentos difíceis, foram proibidos de falar a língua tradicional e em contrapartida foram obrigados a falar a língua portuguesa.

No primeiro momento, tiveram a dificuldade de falar com os seus superiores, tendo em vista que não sabiam falar português. Com o passar do tempo, aprenderam a falar a língua colonizadora que facilitou a conversa com as freiras Filhas de Maria Auxiliadora e padres Salesianos da Congregação de Dom Bosco.

Por isso quando eu nasci, os meus progenitores decidiram me educar, utilizando o método que aprenderam com os missionários salesianos. A língua que resolveram me ensinar, foi a língua portuguesa, que se tornou a minha língua falante. Dessa forma, eles sabiam que eu não passaria vergonha como eles passaram, ao entrar na escola e ao entrar em contato com os missionários.

A educação que recebi dos meus pais foi enriquecedora e proveitosa, principalmente quando aprendi a falar a língua portuguesa. Quando ingressei na escola, tive a facilidade de conversar com os missionários e no decorrer da vida escolar, também tive a facilidade de conversar com os meus colegas não indígenas. Inclusive no período em que estive no exército brasileiro, conheci vários colegas, superiores das demais regiões do Brasil e graças a educação que recebi dos meus pais não tive a dificuldade de me comunicar com eles.

O projeto do estado brasileiro de incluir os povos indígenas à sociedade nacional através dos missionários em parte deu certo e eu sou o fruto dessa ação. Aprendi a falar

português, mas não sabia nada sobre a minha cultura. Quando terminou o meu tempo de serviço no exército brasileiro, eu já estava cursando Licenciatura em Matemática, pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e consequentemente já fui contratado pela SEDUC-AM. Nessa época, eu estava morando no distrito de Taracuí, local onde nasci, no município de São Gabriel da Cachoeira, Amazonas.

Assim, fui do exército brasileiro para a SEDUC-AM. Cursar uma faculdade, era um sonho que foi realizado para obter o nível superior e ao concluir o curso eu seria professor de matemática. Nessa época, a política de implantação do Ensino Médio Diferenciado Indígena nos distritos de Pará-Cachoeira, Taracuí e Assunção do Içana estava no auge. Um seminário para a implantação desse modelo de ensino, foi realizado na cidade de São Gabriel da Cachoeira, com o objetivo de discutir e aprovar.

As instituições como Ministério da Educação e Cultura, Secretaria de Educação do Estado do Amazonas, Fundação Nacional do Índio, Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, Instituto Federal do Amazonas, Conselho dos Professores Indígenas do Alto Rio Negro, Associação dos Professores Indígenas do Alto Rio Negro, estiveram presente para ajudar na discussão e aprovação do projeto.

No ano de 2004, iniciou-se o funcionamento do Ensino Médio Diferenciado Indígena e eu recém contratado pela SEDUC-AM estava ingressando como professor da Educação Escolar Indígena do estado do Amazonas. Com a anuência da comunidade, eu e meus colegas professores, iniciamos o curso apresentando a SEDUC-AM, apenas a grade curricular com a garantia de que no decorrer dos anos iríamos elaborar o Projeto Político Pedagógico (PPP) do curso.

De acordo com a nossa programação, no decorrer do ano letivo iniciamos com a elaboração do Projeto Político Pedagógico, em parceria com os líderes da comunidade, que convocaram várias vezes os seus comunitários. Inclusive elegemos um gestor indígena, onde eu participei da concorrência e o meu opositor foi o vencedor.

No primeiro momento, tivemos a dificuldade de elaborar o projeto sobre o funcionamento de uma escola indígena diferenciada, pois para nós tudo era novo. Com os assessores enviados pelo MEC, SEDUC-AM, através da formação continuada, acabamos montando uma grade curricular diferenciada.

Junto com a comunidade, definimos que um professor do Ensino Médio Diferenciado Indígena, deveria ser contratado no total de 40 horas. De acordo com a anuência da comunidade, o curso tinha que funcionar através dos turnos matutino e vespertino. No turno matutino, iria funcionar a transmissão dos conhecimentos ocidentais de acordo com a grade curricular vigente

da SEDUC-AM. No turno vespertino, através do projeto de ensino via pesquisa, iria funcionar o estudo dos conhecimentos tradicionais.

A escritura disso, foi feita por mim, pois, na época me voluntarei para ser secretário de todas as reuniões que aconteciam a respeito da implantação do Ensino Médio Diferenciado Indígena no distrito de Taracuá. Para as pessoas que pensavam que a Educação Escolar Indígena seria um retrocesso, provamos que esse modelo de educação, também oferece um ensino de qualidade como qualquer escola presente no país. Vários dos nossos alunos que frequentaram essa escola, atualmente são graduados e inclusive um ex aluno meu é o meu colega no curso de mestrado.

Por motivo de saúde em 2010, fiz o pedido de transferência para a cidade de São Gabriel da Cachoeira, onde continuei com a minha missão de professor contratado pela SEDUC-AM. Entre os anos de 2011 a 2012, cursei a segunda licenciatura em Física, pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), aprimorando dessa forma o meu conhecimento, para ministrar aos meus alunos um ensino de qualidade.

Em 2013, tomei posse como professor de matemática concursado, no total de 40 horas no município de Barcelos, Amazonas. Em 2017, tomei posse como professor de física concursado, no total de 20 horas, também no município de Barcelos, Amazonas. Nos anos de 2018 a 2019, na cidade de Barcelos-AM, cursei a Especialização em Letramento Digital, pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

Em 2020, por motivo de saúde, com o meu pedido de transferência deferido, retornei para o município de São Gabriel da Cachoeira, para estar perto da minha família durante o tratamento, felizmente acabei me recuperando e continuei com a minha profissão de professor. No segundo semestre de 2022, fiquei sabendo que iria acontecer uma reunião na maloca da FOIRN sobre o funcionamento do curso de mestrado na cidade de São Gabriel da Cachoeira promovido pela UFAM e por simples curiosidade fui participar. No final da reunião, um clima de interesse me envolveu, por isso fiquei atento na divulgação do edital.

Quando o edital foi divulgado via internet, li atentamente os passos da seleção e iniciei com a preparação. Não foi fácil, tive que ler todos os seis livros que estavam descritos no edital e no dia da prova somente um livro seria sorteado para a elaboração da redação. Passei noites em claro lendo os livros e quando chegou a vez de ler o livro da Manuela Carneiro da Cunha “cultura com aspas” pensei em desistir.

Sacrifiquei os finais de semana para ler as 600 páginas que o livro possuía e inclusive na virada do ano para finalizar eu estava concentrado na leitura. Valeu a penas, pois o livro

sorteado no dia da prova, foi justamente o livro da Manuela Carneiro da Cunha. Fiquei muito contente e pois, eu sabia que eu iria elaborar uma excelente redação.

Na sequência, segui detalhadamente os passos da seleção e finalmente fui aprovado. O título do meu projeto de pesquisa foi: “Uma interpretação do mundo *Waikhana*³⁹: narrativas cosmológicas dos *Piratapuya*⁴⁰”. Escolhi esse tema, com o objetivo de conhecer a minha cultura, pois, até aquele momento eu não sabia de nada a respeito dele. A minha formação em Licenciatura em Física ajudou a escolher o determinado tema.

Não vou negar, no decorrer da seleção, pedi a Deus nas minhas orações, para que ele me ajudasse e ele me ajudou. Como uma criança contente que acabou de receber um presente, da mesma forma fiquei muito contente quando eu soube do resultado final e que o meu nome estava na lista dos aprovados. A partir daquele momento decidi comigo mesmo, que eu iria me esforçar para realizar um excelente curso de mestrado.

O curso de mestrado iniciou no dia 28 de março de 2023 com as disciplinas obrigatórias. Para facilitar o meu estudo no curso de mestrado, solicitei para a SEDUC-AM, o afastamento com remuneração do meu trabalho na escola e infelizmente foi indeferido. Por isso tive que pagar um professor substituto no meu lugar e tudo deu certo.

O ano de 2023 foi um ano do estudo das disciplinas obrigatórias e cada disciplina que eu estudava era um motivo de esforço. Passei noites em claro realizando os trabalhos dados pelos professores doutores da UFAM. A cada esforço que eu realizava para cada disciplina, o resultado final era nota 10 e no final somente em uma disciplina a nota foi 9,3. Não acreditei, mas cheguei a conclusão de que, a cada esforço que o indivíduo realiza, o resultado é positivo.

No primeiro semestre de 2024, durante o meu trabalho na escola, numa manhã recebi o recado de que eu fui selecionado para participar do projeto do intercambio de conhecimento na Bolívia, por meio do Programa Abdias Nascimento e patrocinado pela CAPES. As notas que consegui obter no decorrer das disciplinas obrigatórias foram decisivas para a minha convocação.

Quando eu soube da convocação, no primeiro momento fiquei paralisado, fiquei sem reação, pois passou em minha cabeça um filme, dos problemas que enfrentei logo no início do ano de 2024. No mês de janeiro de 2024, fui vítima da Covid 19, logo em seguida voltei para sala de aula para trabalhar, tive que sacrificar os finais de semana para realizar a pesquisa de

³⁹ Na língua Piratapuya, significa “Peixe-Gente”.

⁴⁰ Nome dado pelos colonizadores. É oriundo da língua tupi-guaraní onde pira significa “peixe” e tapuya “gente”.

campo do primeiro capítulo da minha dissertação, com o objetivo de apresentar na minha qualificação e com muito esforço deu tudo certo.

Quando soube que eu iria viajar para a Bolívia, sabia que seria afastado do trabalho para me dedicar somente ao curso de mestrado e especificamente ao projeto do intercâmbio de conhecimento. Depois de correr atrás das documentações como o passaporte, viajei para a Bolívia, rumo a cidade de El Alto, no início do mês de setembro de 2024. A minha chegada na Bolívia, deu início a um novo capítulo sobre a minha pesquisa.

O encontro dos dois mundos étnicos *Waikhana* e *Aymara*, se tornou um tema importantíssimo para a realização da minha pesquisa. A coincidência do surgimento dos dois povos através da água e o calendário utilizado através da observação do movimento das constelações, tornaram assuntos importantíssimos para a pesquisa e consequentemente para o projeto do intercâmbio de conhecimento.

Um voo entre mundos, expressa a síntese da minha vivência como indígena *Waikhana* no mundo andino, cuja aproximações étnicas entre nós povos indígenas confluem para uma origem ancestral que nos conecta como povos nascidos das águas. Assim, *Waikhana* e *Aymara* se vinculam a água como berço do nascimento étnico, como indígenas que emergem das águas de seus rios e lagos. *Waikhana*, uma etnia em que sua cosmovisão de origem se vincula a própria gênese da palavra peixe gente. É um voo inesperado pelas correntezas daqueles que nascem no Lago de Leite e se encontram com os indígenas *Aymara* que nascem do Lago Titicaca em Tiwanaku, berço político, religioso dos povos indígenas *Aymara* e local de nascimento espiritual.

Esse encontro de mundos, marcou os voos de uma viagem ancestral sobre nossas origens, vinculações, aproximações e diferenças como povos indígenas na América Latina ou ameríndia. Empenhado em produzir uma pesquisa sobre o pensamento indianista e a cultura indígena, considerei o seguinte objetivo: compreender como a cosmovisão andina e amazônica dos povos *Waikhana* e *Aymara* confluem como mundos indígenas, cujo modos de vida superam a monocultura de fronteiras, fundamentado nas culturas e lugares sagrados que nos conectam como povos originários da América Índia. O problema de pesquisa, questiona sobre como a cultura dos lugares sagrados dos povos *Waikhana* e *Aymara*, se confluem entre o mundo andino e amazônico dos povos originários contribui para uma matriz de ciência indígena?

Com o passar do tempo, os povos indígenas dos Andes colaboraram com a formação do estado boliviano, pois percebe-se a existência dos territórios e cidades históricas que servem como provas. Existem as histórias que contam a luta desse povo guerreiro e, além do mais, há presença das mulheres indígenas *Aymara* exercendo o poderoso trabalho informal na cidade de

El Alto. Embora os colonizadores espanhóis tenham dominado a região dos Andes, não conseguiram apagar os territórios, cidades históricas, as culturas e tradições construídos pelos povos indígenas. Esses feitos conseguiram sobreviver ao longo do tempo, juntamente com os povos nativos, pois através dessas ações e conhecimentos eles colaboraram com a formação do estado boliviano.

Além disso, há histórias que contam a luta desse povo guerreiro, antes, durante e depois da chegada dos colonizadores espanhóis. Com o passar do tempo, com muita luta, os povos indígenas conquistaram os seus direitos e liberdade. Outra ação que mostra a conquista desse povo, é a presença das mulheres indígenas *Aymara* nas grandes feiras, colaborando dessa forma com o fortalecimento da economia da cidade de El Alto.

Considerando os aspectos observados, compreendemos que a existência dos povos indígenas dos Andes, especificamente os da Bolívia, o que não foi fácil. Atualmente, através de várias lutas, conquistaram os seus direitos e liberdade, mas, é necessário que a nova geração seja conscientizada para que essa luta continue em prol da futura geração.

Em uma manhã em que a rotina do trabalho ocorria normalmente, de repente uma voz chegou aos meus ouvidos, dizendo que a gestora da escola gostaria de falar comigo urgentemente. No momento, eu estava na sala dos professores, cumprindo a hora do trabalho pedagógico, na Escola Estadual de Tempo Integral Pedro Fuguyei Yamaguchi Ferreira, que fica localizado na cidade de São Gabriel da Cachoeira, Amazonas. No ano de 2024, fui lotado nessa escola para ministrar as aulas de Física no Ensino Médio e Ciências para o oitavo ano.

Como de costume, eu estava sentado no meu lugar, corrigindo os trabalhos dos meus alunos. Quando recebi o recado, levantei-me e me dirigi em direção à diretoria. No percurso, encontrei-me com a gestora e perguntei se ela queria falar comigo. Ela disse que sim e que a conversa poderia ser ali mesmo no corredor. No momento não tinha ninguém no corredor. Os professores e os alunos estavam ocupados na sala de aula. No corredor existiam muitas cadeiras e ao sentarmos iniciamos a conversa.

A gestora me falou que eu tinha sido selecionado, através das minhas notas obtidas durante o estudo das disciplinas obrigatórias no curso de mestrado, para participar do projeto Intercâmbio de Conhecimento, na cidade de El Alto, que fica localizada na Bolívia. Quando recebi esse recado, olhei nos olhos da gestora e nesse momento passou um filme na minha cabeça. Em primeiro lugar, pensei nos momentos difíceis que passei para escrever o primeiro capítulo da minha dissertação de mestrado, que serviu como trabalho para a minha qualificação. Não foi fácil, tive que sacrificar as folgas dos finais de semanas para realizar a pesquisa de

campo na comunidade de Tapajós, fiquei noites em claro até ao amanhecer no decorrer das semanas, lendo os textos dos livros, as dissertações e as teses dos demais autores.

Sou professor concursado do estado do Amazonas no total de 60 horas. O meu expediente começa às 7:30 e termina às 22:30 horas. Quando fui aprovado para o curso de mestrado, entrei com o recurso, pedindo o meu afastamento com remuneração, para eu dedicar somente ao curso de mestrado, mas o meu pedido foi indeferido. Por isso, não foi fácil o trabalho realizado para escrever o primeiro capítulo da minha dissertação, mas consegui cumprir a missão.

Por esse motivo, quando recebi o recado da gestora, fiquei muito contente, pois sabia que seria afastado do trabalho, para somente me dedicar ao estudo do curso de mestrado e que aquela vaga conquistada era merecida. As noites que eu passei em claro, realizando as tarefas dadas pelos professores para obtenção de notas que foram excelentes, no período das disciplinas obrigatórias valeu e muito. Depois que esse filme passou na minha cabeça, falei para a gestora que eu estava muito contente e que aceitava viajar para a Bolívia. Ela me disse que o próximo passo era correr atrás dos documentos necessários para realizar essa viagem. O próximo passo foi correr atrás do passaporte.

Para obter o passaporte, tive que fazer duas viagens para a cidade de Manaus, capital do estado do Amazonas. A primeira viagem realizada, foi para dar entrada no passaporte e depois de 14 dias o documento já ficaria a disposição para retirada. Tive que retornar para a cidade de São Gabriel da Cachoeira, pois nesse mesmo período iria acontecer a minha qualificação na forma presencial. Logo depois da minha qualificação, retornei novamente à Manaus para retirar o meu passaporte. No mesmo período, fui informado para comprar as passagens de São Gabriel à Manaus, Manaus à São Paulo, São Paulo à El Alto e com escala em Santa Cruz de La Sierra (ver figura 14).

Figura 14 - Cidade de Santa Cruz de La Sierra



Foto: Wilson Bergue Vieira Fonseca, 2025.

No início do mês de setembro de 2024, o clima era de Festibal na cidade de São Gabriel da Cachoeira e eu tive que partir para a missão do intercambio de conhecimento na Bolívia. A viagem no trecho São Gabriel à Manaus, foi realizada através da lancha expresso. Durante o embarque, presenciei a fiscalização dos federais, onde os passageiros passaram pelas revistas, incluindo as suas malas e mochilas. No decorrer da viagem, a lancha Expresso⁴¹ fez uma parada obrigatória para mais uma revista realizada pelos federais. Era madrugada, não esqueço da cena do cachorro percorrendo e cheirando as mochilas dos passageiros que estavam enfileiradas em cima de uma balsa. Felizmente, tudo ocorreu normalmente até a chegada para Manaus.

A viagem de Manaus à São Paulo, aconteceu através da aeronave Gol e com a duração de quatro horas de voo. No decorrer da viagem, fui observando as belezas do paraíso verde, que

⁴¹ Uma embarcação fluvial, que possui um motor muito potente, semelhante ao transporte terrestre conhecido como ônibus, com vários lugares para os passageiros sentarem.

é a floresta amazônica e as lindas nuvens brancas que pareciam plumas brancas flutuando no ar. Pouco a pouco a paisagem foi mudando, onde as áreas desmatadas diferenciavam das áreas com florestas e essa diferença formava lindas figuras geométricas. As regiões que apresentavam montanhas e planaltos também tiveram essas características geométricas. Havia regiões que apresentavam somente campos enormes, sem a existência das árvores e que prolongou até a chegada em São Paulo no Aeroporto de Guarulhos.

O trecho São Paulo à Santa Cruz de La Sierra à El Alto, aconteceu através da aeronave Boa. Infelizmente a viagem aconteceu no decorrer da noite e não deu para apreciar as paisagens regionais durante o voo. Eu já estava preparado para minha chegada em Santa Cruz de La Sierra, em relação ao tempo, a qualquer momento eu poderia vestir as roupas para me aquecer do frio. Além disso, já estava ciente que ao chegar na cidade de El Alto, iria enfrentar um clima com temperatura baixa e incluindo a diferença da pressão atmosférica em relação ao nível do mar. Ao nível do mar, a pressão atmosférica é igual à pressão do corpo. Já acima do nível do mar, essa diferença vai mudando de acordo com a altitude, onde o ar fica rarefeito. Neste caso a pressão atmosférica diminui e a pressão do corpo aumenta, provocando dor de cabeça, tontura, fraqueza, vômito e sangramento no nariz até a adaptação do indivíduo ao ambiente.

A chegada na cidade de El Alto, aconteceu às 7:30 da manhã. Conforme eu já previa, o clima estava frio. Ao desembarcar da aeronave, cada passo que eu dava gerava um enorme cansaço, ânsia de vômito e dava impressão que o meu sangue estava congelando dentro do meu corpo. No primeiro momento pensei que eu ia morrer de cansaço, mal-estar e frio. Felizmente no decorrer das horas, o corpo foi se adaptando.

Do aeroporto, eu e meus colegas fomos levados para uma casa que seria a nossa residência, com o objetivo de conhecer os nossos quartos e guardar as nossas malas. Na sequência, partimos para conhecer a Universidade Pública de El Alto (UPEA) e na parte da tarde estivemos em La Paz para conhecer a embaixada do Brasil. O primeiro dia de adaptação não foi fácil, mas sobrevivemos.

3.2-O voo indígena *Waikhana* na cultura *Aymara* e no território da cidade de El Alto (Bolívia)

A minha chegada na cidade de El alto, aconteceu no início de setembro de 2024. Era uma manhã, o relógio do meu celular marcava 7:30 da manhã. Quando levantei da poltrona do avião, senti uma fraqueza inexplicável tomando conta de mim. Caminhei com muito esforço para fora da aeronave e durante o percurso no corredor que dava acesso ao prédio do aeroporto, percebi que o clima estava muito frio.

Depois de pegar a minha mala, caminhei em direção a van, o veículo que me transportaria para a minha nova residência. Naquele momento, notei uma coisa estranha tomando conta do meu corpo. Senti muita fraqueza, dava impressão que o sangue do meu corpo iria congelar por causa da baixa temperatura, a minha cabeça dava impressão que estava anestesiada, a ânsia de vômito atacou, mas mesmo apresentando esses sintomas, ajudei a embarcar as malas dos meus colegas, que se encontravam na mesma situação que eu. Diante dessa situação, uma coisa estava certa, eu estava a partir daquele momento na cidade andina de El Alto e que é uma das cidades mais altas do mundo. De acordo com Spinelli Júnior (2014, p. 155),

Também conhecida como “cidade aimará”, “cidade insurgente” e ainda como “cidade problema”, a cidade de El Alto, situada no altiplano boliviano a 4.000-4.100 metros acima do nível do mar, em alguns pontos sem limites claramente discerníveis com a cidade de La Paz, sede do governo nacional, é marcada pela presença de distintas estruturas organizativas e de mobilização que lhe tem assegurado, em determinados momentos, especialmente a partir do início da década de 2000, uma capacidade de mobilização massiva e de unificação em torno de determinadas reivindicações talvez sem paralelo em outras cidades latino-americanas do mesmo porte, isto é, hoje com aproximadamente 1 milhão de habitantes. El Alto é a segunda cidade mais alta do mundo.

Para uma pessoa que veio de uma região da linha do equador, conhecida como cabeça do cachorro, cujo a temperatura chega até 40 °C, altitude de 649 metros acima do nível do mar, não foi fácil encarar no primeiro momento, a baixa temperatura existente numa altitude de 4.150 metros acima do nível do mar. As nossas atividades diárias na minha região, são realizadas a uma temperatura considerada elevada, medindo entre 25 °C a 40 °C.

Em pleno meio dia, com a temperatura medindo 40 °C, nós indígenas da região da cabeça do cachorro, realizamos o nosso trabalho de roça como: capinar, coivara, plantar maniva, arrancar mandioca, roçar, derrubar as árvores e fazer o fogo para queimar o capim. Da mesma forma acontece nos locais de caça e pesca. Por isso, não foi fácil adaptar no primeiro momento, com a temperatura baixa na cidade de El alto. Segundo Condori (2003, p. 50),

La nueva ciudad no contaba con una estructuración económica e institucional y de estrutura con carácter descentralizado para un funcionamiento eficaz con las características de las demás ciudades del país pero pese a todo las ciudad de El Alto se ha convertido hasta la fecha en una de las ciudades que mas población migrante acoge, considerándose como la ciudad del futuro con un desarrollo poco estable sin embargo la problemática social y económica que presenta se pone en riesgo el futuro prometido por los problemas señalados El Alto alcanza temperaturas mínimas en promedio como mínimo 7° C como

máximo 14° C, pero sin embargo los períodos de con mayor incidencia referente a temperatura en el mes de julio alcanzando temperaturas – 6° C como mínimo y 13° C como máximo⁴².

Depois de embarque das malas na van, eu e meus colegas fomos levados para conhecer a nossa residência. No caminho, notei que a vegetação que rodeia a cidade de El Alto é árida. Por um momento, com o corpo anestesiado pelo frio, pensei se eu estava sonhando, mas era pura realidade. Nunca pensei na minha vida, que um dia eu iria conhecer pessoalmente a região árida da Cordilheira dos Andes, onde apenas cheguei a ver nos livros didáticos da escola, nas revistas e na televisão.

Era de se emocionar, mas naquele momento eu estava anestesiado pelo efeito da baixa temperatura e da alta altitude. Durante o percurso, também notei que a maioria dos prédios, não são rebocados pelo lado de fora e aproveitando a oportunidade perguntei aos professores presentes no momento o porquê daquela situação. Eles responderam que o motivo era a existência do valor elevadíssimo do imposto predial.

Tudo aquilo para mim era novidade, pois eu vim de uma região que faz parte da floresta amazônica, onde existem rios, lagos, igarapés, árvores gigantes, pássaros, animais selvagens e frutas do mato. Na minha região dificilmente existem estradas asfaltadas e de terra que ligam de uma cidade a outra. Os rios são as nossas estradas e além disso são os nossos parceiros que guardam os peixes para a nosso alimento. A floresta é nossa parceira fortíssima, nela encontramos frutas do mato, animais selvagens e ar puro que respiramos.

Tudo indica que nós seres humanos estamos interligados com a natureza, tendo em vista que somos bola de terra viva e pensante. Resumindo, vim da floresta amazônica, por isso, para mim foi uma grande novidade ver a linda paisagem formada pela vegetação árida existente na região da cidade de El Alto. Os prédios das cidades da minha região, a maioria são rebocados por fora e pintados. Foi por isso que no primeiro momento, estranhei quando vi os prédios da cidade de El Alto, que não apresentavam o reboco e pintura pelo lado de fora (ver figura 15).

⁴² Tradução nossa: A nova cidade não contava com uma estruturação econômica e institucional e de estrutura com caráter descentralizado para um funcionamento eficaz com as características das demais cidades do país, mas, apesar de tudo, a cidade de El Alto se tornou até a presente data uma das cidades que mais acolhe população migrante, sendo considerada como a cidade do futuro com um desenvolvimento pouco estável. No entanto, a problemática social e econômica que apresenta coloca em risco o futuro prometido pelos problemas apontados. El Alto alcança temperaturas mínimas em média de 7° C como mínimo e 14° C como máximo, mas, no entanto, os períodos de maior incidência em relação à temperatura no mês de julho alcançam temperaturas de –6° C como mínimo e 13° C como máximo.

Figura 15 - Cidade de El Alto.



Foto: Wilson Bergue Vieira Fonseca, 2025

Fiquei impressionado com a maioria dos prédios, que são construídos através dos tijolos de barro, e dificilmente se vê prédios que foram construídos com tijolos de cimento. Isso mostra que o comercio da venda dos tijolos de barro, deve colaborar com a movimentação da economia local e da Bolívia. As avenidas, as ruas da cidade, são pavimentadas com o asfalto, mas existem várias ruas secundárias que são pavimentadas com blocos de concreto.

Na minha região, as casas, os prédios são construídos através dos tijolos de barro, de cimento e inclusive com tábuas de madeira. Nos últimos anos, os tijolos de cimento têm tomado conta do mercado por motivo da praticidade da fabricação. Por esse motivo, a maioria das casas

residenciais que existem nos bairros da cidade de São Gabriel da Cachoeira, foram construídas com tijolos de cimento. Nos anos 90, existia na cidade uma única fábrica de tijolos de barro, administrada por um empresário e atualmente não existe mais. Nos dias atuais, o tijolo de barro é importado da cidade de Manaus. As ruas da cidade de São Gabriel da Cachoeira, são pavimentadas com o asfalto e por isso não estranhei quando cheguei na cidade de El Alto.

Depois da nossa chegada na cidade de El Alto, eu e meus colegas fomos a procura do supermercado para fazer o rancho do mês. No decorrer do percurso, encontramos apenas pequenas mercearias que são conhecidas como *Tiendas*. As proprietárias, atendem os clientes através de uma porta e janela. O cliente faz o pedido e elas trazem as mercadorias desejadas. Em um dos finais de semana fomos conhecer uma das feiras da cidade que se chamava *Pacaje* e no decorrer dos dias conhecemos outras feiras como: *Ceja*, 16 de julho e Villa Dolores. Essas feiras são conhecidas como umas das maiores feiras da América do Sul, cujo a maioria das atendedoras são as mulheres conhecidas como *Cholitas*⁴³ (ver figura 16). Para Torrez (2013, p. 113),

La mayoría de los comerciantes de la Ciudad de El Alto se encuentran ubicadas en las Ferias de la 16 de julio, Villa Dolores y la Ceja de El Alto. Una gran cantidad de estos comerciantes son personas que emigraron del área rural, y tienen como fuente de trabajo a esta actividad. Las mujeres predominan en esta actividad. La mayoría de ellas percibe que no tiene opciones laborales alternas a la actividad comercial y provienen de familias que han optado por el comercio como medio de vida⁴⁴.

⁴³ Mulheres que utilizam vestidos tradicionais, que foram utilizados pelas mulheres donzelas espanholas na época colonial. São também conhecidas como “cholas”.

⁴⁴ Tradução nossa: A maioria dos comerciantes da Cidade de El Alto estão localizados nas Feiras de 16 de julho, Villa Dolores e Ceja de El Alto. Uma grande quantidade desses comerciantes são pessoas que emigraram da área rural, e têm como fonte de trabalho essa atividade. As mulheres predominam nessa atividade. A maioria delas percebe que não tem opções de trabalho alternativas à atividade comercial e vêm de famílias que optaram pelo comércio como meio de vida.

Figura 16 - *Cholitas* em ação.

Foto: Wilson Bergue Vieira Fonseca, 2025.

A falta de supermercados na cidade de El Alto, me deixou impressionado. O único que encontrei, foi o supermercado existente no Shopping Multicine e fica perto da Universidade Pública de El Alto (UPEA). Em São Gabriel da Cachoeira, como qualquer lugar do Brasil, existem vários supermercados, onde o cliente adentra no estabelecimento, através da utilização do carrinho, faz a sua compra e depois de pagar a conta no caixa ele retorna para a sua casa.

Quanto a existência da feira da cidade de São Gabriel da Cachoeira, não se compara com as enormes feiras da cidade de El Alto. Existe um ponto na cidade, onde as feirantes gabrielenses vendem seus produtos agrícolas, peixe, mas não chegam ao ponto de preencher uma avenida e ruas secundárias. Diante dessa realidade, cheguei a conclusão, que os supermercados da cidade de El Alto, estão presentes nas grandes feiras *alteñas*⁴⁵, onde o cliente pode encontrar tudo o que precisa. De acordo com Baptista (2019, p. 61),

Um exemplo é a Feira 16 de Julio, muito simbólica para demonstrar a força dessa cidade. Trata-se de uma das maiores feiras da América Latina e, realmente, você não consegue dar conta dela toda a pé em um dia. Ela ocorre

⁴⁵ Palavra utilizado para os eventos que acontecem na cidade de El Alto. Palavra também utilizada para as pessoas que nasceram nessa mesma cidade.

nas quintas-feiras e domingos, das 07h às 20h. Começou como uma feira onde se vendiam produtos de substâncias vindos do interior e que se dirigiam para a capital, mas, atualmente, você encontra de tudo menos aquela feira tradicional de produtos frescos e secos vindos da agricultura das províncias. [...] Nada é descartável e qualquer coisa pode virar mercadoria nas mãos das *cholas*.

Os meios de transporte utilizados na cidade de El Alto são: van, taxi e teleférico. Para o transporte de um bairro para o outro, utiliza-se os três tipos de transportes citados acima. As vans são os micro-ônibus que existem na cidade e dependendo do trecho o cliente paga R\$ 1,50 a 2 bolivianos. O taxi fica a disposição para o cliente que queira chegar rapidamente no local desejado.

Os teleféricos são outros meios de transporte que existem na cidade de El Alto e servem para as pessoas que desejam chegar em um lugar específico. Através dos teleféricos, é possível chegar com tranquilidade na cidade de La Paz. O transporte de ônibus é utilizado somente nas viagens entre as grandes capitais das províncias da Bolívia e da mesma forma também é utilizada a aeronave. Para a viagem nas pequenas cidades, utiliza-se as vans.

Na sede do município de São Gabriel da Cachoeira, os meios de transporte utilizados são: taxi lotação, moto taxi e ônibus. O taxi lotação é o meio de transporte muito utilizado na cidade. Ele substitui o tradicional ônibus existente nas grandes metrópoles do Brasil. Existe também o moto taxi e ele serve para as pessoas que desejam chegar rápido no local desejado. O ônibus é utilizado para as pessoas que residem na BR 307 e em Camanaus. O barco Ferre Boot⁴⁶ e lancha Expresso, são utilizados para o transporte das pessoas que desejam viajar para Manaus, capital do estado do Amazonas, fazendo escala nos municípios de Santa Isabel do Rio Negro e Barcelos.

A aeronave também é utilizada para fazer viagem à Manaus. Existem ainda barcos de madeira, voadeiras que se movimentam com o funcionamento do motor de popa, canoas de madeira que se movimentam com o funcionamento do motor rabeta⁴⁷, que fazem viagem nos distritos e nas comunidades ribeirinhas do município. Também existe a aeronave da Força Aérea Brasileira (FAB), que faz voo nos pelotões de fronteira.

A gastronomia na cidade de El alto, é formado basicamente por: arroz, macarrão, batatas, macaxeira, banana, frango, carne de boi, carne de llama, carne de porco, peixe, verduras, pepino e tomate. As bebidas predominantes são: guaraná, coca-cola, fanta laranja,

⁴⁶ Um barco que possui um casco de ferro, geralmente é formado por dois ou três andares, transporta cargas e passageiros.

⁴⁷ Motor muito utilizado na popa de uma embarcação de pequeno, médio porte e que possui uma enorme cauda.

sprit e suco quente. Nos primeiros dias estranhei, mas com o passar dos dias fui me acostumando.

Os pratos mais comuns são: spiedo simple, broaster simple, silpancho com huevo, salchiarroz, medio lomo, trio, spiedo doble, broaster doble, silpancho com salchicha, milanesa pollo com carne, assado a la plancha, chorizo simple, doble, salchicarne, assado del pescado e gibas. Eu pessoalmente, logo depois que cheguei na cidade de El Alto, estranhei bastante, tendo em vista que no local não existe farinha de mandioca, sucos naturais, vinho de açaí, caldeirada de peixe com pimenta e prato de comida com feijão.

No município de São Gabriel da Cachoeira, a farinha de mandioca é uma das principais fontes de alimento, além da goma de mandioca que serve para fazer *bejú*⁴⁸. O principal prato existente na minha região é o derivado de peixe como: *mujeca*⁴⁹, caldo de peixe, *quinhapira*⁵⁰, assado de peixe, peixe moqueado e peixe com tucupí⁵¹. Todos esses cardápios são acompanhados de farinha de mandioca, *bejú e xibé*⁵². Existem também pratos derivados de carne de caça como: cutia, paca, anta, caititu, inambú, jacú e carará.

Em seguida vem o prato mais conhecido pelos brasileiros que é formado por arroz, feijão, macarrão e carne. Na parte da bebida na minha região existe suco de abacaxi, suco de cupuaçu, suco de taperebá, suco de maracujá, suco de caju, vinho de açaí, vinho de *bacaba*, vinho de *patauí* e vinho de *burití*. Também existem bebidas industriais como coca-cola, fanta e guaraná.

A dança mais conhecida na cidade de El Alto é a morenada. Nas festas familiares formam-se duas fileiras. Uma das fileiras é formada pelos homens e outra fileira é formada pelas mulheres. Significa dizer que cada cavalheiro, fica ao lado da sua dama e ambos começam a dançar até o momento que desejarem parar. Durante a festa, copos de cerveja são servidos constantemente e conseqüentemente dezenas de grades de cerveja são utilizadas para esse fim. Para não haver confusão, ao entrar na fila da dança é aconselhável que o indivíduo esteja com a sua própria dama.

Na região da cabeça do cachorro, a dança mais conhecida é *cuximauara*⁵³. Essa dança acontece nos bairros da cidade de São Gabriel da Cachoeira nas festas de santo, nas festas comemorativas do dia dos pais, das mães, no final dos torneios esportivos e nos clubes da

⁴⁸ Comida indígena do alto rio Negro, oriunda da goma de mandioca e que é semelhante a uma pizza.

⁴⁹ Comida indígena do alto rio Negro, oriunda do peixe, goma de mandioca e que é semelhante a uma sopa.

⁵⁰ Comida indígena do alto rio Negro, oriunda do peixe, água, pimenta e sal.

⁵¹ Molho indígena do alto rio Negro, oriundo do líquido cozido da mandioca e misturado com formiga.

⁵² Bebida indígena do alto rio Negro, oriundo da farinha de mandioca e água.

⁵³ Músicas que fizeram sucesso nos anos 80 e 90, destacando-se as músicas conhecidas como guitarradas.

cidade. Durante a festa, o salão de dança fica à disposição dos dançantes. No decorrer da festa, as bebidas alcoólicas como cerveja, caipirinha e cachaça são consumidas pelos presentes.

No interior do município durante a festa, enquanto as pessoas dançam *cuximaúra*, a bebida conhecida como *caxirí*⁵⁴, *aluá*⁵⁵, são servidas para o público presente. As mulheres se organizam em forma de uma fila, vão se movimentando no decorrer do salão no momento em que oferecem o *caxirí* através da cuia⁵⁶, para as pessoas que se encontram sentados nos bancos do centro comunitário. No interior do município, também são manifestadas as danças tradicionais como dança do *mauacu*⁵⁷ e *caricú*⁵⁸. De acordo com Souza (2019):

Por causa da quantidade de carboidratos na bebida, ela acaba sendo uma importante fonte de calorias para a alimentação dos índios. Por isso, eles utilizam o caxiri não somente em suas reuniões e festas comemorativas, mas no trabalho na roça, na caça, na pesca e em suas outras atividades produtivas, como a fabricação de artesanatos (Souza, 2019, p. 68).

A presença da religião católica e evangélica na cidade de El Alto é visível. Quando o indivíduo caminha nos bairros da cidade, é fácil encontrar as igrejas católicas e evangélicas. A igreja católica, está presente desde os tempos coloniais, com o objetivo de evangelizar e salvar a alma dos povos indígenas. Particularmente, a presença da religião católica e evangélica na cidade de El Alto não é novidade.

No município de São Gabriel da Cachoeira, a religião predominante também é católica e evangélica. Quando os missionários salesianos chegaram na região da cabeça do cachorro, eles construíram enormes prédios coloniais e lindas igrejas católicas com estilo barroco. Foi nesses prédios coloniais que os meus pais estudaram como alunos internos.

A etnia predominante na cidade de El Alto é *Aymara*. Também nessa cidade está localizada a Universidade Pública de El Alto - UPEA (ver figura 17). Além de ser uma Universidade Pública, ela também é conhecida como Universidade Indígena da Etnia *Aymara*. Através dessa universidade e demais outras universidades existentes na cidade de El Alto, vários cidadãos *Aymara* se formam em diversas áreas. Diante dessa realidade, quando o indivíduo caminha nas ruas da cidade, é fácil encontrar as placas de propaganda, indicando que

⁵⁴ Bebida feita através da mandioca, batata, cana e que se torna alcoólica através da fermentação.

⁵⁵ Bebida feita através do abacaxi e que se torna alcoólica através da fermentação.

⁵⁶ Recipiente natural, oriundo de uma fruta existente na Amazônia brasileira.

⁵⁷ Dança indígena existente na região do alto rio Negro, manifestado durante a oferta das frutas, peixes, produtos indígenas, para outros povos e mulheres. Essa ação é conhecida como dabucurí.

⁵⁸ Dança indígena existente na região do alto rio Negro, que é manifestado no dia do dabucurí e nas festas que acontecem na comunidade.

naquele local, funciona o escritório de um advogado, dentista, oftalmologista, médico, engenheiro civil e engenheiro mecânico. A presença desses profissionais, faz a diferença no desenvolvimento da cidade de El Alto.

Figura 17 - Universidade Pública de El Alto.



Foto: Wilson Bergue Vieira Fonseca, 2025

Os prédios são projetados por um engenheiro civil e construídos com segurança. Os engenheiros mecânicos garantem manutenção de qualidade para os automóveis. Os médicos, dentistas e oftalmologistas ficam à disposição da população para dar assistência à saúde. Os

advogados por sua vez, ficam à disposição da população para dar assistência nos problemas jurídicos. Nesse sentido, a cidade de El Alto está muito avançada.

No município de São Gabriel da Cachoeira, existem 24 etnias vivendo na cidade e no interior. As universidades que atuam na cidade são: Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Universidade Paulista (UNIP) e Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI). Até no momento, essas universidades têm colaborado com a formação dos profissionais da educação e em algumas áreas de saúde. Atualmente a UEA, possui um grupo de universitários que estão cursando a faculdade de direito.

Por enquanto, não há nenhuma universidade indígena na cidade, mas já está na fase da implantação em parceria com a UFAM. No decorrer da minha estadia na cidade de El Alto, através da conversa dos professores, fui informado que os ancestrais dos primeiros povos da região, surgiram através do Lago Titicaca. No decorrer da sua existência, esses povos através da observação de uma constelação, conseguiram montar um calendário para a realização do trabalho agrícola.

Para se proteger, agradecer, fazer pedido, eles realizavam uma cerimônia com a coordenação de um *Yatiri (pajé)*, oferecendo as mesas de alimento para os ancestrais e *pachamama* que em *quechua* significa “Mãe Terra”. O surgimento dos ancestrais dos primeiros povos dos Andes, através do Lago Titicaca, coincide com o surgimento do ancestral dos *Wa'ikhana*, que também surgiu através da matéria encontrada nas águas do planeta Terra pelo *Uhpó Kõãkhen*⁵⁹. De acordo com Silva (2012, p. 126 - 127),

Em seguida, Uhpó se pôs mais uma vez a pensar e sentiu que faltava ainda alguma coisa. [...] Então decidiu descer até o rio, o rio de ‘água de transformação’ (pamulin ahkó) para continuar a sua busca. E procurou por todo o mundo das águas, tateando com uma das mãos. [...] E foi assim que conseguiu encontrar o outro ‘coração’ (hedipona), a outra ‘essência de vida’, a qual depositou na cuia benzida. [...] Foi assim que Uhpó criou os seus netos; e foi na água que ele nos encontrou: nós somos netos do Waikhana, ‘Povo Peixe’.

Os *Waikhana*, no decorrer da sua existência, através da observação do movimento de várias constelações, conseguiram montar um calendário para a realização da roça, caça e pesca.

⁵⁹ Na língua Piratapuya significa “Deus Trovão”. É o Deus que criou o primeiro ancestral dos *Wa'ikhana*.

Através do *yai*⁶⁰, *kumu*⁶¹, *baya*⁶², com a técnica do *bahseye*⁶³, utilizando o cigarro, breu, eles realizavam a proteção individual e coletivo. Inclusive, através da técnica do *bahseye*, eles também preparavam para o bom andamento no trabalho da roça, caça e pesca.

3.3- O mundo andino como resistência ao colonialismo sobre proteção da *Pachamama*

Com a chegada dos colonizadores espanhóis, o mundo andino teve que se submeter às culturas e tradições do colonialismo. Nos tempos atuais, é notável que esta ação não foi o suficiente para apagar os locais históricos, as culturas e tradições do mundo andino. A existência do sítio arqueológico na região do *Tiwanaku*, a utilização da oralidade para transmissão dos conhecimentos tradicionais e a luta a favor da descolonização são as provas vivas da resistência ao colonialismo do mundo andino sobre proteção da *Pachamama*.

A primeira visita que eu e meus colegas, mestrandos e doutorandos realizamos, foi conhecer a região do Tiwanaku. A região do Tiwanaku é conhecida como um dos maiores sítios arqueológicos da América do Sul (ver figura 18). Era uma manhã, quando embarcamos numa van e partimos em direção a região do Tiwanaku. Para mim tudo era novidade, eu não sabia de nada sobre a cultura boliviana até aquele momento e muito menos sobre a história do Tiwanaku.

Figura 18 - Sítio Arqueológico do Tiwanaku.

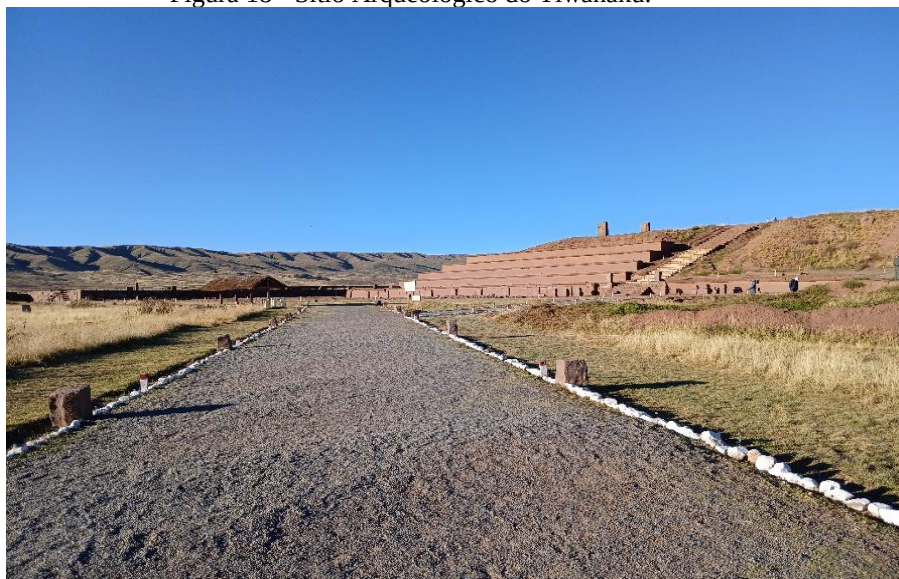


Foto: Wilson Bergue Vieira Fonseca, 2025.

⁶⁰ Pajé que tem o poder de realizar a cirurgia, através da ação de jogar água no paciente, chupar na área dolorida do corpo do paciente, para tirar os malefícios existentes no paciente.

⁶¹ Pajé que tem o poder de curar a doença do paciente, utilizando a cerimônia de *bahseye*.

⁶² Mestre de canto e dança.

⁶³ Cerimônia utilizada pelo Pajé, com a utilização das fórmulas sagradas para a curar um doente, servindo também para a proteção individual e coletivo.

No caminho, paramos em um restaurante e saboreamos um cardápio típico da região acompanhado de peixe frito. Antes do almoço, um senhor nos convidou para participar de uma cerimônia. No local da cerimônia, existia um monólito *Pachamama*, ao redor dele todos nós presentes derramamos vinho que se encontrava dentro de uma garrafa e no sentido anti-horário. Era uma forma de pedir permissão a *Pachamama* e aos ancestrais para adentrar nos territórios sagrados.

Depois do almoço, continuamos a viagem até chegar no sítio arqueológico na região do *Tiwanaku*. Quando chegamos, olhei várias casas e pensei que eu estava chegando numa comunidade. Saí da van, percebi que além das casas, existiam várias barracas de venda a disposição para atender os clientes, que desejavam comprar artesanatos regionais, lanche e lembrancinhas.

Notei também que naquele local, existem trilhos do trem abandonados. Fiquei parado por um momento admirando-os e imaginando que um dia, as pessoas que moravam naquela região, já utilizaram o trem como meio de transporte. O simples fato de ver o trilho do trem, para mim era novidade, tendo em vista que na minha região isso não existe. Nesse momento, também lembrei da minha infância, quando o pároco do distrito de Taracua onde nasci, no dia de domingo, depois da adoração do Sacratíssimo, através do cinema, mostrava os filmes do faroeste e oriundos dos Estados Unidos. Os cenários dos filmes eram semelhantes ao local onde eu me encontrava naquele momento.

Durante a minha viagem na imaginação, vi meus colegas se dirigindo numa direção e resolvi acompanhá-los. Depois de caminhar alguns metros, cheguei em um local, onde as pessoas pagavam o ingresso que dava o direito da pessoa entrar por um portão em direção ao sítio arqueológico. Paguei o meu ingresso, fui caminhando lentamente, o dia estava ensolarado e o vento soprava um ar frio de forma agradável. No decorrer do percurso, percebi a presença de várias pessoas trabalhando no local, uns continuavam com as escavações e outros realizavam o trabalho de manutenção dos objetos.

Por um momento, fiquei paralisado admirando a linda paisagem da região do *Tiwanaku*. Logo a minha frente, avistei uma construção antiga que ainda não foi escavada totalmente. Fiquei sabendo logo em seguida, que aquela construção antiga se chamava Pirâmide *Akapana*, em idioma *Aymara* significa àquele que carrega a luz. Acredita-se que o local, servia como centro de observação astronômica e celebração de rituais onde as pessoas eram mortas.

Fiquei admirado com a engenharia utilizada para construir aquela pirâmide. O formato das retas que a construção apresentava, eram perfeitas e também a formação dos ângulos. Os blocos de pedra que foram utilizados para erguer a pirâmide, estavam encaixadas perfeitamente e fiquei pensando como elas resistiram ao longo do tempo se naquela época não tinha cimento para fixá-las na parede.

Continuando com a visita ao sítio arqueológico, fui caminhando lentamente, quando vi um enorme muro, com formato retangular semelhante a uma muralha que protegia o castelo do rei na idade média. Fiquei sabendo logo em seguida que o local se chamava Templo de *Kalassasaya*, em idioma *Aymara* significa templo de pedras eretas e acredita-se que na parte interna aconteciam consideradas festas cerimoniais de acordo com a orientação astronômica. Mais uma vez fiquei admirado com a durabilidade do encaixe perfeito dos blocos de pedras, que formavam o paredão e fiquei pensando qual foi o material utilizado para fixar os blocos de pedras uma em cima da outra.

Adentrei-me na parte interna do templo e notei que haviam duas estátuas que são conhecidas como monólito. Elas são oriundas de uma única pedra bruta e que foram esculpidas com perfeição para formar os admiráveis monólitos. O nome dos dois monólitos se chama *Ponce* e *Fraile*. O monólito Ponce, recebeu esse nome, por motivo de que em 1964, ele foi descoberto pelo arqueólogo boliviano Carlos Ponce Sanguinés. O monólito Fraile, em idioma Português significa frade ou monge, recebeu esse nome pelos primeiros missionários espanhóis, devido a sua semelhança com um monge.

Ao lado do Templo de *Kalassasaya*, encontrava-se uma construção com duas largas colunas, uma enorme viga com a parte superior curvada, que faz uma ligação entre as duas colunas e com uma abertura retangular vertical entre as duas colunas. Essa construção se chama Porta do Sol. Acredita-se que a Porta do Sol, recebia os primeiros raios solares nos primeiros dias de solstícios⁶⁴ e equinócios⁶⁵, que permitia medir o tempo, conhecer os ciclos agrícolas e climáticos.

Continuei caminhando lentamente e olhei meus colegas descendo em uma escada que dava acesso a um pátio quadrado que ficava em alguns centímetros abaixo do solo. Fiquei sabendo que o local se chamava Templete Semi-subterrâneo. Desci as escadas e vi a imagem de vários rostos de pedra cravados na parede semi-subterrânea. Acredita-se que o templete

⁶⁴ É o fenômeno astronômico que ocorre em duas épocas do ano em que um hemisfério recebe mais luz solar do que o outro, devido ao ângulo de inclinação que a Terra possui em relação ao seu eixo. Tem início em 21 de junho e em 21 de dezembro.

⁶⁵ É o fenômeno astronômico que ocorre em duas épocas do ano em que ambos os hemisférios da Terra, encontram-se igualmente iluminados pelo Sol. Ocorre no mês de março e em setembro.

servia para receber os reis e pessoas importantes daquela época. Acredita-se também que os 175 rostos fixados na parede, representam as diferentes etnias, raças humanas e alguns animais que existiam na região.

Em seguida retornamos para o local de chegada e adentramos em um prédio conhecido como Museu de Cerâmica. No interior do prédio, existiam vários tipos de cerâmica encontrados nas escavações e acredita-se que foram fabricados pelos *Tiwanacotas*. Entre várias, irei destacar o nome de algumas cerâmicas como: condor e felino; coleção de vasos decorados com rostos antropomórficos (figura de um homem); coleção de crânios; *mechach'uas*, utensílios usados para iluminar casas e templos.

Depois de muita admiração nas cerâmicas, fui para fora do prédio, já estava me preparando para embarcar na van, quando fui chamado para conhecer o monólito *Pachamama*. Fui caminhando com rapidez, adentrei em um prédio, continuei caminhando nos corredores e até cheguei perto de uma enorme porta. Quando me aproximei da porta, percebi que do outro lado existia um salão enorme, estava mais escuro do que claro e só existiam algumas lâmpadas para clarear o ambiente. No meio do salão, vi um enorme monólito. Era ele, o monólito *Pachamama*.

Por um momento fiquei paralisado. Senti como se uma enorme energia estivesse me prendendo, quando olhei fixamente naquele monólito gigante. Naquela hora lembrei dos momentos que ouvi as pessoas falando da *Pachamama*, nos encontros religiosos, nos programas de televisão e no curso de formação. Naquele momento, eu estava diante de um símbolo que é muito respeitado no mundo andino e que é conhecido mundialmente. O monólito *Pachamama* foi encontrado em *Tiwanaku*, por isso, o lugar é conhecido como a casa da *Pachamama*.

O nome *Pachamama*, é oriundo da língua indígena *Quechua*, que significa “Mãe Terra”. Ela é considerada como a maior divindade feminina aclamada por várias culturas e principalmente pela cultura Inca. Atualmente, ela é símbolo de fertilidade e abundância. No dia 1º de agosto, comemora-se o dia da *Pachamama*. As pessoas nesse dia, fazem oferenda em sua homenagem, enterrando uma panela de barro com comida pronta, inclusive outros materiais como álcool, cigarros e vinho.

O mês de agosto é o mês de *Pachamama* na Bolívia. Logo na primeira quinta-feira do mês, várias pessoas já iniciam os rituais e oferendas. Muitos deles realizam em colinas com mais de 4.000 metros de altitude, com o objetivo de agradecer a *Pachamama* pelos bens conquistados no ano anterior e fazer o pedido para o que indivíduo deseja alcançar no decorrer do ano. De acordo com as comunidades indígenas, como *Aymara*, o mês de agosto é o período que termina a primeira safra agrícola do mundo andino. Por isso nessa época a *Pachamama* se

encontra faminta e se alimenta das oferendas para depois dá o retorno na próxima produção agrícola.

Algumas pessoas realizam ofertas nas áreas urbanas, nas suas casas e lojas. Outras pessoas realizam as oferendas nos locais sagrados e um deles é em La Cumbre. Esse lugar fica no meio das montanhas a 4.200 metros de altitude. Nesse local, existem vários rastros de oferendas, mas o que chama atenção é a presença da estátua do Cristo Redentor com os braços estendidos. Ao redor da imagem de Cristo, é o local preferido pelas pessoas, para realizar as oferendas à *Pachamama*. La Cumbre é o lugar que faz conexão entre a cidade de La Paz e com a zona subtropical da região dos Yungas.

Os povos *Aymara* possuem uma tradição rica e mais antiga do continente sul-americano, que se expande nos países como Bolívia, Peru e Chile. Essa tradição milenar, é mantida atualmente pelos *Aymara*, principalmente o fato de manterem as práticas culturais, espirituais que valorizam um profundo respeito pela terra, ciclos da natureza e coletividade. A cosmovisão dos povos *Aymara* é alicerçada na *Pachamama*, que significa a Mãe Terra, que possui o símbolo da fertilidade, ligação entre o homem e a natureza.

Os povos *Aymara*, creem que a natureza, os elementos água, terra, ar e fogo contêm espíritos que devem ser respeitados. Os povos *Aymara* possuem um calendário orientado pelos ciclos agrícolas e astronômicos. Para os eles, o ano novo é celebrado no dia 21 de junho. Essa comemoração coincide com o solstício que acontece na estação do inverno no hemisfério sul. Nesse período, inicia-se um novo ciclo agrícola. No decorrer da cerimônia, vários rituais acontecem como sinal de agradecimento a *Pachamama* e também como forma de fazer o pedido, para que a próxima colheita seja em abundância.

Os *Waikhana*, possuem um Deus criador, o Deus Trovão. Através do elemento encontrado nas águas do planeta Terra, o Deus Trovão criou o primeiro ancestral dos *Waikhana*. Por isso, os *Waikhana* são conhecidos como peixe-gente, aqueles que surgiram através do elemento encontrado na água. O Deus trovão quando criou o ancestral dos *Waikhana*, ele já planejou e construiu o território onde eles iriam morar. Para nós *Waikhana*, esse território é conhecido como terra prometida, onde a Mãe Natureza oferece terra fértil, fartura de caça e pesca.

Essa região fica localizada na linha do equador, no rio Papurí, Amazonas, Brasil e que para nós é o centro da Terra. Do local da criação que fica localizado na cidade do Rio de Janeiro, conhecido como Baía de Guanabara, para nós o Lago de Leite, ali o primeiro ancestral dos *Waikhana* viajou em direção ao centro da Terra e através da cobra canoa. Quando ele chegou na terra prometida, construída pelo Deus Trovão, ali ele fixou e se desfrutou dos benefícios

oferecidos pela Mãe Natureza como a fertilidade da terra, fartura de caça e pesca. Dessa forma ele realizou o plano do Deus Trovão de multiplicar e povoar a Terra.

A seguir, será narrada a respeito da história oral na produção de conhecimento dos povos Aymara. Esse conhecimento, foi transmitido pelo Professor Doutor da *Universidad Mayor de San Andrés* (UMSA), Marcelo Fernandez Osco, pertencente a etnia Aymara (68 anos), nas aulas que foram ministradas na Universidade Pública de El Alto (UPEA). São informações que informam a importância da história oral na produção de conhecimento dos povos Aymara. Além disso, será também apresentado o seguinte assunto: o mundo andino como resistência ao colonialismo sobre proteção da Pachamama.

Quando se fala da história do surgimento dos povos indígenas, os investigadores pensam que são mitos e lendas. Mitos, são recursos de oralidade mítica. Devemos entender o conceito dos mitos, através dos assuntos que contamos, ou seja, através da história. Por exemplo, quando você conta sobre a história do surgimento da onça jaguar, está desenvolvendo a oralidade mítica. Temos que saber as múltiplas linhas que o mito apresenta. Se através desse entendimento que temos, podemos partir para o caráter educacional, política e etc.

Borges, um etnógrafo, estudou a língua indígena e através disso estudou múltiplos conhecimentos indígenas. É por isso que os Antropólogos ficam dois, três anos estudando a cultura indígena numa comunidade. Por isso, temos que compreender uma língua indígena ou estrangeira, para compreender uma determinada história. Há vários tipos de mitos. O mito da serpente por exemplo, deve ser lido com os outros olhos, através de olhares epistêmicos e filosóficos.

Quando eu falo com o meu interlocutor indígena, o investigador e investigado, o investigador tem que estar acima do investigado. Através desse raciocínio que devemos compreender a história dos povos indígenas. Nesse caso, o investigador aprende com o investigado e o investigado aprende com o investigador. O investigado pode ser engenheiro, doutor, mas o importante é que ambos aprendam nesse processo.

Para dialogar tem que ter tempo, horas e dias. É necessário dialogar tomando cerveja, fumando cigarro, comendo e etc. No diálogo descolonial, entre o investigador e investigado, ambos se encontram no mesmo nível. No diálogo colonial, entre o investigador e investigado, ambos se encontram em nível diferente. Nesse caso o investigador se encontra acima do investigado. Marcelo Fernandez Osco, da etnia Aymara (68 anos), em suas aulas explicou-nos o seguinte:

Eu aprendi essa metodologia conversando com meus avós e tomando coca de madrugada. Sempre tivemos que sentar para conversar e a conversa tem que acontecer com o formato de círculo. Temos sempre que falar com uma linguagem que podemos entender e não com uma linguagem do advogado, mas com uma linguagem simples. Nada de conversar com paletó e gravata, mas usar a roupa do cotidiano (Osco, 2024, informação verbal).

[...] Quando for gravar, pedir permissão para gravar e depois que gravar transcrever para a escrita. As fotografias, antes de tirar, tem que pedir permissão. Porque para nós indígenas, tirar fotografia é tirar o espírito da pessoa e que essas fotos serão vendidas. Ter cuidado com que você vai escrever, por que todo mundo vai ler, o policial, o advogado e pode comprometer para a pessoa entrevistada (Osco, 2024, informação verbal).

Uma investigação humanizada, faz com que as pessoas prestigiem seu trabalho, falam mais e compartilham seus conhecimentos para o investigador. Falar com as pessoas de maneira educada, se elas possuem fotos antigas, e se elas dispuserem, autorizarem, você pode aproveitar para utilizar na sua investigação. Se você está investigando um assunto que aconteceu numa comunidade, deve buscar através dos artigos o assunto que diz respeito à história da comunidade, e pode apresentar os artigos para ela, ler junto com a comunidade e depois escrever outro artigo ou documento.

As figuras geométricas dos desenhos *Aymara* por exemplo, possuem muitas informações para a sua investigação. As selvas, os campos, as montanhas, os rios, os animais e as plantas também possuem várias informações. Por exemplo, quando você faz as seguintes perguntas: como se chama aquele rio? Como se chama aquele passarinho? Nessas respostas, há muitas informações. A história de um animal, também possui muitas informações. Os territórios indígenas, também possuem várias informações.

Os cachorros marcam seus territórios através de cada urina que eles realizam. Nós indígenas, também marcamos nossos territórios. Dentro do nosso território, temos que conhecer o nome das plantas, dos animais, para proteger e caso for necessário, podemos acionar a área jurídica. Os territórios indígenas, não acompanham a divisão dos países. Outro tema importante numa investigação é a noção de família. Como entender uma família? Nós entendemos que uma família é formada por pai, mãe, filhos, avô, avó, tio e tia. A Antropologia Familiar se preocupa em estudar sobre a família, regras de proibição e com quem a pessoa pode se casar ou não.

Existem cinco categorias familiares no mundo. Para os gringos, quando o filho completa dezoito anos, é liberado para seguir sua vida. No mundo Andino, o filho pode continuar com o pai, mesmo sendo casado e no território onde seu pai mora. No mundo andino, pessoas que pertencem ao mesmo parentesco, até a quarta geração não podem casar entre si.

Quando uma pessoa casa com parente de terceira geração, o filho pode nascer com problema de saúde e físico.

Temos vinte e três cromossomos e temos falhas. Quando você casa com parente, que tem a mesma falha que você tem, o filho nascerá com essa falha. Quando você casa com outra pessoa, que não seja seu parente, essa pessoa supre essa falha que você tem e consequentemente o seu filho nascerá sadio. Marcelo Fernandez Osco, continua com a sua explicação dizendo o seguinte:

Eu conheço primos, que tiveram filhos com retardamento mental. Para que isso não aconteça é necessário conhecer a história do seu povo. A metodologia de investigar e depois sumir da comunidade não é adequado. Tem a ver com o diálogo colonial. Isso não é ético. Você corre o risco de perder a confiança da comunidade, uma vez que somos seres energéticos. Liberamos constantemente energia positiva, negativa e neutro, desde o mosquito que também libera energia. Temos que valorizar as metodologias indígenas, mas sempre em diálogo com as metodologias ocidentais. A colonialidade, interculturalidade e políticas públicas, são algumas palavras muito utilizadas na investigação (Osco, 2024, informação verbal).

Diretor de interculturalidade é a função que o professor Marcelo já assumiu. Foi um grande desafio. Saúde e interculturalidade, foi o que o professor Marcelo pensou no primeiro momento. Ele entrou em parceria com o Xamãs da região e disse que eles fariam parte do grupo de saúde. Os japoneses chamaram o professor Marcelo, disseram que queriam conhecer o seu trabalho e queriam aprender a técnica de cura utilizada pelos Xamãs. Os diretores dos hospitais falaram com o professor Marcelo, para que os Xamãs fizessem parte do sistema de saúde para curar os doentes. Os médicos falaram que era injusto contratar os Xamãs e diziam que eles estudaram durante cinco anos para estarem aí.

Para Professor Doutorando Roger Adan Chambi Mayta, numa investigação é necessário ouvir, falar, escrever e descotidianizar. O Antropólogo *Aymara*, que vive àquela realidade, como ele vai descotidianizar? Investigar o próprio território se torna muito mais complicado. É muito interessante um boliviano que vai pesquisar a sua comunidade, vestir outro tipo de roupa para dizer que é outro. De acordo com Roger Adan Chambi Mayta, etnia *Aymara* (34 anos): “Precisamos criar a própria metodologia de pesquisa. Estamos aqui e vamos assumir a responsabilidade de sermos investigadores indígenas. Por isso, temos que conhecer os conhecimentos tradicionais e conhecimentos ocidentais, para discutimos frente a frente com os pensadores ocidentais.” (Mayta, 2024).

A partir deste parágrafo, será narrada a história sobre o mundo andino como resistência ao colonialismo sobre proteção da *Pachamama*. Felipe Waman Puma de Ayla, quando escreveu

a sua obra, aproveitou para escrever uma carta ao rei da Espanha para informar como estava passando o mundo andino naquela época. Como os indígenas entendiam sobre o colonialismo naquela época? Os indígenas entendiam o colonialismo como os animais que atacam a sua presa. Os animais eram os espanhóis que devoravam os indígenas, que só queriam saber do ouro e prata. Isso era o colonialismo. Esse era o modelo utilizado pelos espanhóis para ordenar o seu mundo naquela época. Estamos falando do ano de 1615.

Nós indígenas até agora não estabelecemos um modelo para ordenar o mundo em que vivemos. Por isso precisamos falar, para que o mundo vá se ordenando através da nossa colaboração. Precisamos implantar um modelo que seja dialogado e precisamos de um instrumento de negociação. No passado, quando a Europa sofreu a mesma consequência, René Descartes usou a famosa frase, penso, logo existo. Ele usou essa frase na sua grande obra, para ordenar a Europa.

Felipe na sua obra, construiu uma linha divisória para implantar o centro articulador. Modelo espanhol de um lado e modelo andino do outro lado. Atualmente se formos utilizar esse modelo, necessitaríamos de assessores e condutores. No primeiro momento enfrentaríamos o seguinte: entre os povos da América do Sul, não há entendimento. Como podemos nos entender? Há várias formas de entendermos.

Catarine Walles, é norte americana, professora doutora do mundo andino e escreveu vários textos para entender o tema interculturalidade. Ela diz que os países deveriam impulsionar o tema interculturalidade e que esse tema deveria ser tratado de forma igual. Significa dizer que eu aprendo contigo e você aprende comigo, mas infelizmente o colonialismo sempre está presente. Isso é interculturalidade, isto é, as culturas indígenas sendo respeitadas entre as próprias culturas indígenas. Marcelo Fernandez Osco, continua com a sua exposição, falando a respeito da descolonização. Ouçamos:

A descolonização é separar da colonização e viver a nossa forma de viver. O racismo no colonialismo, é uma ação que não dá apoio ao desenvolvimento de um país. Atualmente, o colonialismo está ficando na cabeça dos homens e mulheres. Não podemos falar da descolonização sem passar pela guerra. Nós Aymara, já estamos passando pela descolonização, por isso já estamos pegando em armas para a luta. A interculturalidade é um conhecimento dos últimos tempos. As guerrilhas fazem parte do processo de descolonização. Não há uma verdade, há verdades, cada cabeça é um microuniverso e esse mundo é pluriverso. Assim como Platão, temos que ter uma conversa filosófica para encontrarmos soluções. Nós indígenas temos outra visão dos não indígenas. Os filósofos, no passado fizeram grandes perguntas, mas tiveram poucas respostas (Osco, 2024, informação verbal).

Para que aconteça a descolonização é necessário que existam pensadores indígenas com novas ideias. Praticamente, esses pensadores indígenas devem ser conhecedores dos conhecimentos ocidentais e também dos conhecimentos tradicionais. Dessa forma, os povos indígenas poderiam buscar uma nova forma de viver, para cuidar da sua saúde, educação, cultura e sempre lembrando que somos seres interdependentes. Marcelo Fernandez Osco, continua com a sua explicação dizendo o seguinte:

Acredito que temos vários pensadores indígenas, no Brasil, nos Andes, que devem colaborar com novas ideias indígenas. Temos curso de comunicação, curso de filosofia, curso de direito, curso de medicina, mas de forma separada. Atualmente há desequilíbrio de ecossistema. As imprensas norte americanas fizeram um estudo, trazendo profissionais especialistas, incluindo antropólogos e biólogos. Pegaram amostras de sangue dos indígenas e levaram para os Estados Unidos. No laboratório, fizeram uma comparação que em dez anos, os indígenas perderam o sistema imunológico. Nós como homens somos afetados e depois os animais. Somos seres totalmente interdependentes, dependemos um do outro (Osco, 2024, informação verbal).

Na descolonização, poderíamos buscar uma nova forma de trabalhar na área de educação. Os colonizadores para transmitir os conhecimentos ocidentais, adotaram a forma de educar, utilizando enormes prédios e entre quatro paredes. Nós povos indígenas tínhamos a nossa forma de educar, para transmitir os conhecimentos milenares que percorreram de geração em geração ao longo dos séculos. Tínhamos nossos médicos, enfermeiros, engenheiros, artistas e não dependíamos dos colonizadores. A transmissão de conhecimento acontecia verbalmente e em nenhum momento acontecia através da escrita. Em Guatemala a transmissão de conhecimento acontece de forma diferenciada, que pode servir como exemplo para nós povos indígenas da América do Sul, como lembra Marcelo Fernandez Osco. Vejamos:

Eu ensinei em Guatemala, na universidade indígena de uma forma diferenciada. Depois de horas de viagem, às oito horas da noite cheguei em Elsi. Chegando lá procurei o prédio e os estudantes. Depois vi um campo, as plantas, que na verdade já era a universidade. Eu como Aymara, procurei o prédio, os alunos, onde o mundo do conhecimento acontece em quatro paredes, com livros e nesse método muitas vezes não há aprendizagem observando o campo por exemplo. O mundo externo necessita de pedagogia. Os indígenas do Guatemala, observam a terra, o mosquito, a planta e o movimento dos astros. Eu pensei, como posso aprender no meio do cultivo de plantas? Na justiça, os animais exercem também jurisdição e exercem justiça. Tinha uma aluna que agora é bióloga, observou as formigas e disse que o homem é que invadiu o seu habitat. O mundo indígena aprendi com os animais, aprendi escutando, vendo, saboreando e observando. Isso serve para qualquer etnia, como Aymara e Guaraní por exemplo. Para mim tudo isso foi novidade na Guatemala. Em Tiwanaku, vimos um pouco disso. Vimos as formas de arquitetura e outra forma de engenharia hídrica. As lutas, os

movimentos acontecem, para isso é necessário estudar a história, para compreender as lutas, os movimentos indígenas e as marchas (Osco, 2024, informação verbal).

Felipe Waman Puma de Ayala, autor indígena do século XVII, possuía uma carta para ser enviada ao rei da Espanha. Infelizmente essa carta não chegou ao destinatário, mas depois de algum tempo descobriu-se que era obra do Felipe. Ele explicava através de 400 histórias em quadrinhos sobre o surgimento do mundo andino, que ficou conhecida como La Crônica. É interessante estudar essa obra, para entender a política atual da Bolívia. Essa obra possui histórias em quadrinhos difíceis de se entender. Para compreender foi necessário realizar estudos nas universidades dos Estados Unidos e Europa. Através dos estudos realizados, o autor se tornou reconhecido e valorizado.

Nas histórias em quadrinhos, se destacam algumas pessoas como homens e mulheres. Tudo indica que o mundo andino é baseado na formação do homem e da mulher. Todo o mundo andino sempre inclui o homem e mulher. Porque homem e mulher? No mundo social existe homem e mulher, no mundo animal existe macho e fêmea e no mundo físico temos o positivo e negativo. Por isso que a Terra e Lua não se chocam, por causa do positivo e negativo. O sistema cromosomático, também contém a informação dos polos positivo e negativo. Não há no mundo a ausência do positivo e negativo.

No mundo político também é a mesma coisa. O mundo andino é regido por dois elementos, o homem (+) e a mulher (-). A forma de pensar dos dois é em paridade. Os antigos filósofos eram homens. Através deles a cultura grega conseguiu dar os primeiros passos para a ciência. Quando o Cristóvão Colombo chegou em 1538 na América, ele veio acompanhado pelos homens e as mulheres não vieram. Para eles na época, a mulher não tinha capacidade de governar e comandar o exército.

No mundo andino, a realidade era ao contrário. A mulher tinha a formação para ter a capacidade de governar e comandar o exército. Quando os espanhóis chegaram, a mulher andina foi deixada de lado. No século XVI à XVIII, a mulher foi considerada como um ser inferior. Através dessa realidade, é notável que na América Latina, somente homem tem ocupado o cargo da presidência de cada país nos últimos tempos. Com exceção do México e Brasil, por exemplo que já tiveram mulher presidente. Conforme Marcelo Fernandez Osco,

Esse fato da desvalorização da mulher, pode ser considerado como racismo e que também pode ser chamado de colonialismo. Infelizmente o colonialismo continua existindo como matriz estruturante. Isso está presente no Brasil, na Bolívia e em toda América Latina. O colonialismo está sujeito a transmitir as

culturas do mundo inteiro e desvalorizando as culturas tradicionais. Nesse caso em termo de ciência, são valorizados os conhecimentos europeus, gregos e que estão voltados ao colonialismo. Tudo isso pode ser considerado racismo e discriminação. Inclusive em cada país existe uma forma de racismo e discriminação. Depende onde a pessoa está presente. É nessa história que entra em cena a constituição. A Bolívia já tem uma constituição plurinacional, porém, essa constituição não se cumpre na realidade. Ela está bonita no texto, mas não está bonita na realidade. A realidade é outra (Osco, 2024, informação verbal).

Santa Cruz Pachacuti Yamqui Salcamaygua é outro indígena Aymara considerado um grande pensador. A melhor produção chama-se Altar de *Poliqueti*. Era cheio de ouro, mas chegaram os europeus e acabaram com isso. Esse senhor lembra que antes era assim. A informação de gênero não se define e se define somente em relação ao cosmo. O mundo cosmológico define a condição do homem e da mulher.

Ele explica melhor também, como devemos pensar em relação a que todas as forças estão compostas pelo homem e mulher. Outro elemento mais importante é a energia do homem que gira no sentido esquerdo-direito, no sentido anti-horário. Essa cultura entendeu esse fenômeno, por que utilizaram todo o instrumento do mundo cosmológico, no caso os europeus.

A constelação do Cruzeiro do Sul é que orienta a caça, a pesca e a atividade agrícola. Isso nos mostra que somos autônomos em relação ao conhecimento, mas que dependemos da natureza e a natureza também depende de nós. As queimadas nos afetam, quando isso acontece, perdemos as plantas e os animais. Também dependemos da água e dos demais recursos naturais. De maneira geral, isso é o mundo andino. Temos a porta da Lua e a porta do Sol que está em todos os lados. Outra maneira de conhecer e agradecer esse mundo é quando festejamos, isso se torna como uma forma de agradecimento. Todos os sujeitos que estão aqui, têm seu significado.

No mundo andino, tinha dez normas ou leis e atualmente só temos três normas. Com essas dez leis se governava o mundo do império hispânico. O Sol, a Lua, a Terra, as plantas e os animais são denominados entes. Por isso temos que agradecer a *Pachamama*. No mundo andino, sujeito é sujeito, por isso havia respeito e isso era muito importante. É isso que dizia o Altar de *Poliqueti*.

Inclusive a selva amazônica é conhecida como casa grande. Quando o mundo ocidental chegou nos andes, não entendeu essa cultura. Atualmente, a esquerda e direita também não entendem isso. O ocidente não entende o que quer e os outros países não entendem o objetivo do mundo ocidental. Por exemplo, falam da preservação do meio ambiente, mas são os principais sujeitos para poluição do planeta (Osco, 2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa concentrou-se na análise sobre os elementos da cosmologia do povo *Waikhana*, que são filhos do deus Trovão e habitam a região do Alto Rio Negro. A nossa intenção consistiu em verificar a cosmogênese dos *Waikhana/Piratapuya*, suas interpretações acerca dos fenômenos do céu, da lua, do sol, das constelações dentre outras. Procuramos saber como esses indígenas serviram de guias na floresta, para realizar o manejo do bioma, para fins de sua própria sobrevivência. Verificamos também de que forma os *Waikhana/Piratapuya* construíram suas relações socioculturais, seu sistema de trabalho, a roça, seus apetrechos de pesca e de caça dentre outros.

Pode-se afirmar com base em nossa pesquisa, que o povo *Waikhana/Piratapuya* é um povo forte, trabalhador e com amplo domínio das artes. Arte do *bahseye*, dança, grafismos, apetrechos de caça e pesca, além de terem dotes para o trabalho na roça, construção de roças e malocas. Todos esses conhecimentos repassados por meio da oralidade, firmaram os aspectos identitários deste povo. Apesar dos obstáculos e problemas enfrentados na caminhada deste povo, não deixou de praticar os seus costumes e tradição, sendo um povo sobrevivente cultural nos dias atuais.

A nossa pesquisa revelou que, os missionários salesianos, com intuito de incluir esses indígenas na sociedade nacional, para “salvar” suas almas, utilizaram a catequese e a educação, obrigando-os a falarem português. Este pesquisador vivenciou este processo, sendo obrigado a esquecer a sua língua mãe para adotar a língua portuguesa. Uma situação que contribuiu para o apagamento de sua identidade indígena, recentemente reconstruída. O internato foi o aparelho institucional que serviu de instrumento ao adestramento dos indígenas ao projeto colonial.

Os indígenas que saíam do internato já não se reconheciam como indígenas, não se reconheciam dentro de suas culturas. Os *Piratapuyas* perderam a sua identidade, por assim dizer, foi o que aconteceu com este pesquisador. Meus pais eram egressos do internato salesiano e, eu, criado por eles, vivi longe da minha cultura nativa, somente assimilado a cultura ocidentalizada.

Atualmente, não é mais o internato que afasta e apaga idiomas e partes significativas das culturas indígenas, é um outro aparelho, o celular. A noite que deveria ser um momento de conversa com os pais, momento de transmissão de conhecimentos, foi substituído pelo dispositivo da *internet* e redes sociais. Isto também aconteceu com os *Aymara* que são atingidos fortemente pelas culturas ocidentais.

Não se pode deixar de reconhecer que a história da humanidade é dinâmica e comporta grandes transformações. O avanço dos processos históricos é factível e atinge os povos de modo geral. Não obstante, é preciso que as sociedades indígenas saibam se ressignificar frente à essas mudanças, acompanhando os novos tempos, de forma a não permitir o desaparecimento de seus hábitos culturais.

A pesquisa mostrou que o idioma da etnia *Piratapuya* corre o risco de ser extinto, visto que desde o evento do internato que se instalou na sociedade colonial, ocorreu uma investida institucional para fazê-lo desaparecer, dando primazia ao idioma português. Todos os sujeitos ouvidos nesta pesquisa fizeram uso do idioma Tukano para responder às perguntas da entrevista. Somente os nomes dos peixes e das constelações foram proferidos na língua *Piratapuya*.

Outra constatação é o fato de os *Piratapuya* serem um povo do trabalho, da labuta cotidiana. São exímios pescadores e caçadores, fazem seus próprios implementos de caça e pesca, sendo também muito fortes na agricultura com o cultivo de roça de mandioca. Tem muita habilidade na feitura de roçados, fazendo uso de técnicas milenares na construção de roças de mandioca.

Constatamos, por fim, que há grandes aproximações entre os indígenas *Piratapuya* e os *Aymara*. Possuem histórias análogas no que diz respeito às suas cosmologias. Enquanto que o ancestral dos *Piratapuya* surgiu no Lago de Leite, com o poder do deus Trovão, o ancestral dos *Aymara* surgiu do Lago Titicaca pelo poder do deus *Wiracocha*. As crenças destes dois povos também são semelhantes. Os *Aymara* têm a *Pachamama* como deidade sagrada, central na espiritualidade do povo, assim como os *Piratapuya* têm a Mãe Natureza como centralidade de sua espiritualidade.

Ademais, devo reconhecer que os estudos de mestrado transformaram minha vida. Sinto-me mais consciente e firme em minha identidade, sendo outra pessoa, com outra consciência. Não sou mais o mesmo. Expresso aqui os meus agradecimentos à professora Iraildes Caldas Torres, responsável por trazer o mestrado Sociedade e Cultura na Amazônia, para São Gabriel da Cachoeira, impulsionada pela reivindicação dos povos rionegrinos representados pela Lorena Araújo e João Ubiraci. Minha gratidão.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, G.B. **Mitos e Estações no Céu Tupi-Guarani**. Scientific American Brasil Edição 2006.
- AFONSO, G.B., VELHO, L., **Cuaracy Ra'angaba: O Céu dos Tupi-Guarani**. Documentário Etnodoc. Petrobrás, 2013
- BALYKOVA, K. **Quantificação e individuação em wa'ikhana**. LIAMES: Línguas Indígenas Americanas, Campinas, SP, v. 21, n. 00, p. e021003, 2021.
- Baptista, Mariana Bruce Ganem. **O Estado Plurinacional e Comunitário na Bolívia: As Lutas Populares e o Bem Viver a partir de El Alto**/Mariana Bruce Ganem Baptista; Norberto O. Ferreras, orientador. Niterói, 2019
- Barreto.Bará, Silvio Sanches. **O peixe sobre beiju é o leite e a espuma de buiuu: uma reflexividade antropológica indígena sobre a gestão cosmopolítica tukano no Alto Rio Negro**/Silvio Sanches Barreto.Bará. 2023
- BARRETO, João Paulo Lima. **Kumuã na kahtiroti-ukuse: uma “teoria” sobre o corpo e o conhecimento-prático dos especialistas indígenas do Alto Rio Negro** / João Paulo Lima Barreto. 2021.
- BARRETO, João Paulo Lima. **Wai-Mahsã: peixes e humanos. Um ensaio de Antropologia Indígena**/João Paulo Lima Barreto. 2013
- BARRETO, João Rivelino Rezende. **Úkũsse: formas de conhecimento nas artes do diálogo Tukano**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2022
- Barreto, João Rivelino Rezende. **Úkusse: forma de conhecimento tukano via arte do diálogo kumuânica**/João Rivelino Rezende Barreto; orientador, Evelyn Martina Schuler Zea, coorientador, Oscar Calavia Saez, 2019
- CARDOSO, Antonio Alexandre Isidio **O Eldorado dos Deserdados: indígenas, escravos, migrantes, regatões e o avanço rumo ao oeste amazônico no século XIX.**; orientadora Maria Helena Pereira Toledo Machado. - São Paulo, 2018.
- CARDOSO, Walmir Thomazi. **O céu dos Tukano na Escola Yupuri: construindo um calendário dinâmico**. PUC/SP. São Paulo, 2007.
- CEZAR, Diunes de Araujo. **A Participação dos Índios da Região de Aquidauana na Segunda Guerra Mundial: Memórias de Guerreiros e Soldados**. Trabalho de Conclusão de Curso (Lato Sensu). Universidade do Sul de Santa Catarina, Santa Catarina, 2017.
- Cezario Soares, Bruna. **A evidencialidade em wa'ikhana (tukano oriental), uma proposta funcional-tipológica**. -- Rio de Janeiro, 2019.
- CONDORI, Luis Aguilar. **Pobreza y desarrollo: um impacto en la sobrevivência de la ciudad de El Alto (1990 – 2000)**. . – La Paz – Bolivia: 2003

Cunha, Manuela Carneiro da. **Cultura com aspas e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

D´AZEVEDO, Soares. **Nas Fronteiras do Brasil (Missões Salesianas do Amazonas)**. Rio de Janeiro, 1950.

FERREIRA, Bruno da Silva. Entrevistado e transcrito por Wilson, presencialmente em 19 de novembro de 2023.

FERREIRA, Elielson de Souza. **Entrevistado e transcrito por Wilson**, presencialmente em 08 de março de 2024.

FERREIRA, Eliseu Mourão. **Entrevistado e transcrito por Wilson**, presencialmente em 19 de novembro de 2023.

FERREIRA, Elisiu. **Entrevistado e transcrito por Wilson**, presencialmente em 05 de novembro de 2023.

FERREIRA, Rosilete Mourão. **Entrevistada e transcrito por Wilson**, presencialmente em 19 de novembro de 2023.

FLORENCIA. **Entrevistada e transcrito por Wilson**, presencialmente em 13 de outubro de 2023.

FONSECA, Benedito. Informações repassadas durante as conversas noturnas com meu pai no distrito de Taracuí, 2002.

KÊHÍRI, Tõrãmϣ. **Antes o mundo não existia: mitologia dos antigos**. Desana - *Kêhíripõrã/Tõrãmϣ Kêhíri, Umusĩ Pãrõkumu*; desenhos de Luiz e Feliciano Lana. -- 2. ed. -- São João Batista do Rio Tiquié: UNIRT; São Gabriel da Cachoeira: FOIRN, 1995.

LEMO, Samuel Massa. **Entrevistado e transcrito por Wilson**, presencialmente em 18 de fevereiro de 2024.

MATTOS, CLG. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. In MATTOS, CLG., and CASTRO, PA., orgs. *Etnografia e educação: conceitos e usos* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

MAYTA, Roger Adan Chambi. **Entrevistado e transcrito por Wilson**, presencialmente em 29 de outubro de 2024.

OLIVEIRA, Gabriel Machado Borges de. **A participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial e a importância da liderança em conflitos armados**, 2011.

OSCO, Marcelo Fernandez. **Entrevistado e transcrito por Wilson**, presencialmente em 28 de outubro de 2024.

PACHECO Neto, Manuel **A escravização indígena e o bandeirante no Brasil colonial: conflitos, apresamentos e mitos**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015.

PEDROSA, Cândido. **Entrevistado e transcrito por Wilson**, presencialmente em 18 de fevereiro de 2024.

PEDROSA, Francilene Ernandes. **Entrevistada e transcrito por Wilson**, presencialmente em 19 de novembro de 2023.

PEDROSA, Gabriel dos Santos. **Entrevistado e transcrito por Wilson**, presencialmente em 23 de outubro de 2024.

PEREIRA, Silvania Oliveira. **Entrevistada e transcrito por Wilson**, presencialmente em 18 de fevereiro de 2024.

PILCO, Leonardo Apaza. **Entrevistado e transcrito por Wilson**, presencialmente em 02 de maio de 2025.

REZENDE, Justino Sarmiento. **A festa das frutas: uma abordagem antropológica das cerimônias rituais entre os Utãpinopona (tuyuka) do alto rio Negro**/Justino Sarmiento Rezende. 2021.

Silva, Aline Scolfaro Caetano da. Falas Waikhana: conhecimento e transformações no alto rio Negro (rio Papuri)/Aline Scolfaro Caetano da Silva. -- São Carlos: UFSCar, 2012.

SILVA, Horácio Pedrosa da. **Entrevistado e transcrito por Wilson**, presencialmente em 08 de outubro de 2023.

SILVA, Josycleide Pereira da. **Entrevistada e transcrito por Wilson**, presencialmente em 18 de fevereiro de 2024.

Souza, Elma Nascimento de. **Festibal de São Gabriel da Cachoeira – AM: Festa e Relações Interétnicas**, 2019

Spinelli Júnior, Vamberto Fernandes. **Configurações do “movimento vicinal” na cidade de El Alto, Bolívia: práticas articulatórias, contexto de conflitividade e sociabilidades políticas emergentes**. – Recife: o autor, 2014.

TORRES, Iraíldes Caldas. Por um pensamento ecológico e decolonial: saberes ancestrais e agenciamento político de mulheres na Amazônia. *Revista de Políticas Públicas*. Vol. 28. N. 1. São Luis, Maranhão, 2024

TORREZ, Liliana Silva Mamani. **Estudio del sector informal en la ciudad de El Alto**. Universidad Mayor de San Andres. La Paz – Bolivia, 2013.

VIEIRA, Sofia. **Entrevistada e transcrito por Wilson**, presencialmente em 15 de outubro de 2023.